DIZ DIAS LOUREIRO

Caso Estónia é assunto arrumado

Israel vai deixar de vender armas à África do Sul? Págs. 12 e 13

Diário de Lisboa

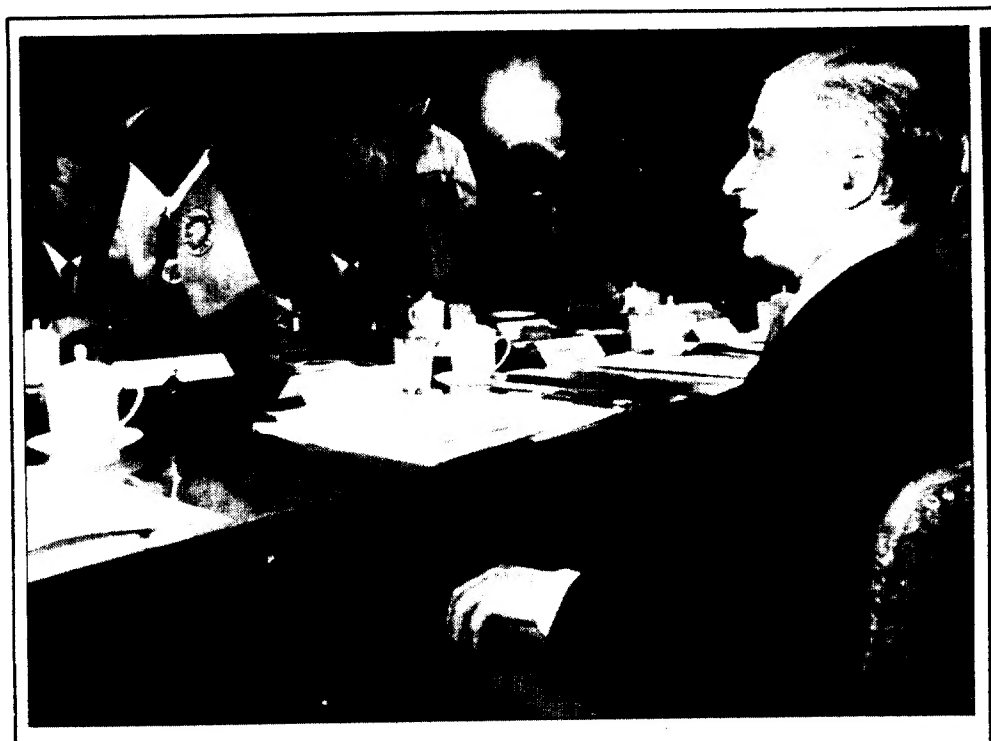
ANO 66 N.º 22 317 Quinta-feira, 19 de Março de 1987 Preço 40$00

BANCO DE PORTUGAL

Nova sede custa 10,5 milhões de contos

Praça de Espanha: planos prevêem grandes mudanças

A construção do Banco de Portugal, em terrenos situados à Praça de Espanha, deverá custar 10,5 milhões de contos, estando incluídos nesses cálculos o custo da construção do edifício (nove milhões de contos) e o dos terrenos que terão de ser expropriados (1,5 milhões). A Praca de Espanha, deverá, entretanto, ter substanciais alterações, que vão da tentativa de harmonização arquitectónica às questões de trânsito, segundo foi esta manhã anunciado em conferência de Imprensa. Pág. 9



Acordo é assinado ainda esta semana

MACAU NA HORA DO ADEUS

Pág. 3

Serra da Estrela e Praia do Rei

Demolições avançam este mês

A Secretaria de Estado do Ambiente e o Serviço Nacional de Parques mantêm a decisão de demolir já este mês 222 barracas clandestinas da Praia do Rei, que tinham sido marcadas, na semana passada, por um elemento das Câmara de Almada, acompanhado de elementos da GNR. A operação de limpeza na Serra da Estrela deverá decorrer, também, este mês, segundo apurou o «DL». Pág. 6

Praia do Rei: casas marcadas vão mesmo abaixo

Porto nas meias-finais

Casagrande: o perónio não passou da estreia

Pág. 15

VIAGENS AVIC TURISMO

EXCURSÕES

★ PÁSCOA ★

FERIADOS ABRIL E MAIO

PEÇA PROGRAMA DETALHADO NO SEU AGENTE DE VIAGENS OU NA

AVIC

AV. 5 DE OUTUBRO 68 LISBOA

CONCEDEMOS DESCONTO ESPECIAL AOS PORTADORES DO CARTÃO JOVEM

Soares no Brasil

PROGRAMA INTENSO

O programa oficial da visita de Mário Soares ao Brasil foi ontem divulgado à Comunicação Social. Foi o próprio Presidente da República a presidir à primeira parte da reunião com os jornalistas, a quem transmitiu o espírito que está subjacente a esta visita. Soares disse que gostaria que ela fosse entendida não como uma simples visita presidencial, mas «como uma visita nacional». Nesse sentido a lista de convidados abarca nomes significativos da vida portuguesa nos domínios da ciência, da arte, da música, da literatura, do desporto, da economia e da política.

O Presidente da República pretendeu que a sua comitiva fosse o mais pluralista possível e representativa do Portugal de hoje. Dela fazem parte, entre outros, por ordem alfabética, eng. Fernando Albuquerque (Casa Mateus), Luisa Maria Amaro (Música), Américo Amorim (Grupo Amorim), António Alçada Baptista, Daniel, Bastos (deputado do PSD), dr. Pinto Basto (Vista Alegre), dr. José Cordeiro Blanco (Gulbenkian), comandante Serra Brandão (Sociedade de Geografia de Lisboa), Jorge de Brito (empresário), Manuel de Brito (director da Galeria 11), eng. Luis Crespo (Presdidente da CCP), Francisco Lyon de Castro (Europa–América), dr. Manuel Jesus Chantre (empresário), dr. Vasco Pereira Coutinho (SOMAFEL), Torres Couto (UGT), João Cravinho (deputado PS), dr. António Dias da Cunha (empresário), Fernando Dacosta, Prof. Alberto Romão Dias (IST), Armando Fernandes (deputado PRD), Prof. Lourenço Fernandes (IESC), dra. Ódete Ferreira (Faculdade de Farmácia), dr. Luis Fontoura (presidente do ICEP), Prof. Mariano Gago (JNICT), eng. Sousa Gomes (IPE), Lagoa Henriques, José Luís Judas (CGTP), Eng. Carlos Rodrigues (Centro de Investigações de Ferrugens do Café), Hermann José, dr. João Lencastre (Presidente da TAP), Carlos Lopes, Oscar Lopes (Associação POrtuguesa de Escritores), Eduardo Lourenço, Benjamim Abreu (Presidente da Associação Académica de Coimbra), António Raposo de Nagalhães (CRISAL), Francisco Mantero (Grupo Mantero), Coronel Manuel Pedroso Marques (Grupo Mantero), José Nuno Martins (empresário), Rocha de Matos (Presidente da AIP), Adriano Moreira (deputado do CDS), comandante Gomes Mota (conselheiro de Estado), Vasco Graça Moura (presidente da Casa da Moeda), Jacinto Nunes (Academia de Ciências), Prof. Ferraz de Oliveira (Instituto de Higiene e Medicina Tropical), Carlos Paredes, dr. Azeredo Perdigão, dr. Abel Pinheiro (Grão–Pará), Ilídio Pinho (Grupo COLEP), Alberto Oliveira Pinto (Caixa Geral de Depósitos), dra. Maria Fernanda Mota Pinto, Júlio Pomar, dr. Artur Ravara (C), Júlio Resende, dr. Britaldo Oliveira Rodrigues (INIC), Prof. Carvalho Rodrigues (LNETI), Piteira Santos, José Hermano Saraiva, José Saramago., Prof. Laginha Serafim (COBA), António Espírito Santo Silva (Empresário), dr. Artur Santos Silva (Banco POrtuguês de Investimentos), Frausto da Silva (INA), Prof. Joaquim da Cruz e Silva (IICT), Prof. Rui Alarcão (Reitor da Universidade de Coimbra), Prof. Veiga Simão (LNETI), Raúl Solnado, José Tengarrinha (deputado do MDP/CDE), José Carlos de Vasconcelos (Presidente da Comissão Eventual de Relações Portugal–Brasil), José Vitoriano (deputado do PCP), Prof. António Xavier (Universidade Nova de Lisboa.

Como membros do Governo, acompanham o Presidente da República, o ministro dfos Negócios Estrangeiros, numa parte da viagem e o ministro da Indústria noutra, e a secretária de Estado da Cultura.

A comitiva de Belém é constituída por 13 elementos que têm a seu cargos os diversos aspectos da visita. O Presidente da República partirá de Lisboa no dia 24 de manhã (9.OO horas), viajando directamente para Brasília, onde permanecerá até ao dia 26. Seguem–se as visitas a S. Luis do Maranhão (27), Recife (28 e 29), Baía (30), S. Paulo (31 e 1) e finalmente Rio de Janeiro, onde permanecerá até ao dia 5 de Abril.

Soares receberá todos os lideres partidários brasileiros e no Recife terá um encontro com D. Helder Camara e com o escritor e sociólogo Gilberto Freire que, segundo Mário Soares «foi utilizado indevidamente por Salazar para justificar a tese de que nós não tínhamos colónias». Mário Soares reconhece em Gilberto Freire o homem que deu a arrancada à sociologia no Brasil. «O meu sentido é ganhá–lo para a causa do luso–tropicalismo mas não com o aproveitamento que fez Salazar».

O programa da visita oficial de Mário Soares é intenso e corre o risco de se tornar ainda mais sobrecarregado com as cerimónias imprevistas que inevitavelmente ocorerão.

Ao contrário do que propusera na última revisão constitucional

Freitas do Amaral defende reforço de poderes do Presidente da República

O antigo dirigente do CDS Freitas do Amaral considera que o Presidente da República deve poder vetar as leis do Parlamento que «contrariem o programa go Governo ou invandam a esfera natural da competência do Executivo».

Tal medida, uma das sete preconizadas por Freitas do Amaral durante uma palestra proferida, ontem, no «American Club», teria como objectivo «arredar a tentação do parlamentarismo puro em que estamos a cair» e «fortalecer a estabilidade, autoridade e eficácia do Executivo, que são apanágio dos países bem governados». O antigo candidato à Presidência da República é de opinião que «o sistema do Governo vigente em Portugal é, dos conhecidos, aquele que leva mais longe a desconfiança política em relação ao Governo e o enfraquecimento institucional do poder executivo».

Freitas do Amaral defendeu igualmente a modificação do sistema eleitoral com substituição da representação proporcional pelo sistema maioritário de duas voltas e a necessidade de construção de «uma maioria governativa e parlamentar estável e coerente». O antigo dirigente centrista disse ainda que o Governo deveria dispor de «uma reserva de competência legislativa, regulamentar e administrativa» e que o Tribunal Constitucional deveria ser firme «na salvaguarda do princípio da separação dos poderes, inclusivé quando violado pela Assembleia da República». Ao defender as medidas enunciadas, Freitas do Amaral considerou Portugal o país do mundo ocidental que «presentemente dá ao Governo menos poderes próprios, que o sujeita a maior número de poderes alheios, lhe confere menos condições de estabilidade e duração, lhe atribui uma capacidade governativa mais fraca e o coloca numa posição institucional mais debilitada».

Hugo Rocha
Ponto final no caso

O Presidente da República e o Primeiro Ministro já decidiram pôr um ponto final no caso Hugo Rocha. A informação foi dada pela Renascença que garante que nenhum daqueles responsáveis políticos irá insistir na promoção a brigadeiro do coronel de infantaria actualmente colocado em Madrid como adido de defesa.

De acordo com as informações recolhidas pelos jornalistas daquela estação emissora junto da Presidência da República e da Presidência do Conselho de Ministros, a decisão de Soares e de Cavaco é definitiva.

O Conselho Superior de Defesa Nacional vai assim apreciar na sua próxima reunião a lista de promoções a brigadeiro do Exército cuja homologação estava prevista para o passado dia 4.

Entretanto, recorde–se, a lista foi reconfirmada pelo Conselho Superior do Exército que considera terem presidido à sua elaboração apenas mecanismos e critérios de ordem técnico–profissional, fundamentados na legislação portuguesa.

Eduardo dos Santos visita Portugal

O Presidente de Angola, José Eduardo dos Santos, propôs a segunda quinzena de Setembro para visitar oficialmente Portugal, aceitando assim o convite que lhe foi endereçado pelo Chefe de Estado português.

A aceitação do convite e a data proposta estão contidas numa mensagem de Eduardo dos Santos, que foi entregue ao Presidente da República pelo embaixador daquele país, Mawete João Baptista, durante uma audiência que Mário Soares lhe concedeu ontem.

Chineses parecem irredutíveis

DUPLA NACIONALIDADE PROLONGA NEGOCIAÇÕES EM PEQUIM SOBRE MACAU

A questão da dupla nacionalidade dos cidadãos chineses naturais de Macau é o ponto ainda controverso nas negociações que decorrem em Pequim sobre a transferência do território para a soberania chinesa. Nas duas horas e meia da reunião desta manhã, apenas se ultrapassaram os pontos relativos às pensões sociais e à concessão de terras. As dificuldades na questão da nacionalidade poderão determinar a assinatura de um acordo apenas para sábado ou domingo, referiram em Pequim fontes próximas das negociações.

A data da transferência foi igualmente ultrapassada e, tal como referiu o DL na sua edição de ontem, ela deverá ocorrer em Dezembro de 1999, dez dias antes do final do ano.

As duas delegações voltaram a reunir esta tarde, no que é considerado um prolongamento dos trabalhos, destinado a superar os pontos ainda em confronto.

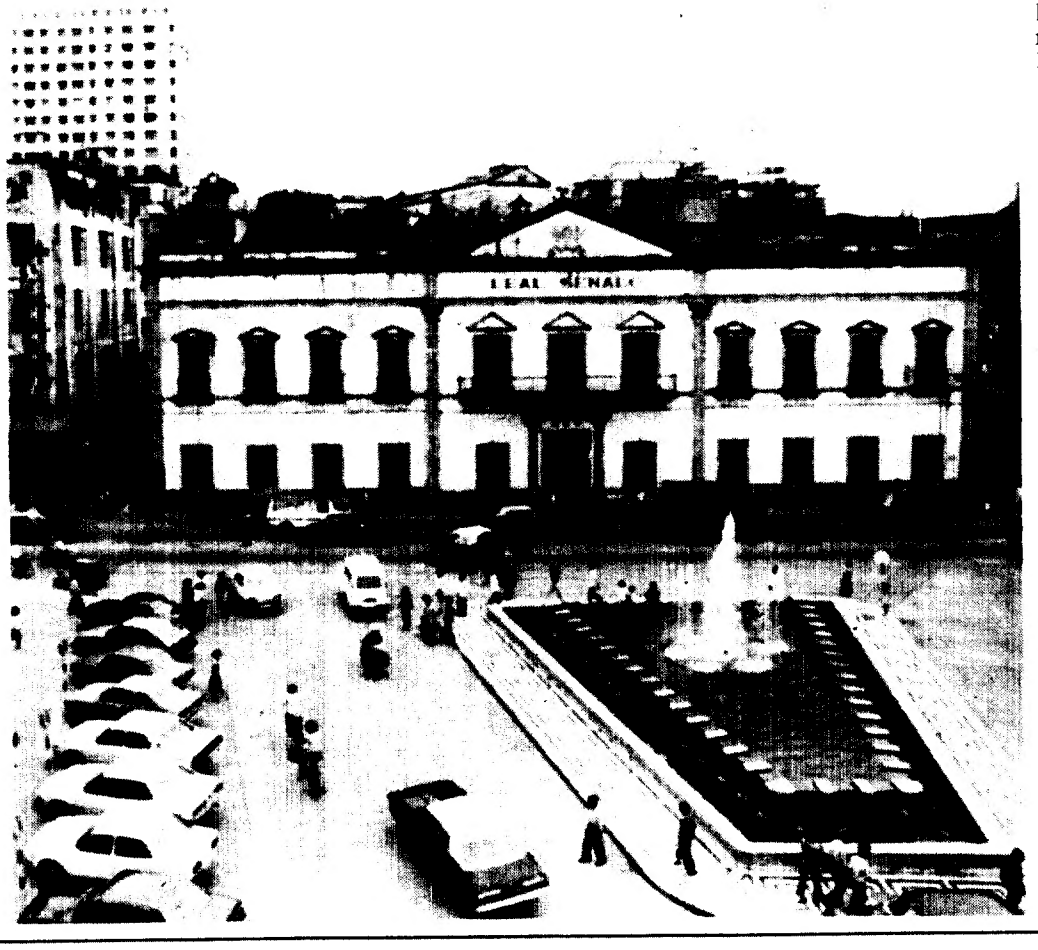
A delegação portuguesa esteve reunida ontem, de tarde e à noite, na embaixada de Portugal, mantendo contactos telefónicos e por telex com Lisboa, nomeadamente com a Presidência da República e com o ministério dos Negócios Estrangeiros.

Uma fonte da delegacão indicou que o texto do acordo alcançado entre as duas partes deverá ser dado a conhecer na reunião de amanhã, em Belém, do Conselho de Estado, de modo a permitir que o orgão consultivo do PR se pronuncie sobre ele antes de ser rubricado em Pequim pelo embaixador Rui Medina, chefe da delegação portuguesa.

Tudo indica, precisou a mesma fonte, que Rui Medina poderá assinar o documento já no sábado, ou mesmo no domingo.

Fontes diplomáticas e outros observadores presentes em Pequim sublinharam a pressão que as autoridades chinesas têm feito no sentido de o acordo estar concluído antes da próxima sessão da Assembleia Nacional Popular, que reune a partir de 25 de Março próximo.

O acordo será assinado, em definitivo, pelo Primeiro-Ministro Cavaco Silva, em meados de Abril, e será, depois, submetido à ratificação formal dos parlamentos dos dois países.



O Governador de Macau, Pinto Machado, chega hoje a Lisboa, a fim de participar na reunião de amanhã do Conselho de Estado.

Industriais portugueses visitam a China

Uma delegação de industriais portugueses, chefiada por Omar Karim, vice-presidente da Associação Industrial Portuguesa, encontra-se, já há alguns dias de visita à China, com o objectivo de «incentivar, de imediato, a cooperação técnica e as relações comerciais» entre Portugal e a República Popular da China.

A delegação manteve já importantes contactos, ao mais alto nível, com as autoridades chinesas e prevê-se, para já, o fornecimento à China de equipamentos de siderurgia, de produtos químicos e de máquinas-ferramentas, além de uma maior participação em feiras portuguesas e a concessão de estágios a especialistas chineses, em empresas portuguesas. A delegação, que vai visitar ainda a região de Cantão, manifestou interesse nas possibilidades de cooperação de Portugal no quadro da CEE e ao desenvolvimento das relações comerciais na envolvente de Macau.

"Assunto encerrado", afirmou Dias Loureiro

PSD não tomou posição contra Fernando Amaral

«O assunto está encerrado para o PSD», considerou a noite passada o secretário-geral daquele partido, Dias Loureiro, no final de uma reunião de três horas da respectiva comissão política, convocada para debater o conflito Governo-Parlamento a propósito da Estónia. Segundo o responsável do PSD, «não foi tomada qualquer posição sobre o militante Fernando Amaral».

As declarações de Loureiro desmentem, assim, informações veiculadas pelos jornais «o século» e «tempo» que apontavam para a retirada de confiança do PSD ao seu militante Fernando Amaral. O Presidente da AR, recorde-se, acusou, terça-feira, no parlamento, o Executivo de Cavaco Siva de falta de «sentido de Estado e solidariedade institucional» devido à nota pública de crítica à programada visita de uma delegação de deputados à República Soviética da Estónia.

Dias Loureiro frisou aos jornalistas que a actuação de Fernando Amaral no hemiciclo «foi feita na qualidade de Presidente da Assembleia da República». O secretário-geral do PSD considerou, ainda, que o Governo «agíu com inquestionável sentido de Estado» e que a sua posição no incidente «surtíu efeito« pois a delegação parlamentar, chefiada pelo seu presidente «não visitou» a Estónia.

Também tem sido aventada a hipótese de o próprio Presidente da Assembleia poder vir a tomar posição relativamente à sua continuação ou não como militante do PSD. De qualquer forma, recorde-se, o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda, anunciou terça-feira, durante o debate parlamentar, que o Primeiro Ministro iria escrever uma carta a Fernando Amaral a propósito das posições defendidas por este em matéria de política externa. O certo é que essa carta ainda não chegou ao Presidente do Parlamento e nenhuma atitude seria certamente por si tomada antes disso acontecer.

Quanto a um qualquer voto de desconfiança por parte do partido, nenhum orgão a não ser o próprio grupo parlamentar parece, pelo menos à primeira vista, interessado em fazer aprovar. Isto se deduz da cautela com que Dias Loureiro abordou ontem o assunto nas declarações que fez aos jornalistas depois da reunião da Comissão Política.

À hora do fecho desta edição está reunido o grupo parlamentar do PSD e o «DL» não conseguiu apurar se virá ou não a ser tomada posição sobre o militante Fernando Amaral.

A questão, aparentemente superada no tocante à situação do militante-PSD Fernando Amaral, poderá, todavia, vir a sofrer outros desenvolvimentos dado o facto de Cavaco Silva ter ficado profundamente desagradado com a actuação do Presidente da AR, que teve o apoio generalizado da Oposição parlamentar. Aquando já da designação de Fernando Amaral como candidato à presidência da AR por parte do PSD, a direcção do partido prevera outra solução. Todavia a isenção e imparcialidade com que Amaral desempenhara o seu cargo na legislatura anterior tornara-o o único candidato do PSD susceptível de merecer o apoio da maioria dos deputados.

As afirmações de alguns deputados do PSD nos bastidores do «escaldante» debate de terça- feira passada, indiciam, entretanto, a disposição do actual líder do partido de não esquecer o episódio-Estónia, sendo admissível que Cavaco vete a indicação de Amaral para futuras listas de candidatos do PSD às legislativas e reprove, para já, a proposta do seu nome para qualquer cargo de direcção do IPSD(Instituto Progresso Social e Democracia), controlado pelo PSD.

Embaixador da URSS recebido por Amaral

Fernando Amaral recebeu ontem, durante 45 minutos, o embaixador da URSS em Lisboa, Vladimir Vlodovin, em audiência protocolar. Questionado no final pelos jornalistas, o diplomata disse que «já muito foi dito» sobre o incidente-Estónia e sublinhou que há muitos documentos oficiais que reconhecem as repúblicas do Báltico como parte integrante da URSS.

Segundo Vlodovin, a visita da delegação parlamentar portuguesa revestíu-se de grande importância para as relações entre os dois Estados e os dois Parlamentos.

Dia 7 no Parlamento

Sessão solene recebe François Mitterrand

A Assembleia da República recebe dia 7 de Abril o Presidente francês François Mitterrand, numa sessão solene em que intervirá o próprio Chefe do Estado francês e o Presidente do Parlamento português, Fernando Amaral.

Ontem, a conferência de líderes parlamentares procedeu a algumas alterações na agenda anteriormente marcada devido ao debate que se realizou terça-feira sobre a visita da delegação parlamentar à União Soviética, que ocupou toda a sessão impedindo a discussão das matérias previstas.

Assim, hoje, será debatido um projecto de lei do PS sobre apoios à indústria e concluida a discussão de um outro, também do PS, relativo à enfiteuse ou aforamento. Ainda para a sessão de hoje, foram marcadas três votações sobre o Dia Mundial do Consumidor e sobre os dias mundiais da Árvore e do Ambiente.

Na sessão plenária de sexta-feira, dia 20, será discutido o projecto de resolução apresentado pelo CDS que pretende instituir o Dia do Parlamento.

Nos dias 24 e 25 de Março será a interpelação sobre política laboral solicitada pelo grupo parlamentar do PCP e para o dia 26 está marcada a discussão do projecto de lei do PRD sobre Lei da Bases da Televisão, se não for aceite o pedido de impugnação deste projecto de diploma que o MDP apresentou.

Para dia 27, a conferência de líderes confirmou a discussão do pedido do PCP para a constituição de uma comissão parlamentar de inquérito às pistas portuguesas no caso «Irangate».

No dia 3 de Abril será votado um parecer sobre a situação em Timor Leste apresentado pela comissão parlamentar de acompanhamento à situação naquele território.

Sindicato das Telecomunicações

Oposição a canais TV no sector privado

O Sindicato das Telecomunicações e Audiovisuais (STT) afirmou opor-se à concessão de novos canais de TV ao sector privado «à luz da experiência dessa abertura em países europeus».

O STT explicita que a experiência europeia em países como a Itália e França mostra que o acesso fica «limitado a grupos multinacionais que determinarão progressivamente as regras à luz dos critérios do lucro».

Acrescenta ainda aquele Sindicato que com a TV privada «a produção nacional não aumentará», assinalando que «em França em 1986 a TV privada produziu zero», enquanto a TF-1 produziu 840 horas de programação.

Para o STT, a fuga de publicidade «porá em causa a viabilidadeda RTP».

Propostas alterações ao Estatuto dos Jornalistas

PS TEM PROJECTO DE LEI PARA TELEVISÕES PRIVADAS

O Partido Socialista reiterou em conferência de Imprensa, o apoio à existência da televisões privadas, ao mesmo tempo que anunciou a apresentação na Assembleia da República de um projecto de alteração ao Estatuto do Jornalista, que, a ser aprovado, cometeria ao Conselho de Imprensa, e já não ao sindicato, a concessão da respectiva carteira profissional, indispensável ao exercício da profissão.

Com o projecto de lei dos estatutos dos meios audiovisuais, favorável às televisões privadas, «o PS apela ao PSD para que siga o objectivo nacional de equiparar os Estatutos da RDP e da RTP aos vigentes na Europa», afirmou Arons de Carvalho, secretário nacional do PS para a Comunicação Social.

Com as televisões privadas, adiantou o também deputado Raul Junqueiro, trata-se de «dar uma resposta em português ao desafio que hoje se coloca às sociedades modernas».

Este responsável socialista defendeu a abertura de televisões privadas como «um benefício para a comunidade portuguesa e para a cultura», uma maneira «de salvaguardar o carácter de serviço público» deste meio de informação.

A justificar as propostas alterações à lei do Estatuto do Jornalista quanto à concessão da carteira profissional, o deputado Jorge Lacão disse terem-se inspirado em conclusões do recente II Congresso dos Jornalistas e em encontros com o PS da direcção do sindicato.

Segundo o projecto de lei do PS, explicou, a carteira profissional passaria a ser outorgada já não pelo sindicato, mas por «uma comissão especializada no âmbito do Conselho de Imprensa (CI), presidida pelo presidente deste órgão, magistrado de carreira, e com a participação dos dois vogais do CI representantes do sindicato».

O mesmo projecto do PS prevê que o exercício do jornalismo fique vedado não apenas, como está agora, a quem o acumule com actividades em agências de publicidade, mas a quem quer que entretanto participe em «iniciativas publicitárias de carácter comercial ou em serviços de relações públicas, oficiais ou privadas».

O estágio para acesso à profissão de indivíduos formados em cursos superiores de Comunicação Social baixaria de dois anos para um ano e poderia ser cumprido em regime livre, isto é, sem vínculo laboral permanente.

SJ: eleições para os corpos gerentes

Lista "B" opõe razões à lista liderada por Joaquim Letria

A lista «B», candidata às eleições para os corpos gerentes do Sindicato dos Jornalistas, afirma que «nenhum dos 38 candidatos» que compõem aquela lista «precisou de deixar de er o que é para se apresentar à classe».

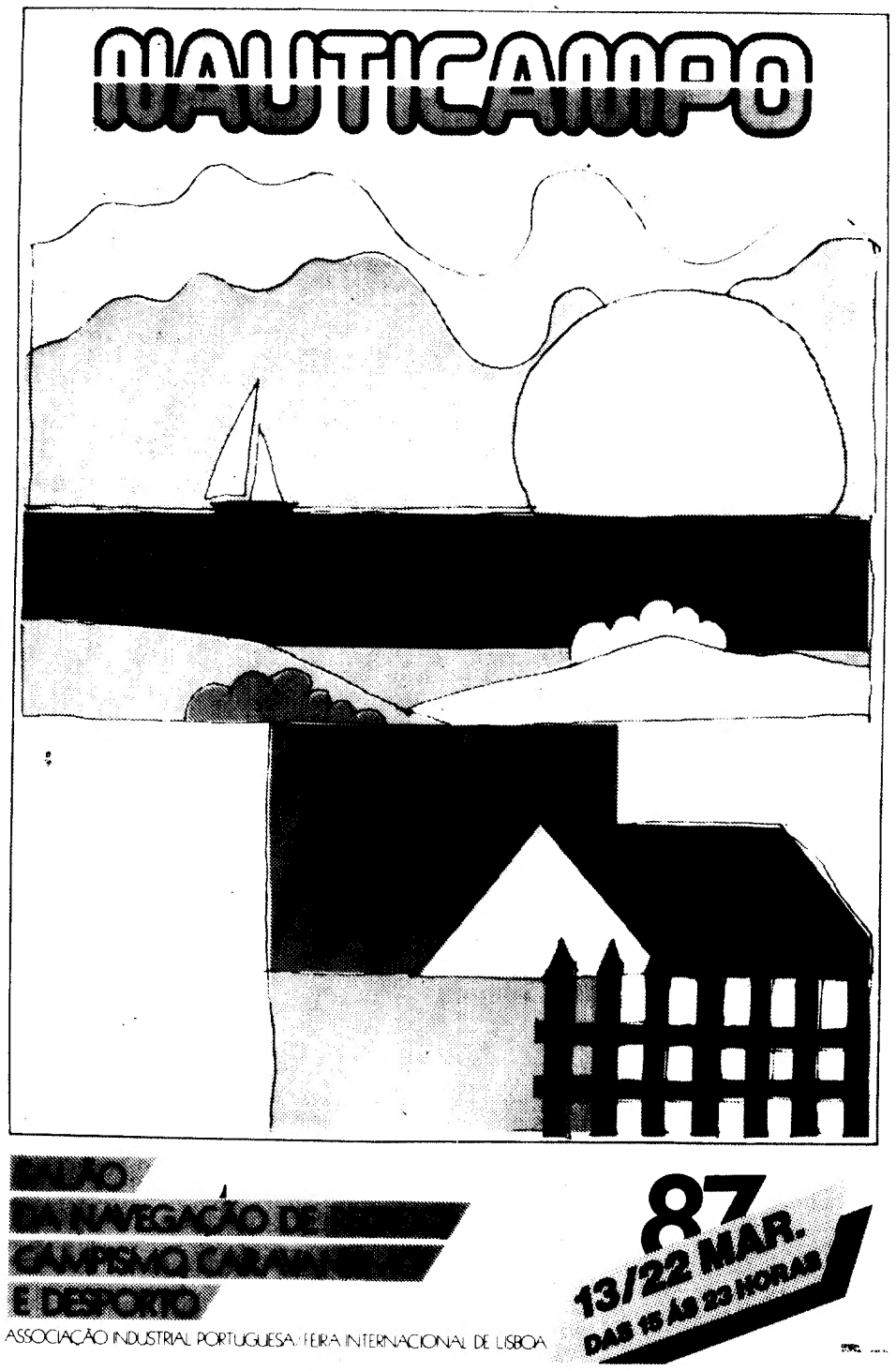
Aquela lista respondia assim às declarações ontem proferidas por Joaquim Letria, candidato ao cargo de presidente da Direcção do SJ pela outra lista concorrente, a «A», que anunciou a suspensão de «todas as funções executivas» que desempenha no PRD, se a lista que integra sair vitoriosa no pleito eleitoral sindical.

«A inequívoca independência deste Sindicato, que fomos construindo ao longo dos últimos anos, não ganha nada com uma tal operação de cosmética de última hora», sublinha a lista «B», para quem as declarações de Joaquim Letria são um «passe pouco arriscado de ter sempre um pé em terra firme».

A lista «B» recordou que «para assumir cargos partidários, Joaquim Letria desistiu de fazer uma coisa que sabe como poucos: editar um jornal de TV», interrogando-se sobre as razões por que «vem agora desistir dos cargos partidários para fazer uma coisa de que tem apenas vagas ideias».

Considera ainda a mesma lista que «não vale a pena Joaquim Letria pessoalizar esta disputa eleitoral», sublinhando que «o nosso objectivo sindical não é o de lutar contra Joaquim Letria, mas por um programa».

Como já foi noticiado, a lista «B» tem por lema «Jornalismo futuro, Sindicalismo moderno» — e integra, entre outros, Óscar Mascarenhas («Diário de Notícias»), José Pedro Castanheira («O Jornal») e Cesário Borga (RTP).



POLÍTICA DE RENDIMENTOS PARA 1987

O Conselho de Concertação Social, em reunião de 16 de Fevereiro de 1987, sob a presidência do Ministro das Finanças e a participação da **U.G.T.** — União Geral de Trabalhadores, da **C.A.P.** — Confederação dos Agricultores de Portugal, da **C.C.P.** — Confederação do Comércio Português, da **C.I.P.** — Confederação da Indústria Portuguesa, confirmou **a consistência das expectativas de desinflação traçadas em 1986** e congratulou-se com os resultados já alcançados pelo acordo de 29 de Julho de 1986 sobre Política de Rendimentos para 1987.

ACORDO DE 16.2.87
no seguimento do Acordo de 29.7.86

« O Conselho de Concertação Social, em reunião do Conselho Coordenador de 16 de Fevereiro de 1987, analisou o andamento das variáveis macro-económicas e a evolução recente do índice de preços no consumidor.»

« A inflação encontra-se no nível de 9,8%, medida de Janeiro de 1987 sobre Janeiro de 1986, o que reforça a credibilidade dos referenciais de 9% e 8% para a inflação anual 'esperada' nos I e II trimestres de 1987.»

O Conselho deliberou que:

1.º **«Os referenciais de *inflação 'esperada'*, a considerar nas negociações salariais cujos efeitos se produzam a partir dos III e IV trimestres de 1987, são fixados em:**

III trimestre — 7%
IV trimestre — 6%

2.º **«Caso surjam *desvios significativos* da inflação *verificada* relativamente à *esperada*, recomendará:**

a) **Se a inflação vier a situar-se em valores superiores aos fixados como referenciais de inflação esperada, haverá lugar a uma correcção correspondente à perda salarial verificada — quando superior a 1% — correcção que se traduzirá numa revisão automática do salário convencional no valor correspondente ao desvio no fim do período de vigência, independentemente da revisão salarial seguinte.**

b) **Se o desvio for negativo e em valor absoluto superior a 1% , a correcção far-se-á na negociação salarial seguinte.»**

9%	8%	7%	6%
no I.º trimestre	no II.º trimestre	no III.º trimestre	no IV.º trimestre

CONSELHO PERMANENTE DE CONCERTAÇÃO SOCIAL

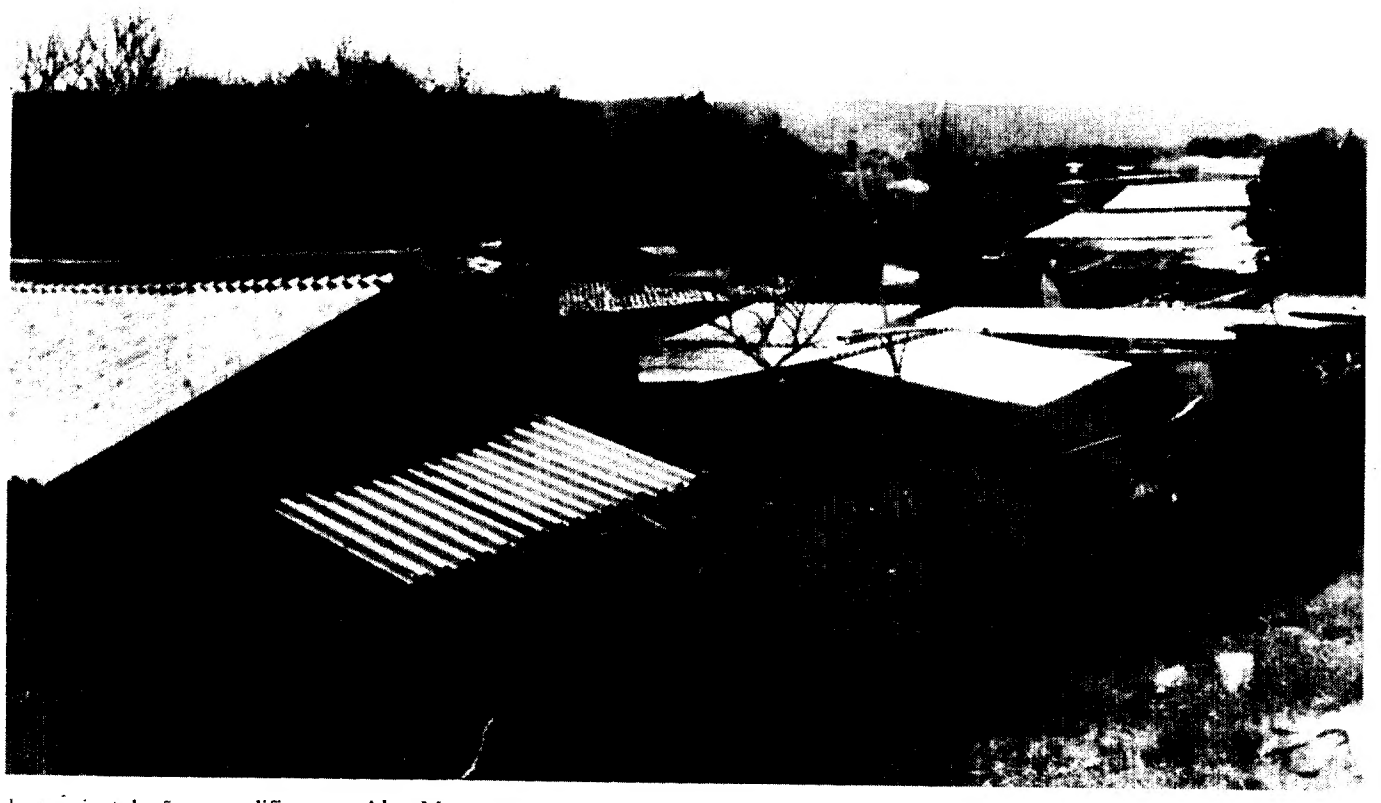
Praia do Rei: irão abaixo 222 barracas

"QUE ESTE VERÃO AINDA SEJA NOSSO"

— pediram "ocupantes" em plenário

Júlio Rodrigues

São 222 as casas a demolir na Praia do Rei antes do Verão deste ano, mas os seus ocupantes estão esperançados em que a entrada em cena do camartelo possa ser adiada até Setembro. Nesse sentido se tem movimentado a Comissão dos Ocupantes da Praia do Rei, com Carlos Alberto à cabeça, assumindo a responsabilidade pela retirada de todos eles no suspiro final da época balnear.



Três dos seus elementos reúnem-se amanhã com o presidente do Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, o eng.º José Macário Correia, e sublinha entretanto o facto de apenas o secretário de Estado do Ambiente, Carlos Pimenta, lhe ter respondido a um ofício. «Que este Verão ainda seja nosso» é agora, o «slogan» de todos eles.

Os dois principais restaurantes da zona, um deles ali instalado há mais de vinte anos e durante bastante tempo concessionário de uma boa parcela de terreno da Direcção-Geral de Florestas, cujo proprietário a alugou por partes autorizando inclusive a construção de um enfiamento de casas de betão, não serão afectados por esta medida que visa repor o ordenamento da zona e recupará-la ambientalmente.

«Foi constatado que a construção clandestina que grassa na Zona da Costa de Caparica, Praia do Rei e Sereia, no concelho de Almada, está a prejudicar o equilíbrio ecológico e os valores paisagísticos e recreativos da zona referida», justifica a Câmara Municipal na ordem de demolição datada de 30 de Janeiro deste ano.

«Que este Verão ainda seja nosso» dizem, portanto, os mais de duzentos ocupantes das barracas clandestinas da Praia do Rei, desalinhadas ao longo de corredores serpenteantes, mas em cujos interiores o asseio campeia.

No último fim-de-semana, mais de metade dos «moradores», porque muitos há que fazem das suas barracas habitações com acentuada permanência se — bem que apenas seis aqui vivam todo o ano —, apoiaram por aclamação uma proposta posta à consideração dos participantes, segundo a qual cada um retiraria os seus haveres e desmontaria as suas «casas» em finais de Setembro.

Será essa a proposta que amanhã três dos elementos da Comissão da Praia do Rei apresentarão ao director do Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, ainda na esperança de demover o secretário de Estado do Ambiente da sua demolição já na proxima semana.

Câmara já marcou casas a derrubar

Nos termos do edital de 30 de Janeiro da Câmara Municipal de Almada, todos os mais de duzentos «moradores» da Praia do Rei foram notificados para procederem à remoção dessas instalações e edificações no prazo de 45 dias que terminou na passada segunda-feira.

Dias antes, na quinta e sexta-feira, representantes da Câmara Municipal de Almada, da Direcção-Geral de Florestas, do Serviço Nacional de Parques e da Secretaria de Estado do Ambiente, acompanhados por forças da GNR, apuseram números, por ordem, em todas as barracas. São números que identificam as casas a ir abaixo. Todas elas, aliás. Números que vão de 1 ao 222.

Mesmo as casas de pedra, tijolo e cimento, à beira do «Alga-Mar», não ficarão de pé. Um dos seus moradores, que nos disse ter pago renda ao Júlio Cardoso — então proprietário do «Alga-Mar» e concessionário de uma grande parte do terreno da área —, concorda com a medida, mas lamenta que casas daquelas, que antes do aparecimento de barracas ali nunca foram postas em causa, também não sejam poupadas. António Piedade, um contabilista hoje reformado, acrescenta que até 1980 «todos pagámos rendas. Mas depois recusámo-nos e não tivemos medo de qualquer ordem de despejo». Rendas que eles pagaram durante anos e que em 1980, segundo cálculos dele, oscilavam entre os 500 e os 900 escudos.

É um labirinto o «montão» de barracas da Praia do Rei. Os próprios moradores o reconhecem, como nos disse José Almeida, de Corroios, que ali tem uma «casa» há muitos anos, embora não goste de praia. «A minha preocupação aqui foi sempre guardar as casas dos outros e tratar das árvores»

Ameaça do Camartelo traz coração nas mãos...

Preocupados com a situação estão os seus moradores que afirmam não terem para onde ir. No entanto, a Câmara Municipal de Almada terá já assegurado que resolveria os seus casos. Dois deles integrama comissão, Carlos Alberto e Manuel Mendes Marques, este um homem com 73 anos, que vive com a mulher — com a mesma idade.

A comissão não pára: acompanhou a «equipa» que na quinta e sexta-feira sinalizou com números as casas a derrubar e, no sábado, reuniu o plenário dos «ocupantes». Os contactos com a Câmara Municipal — que não tem respondido aos seus ofícios — ficam-se por simples tentativas, mas dão a ideia da sua perseverança. Eles só querem ficar mais este Verão. A ordem da Câmara Municipal não atende a tal pedido. CMA, Serviço Nacional de Parques, Capitania do Porto de Lisboa (que eles contestam) e Direcção-Geral das Florestas estão preparados para a fase seguinte.

A praia para todos e não só para alguns

«Deixem-nos passar só mais estas férias aqui», disse no passado sábado um dos «moradores» da Praia do Rei, onde o labirinto de casas que nos últimos anos aí se ergueu poderá começar a ser destruído a partir de segunda-feira. «Dêem-nos tempo para refazer a nossa vida, dêem-nos mais meio ano, até que o Verão passe, para não perdermos aqui todo o dinheiro gasto com a construção das barracas», acrescentou Alcino Santos, que escolheu há anos a Praia do Rei para as férias dos filhos por ser mais acessível.

Os responsáveis municipais de Almada afirmam que em questão está «a utilização por todos das praias e matas que estavam a degradar-se» e cujo usufruto tem estado, nos últimos tempos, ao alcance de alguns, dos «mais atrevidos». As reacções de todos os que assim se sentem escorraçados são normais, muito embora todos eles saibam que o Plano e Frentes de Praias Naturais — aquilo que a Secretaria de Estado do Ambiente está agora a accionar — foi enviado ao Governo em 21 de Fevereiro de 1981. Em 10 de Janeiro de 1986 um dos «moradores», Amadeu Alves Luando, residente na Praceta Tomás da Anunciação, n.º6, 4.º, em Queluz, foi julgado no Tribunal de Almada por ocupação de terreno na Praia do Rei. Ele e outros, mas só ele tinha o processo em ordem que lhe custou (em despesas junto do tribunal) cerca de trinta contos. O Ministério Público reivindicava a posse da propriedade do Estado, onde o réu havia procedido à construção de uma barraca em madeira, de cor preta, chapeada a zinco, com duas portas e cinco janelas, tecto também de zinco, bem como um anexo de madeira, segundo a acção ordinária que lhe foi movida.

Há pouco mais de cinco anos, a recuperação da zona — visando repor o seu equilíbrio ecológico — custava 170 mil contos. Neste momento, tal operação andará pelos 400 mil contos, calculado por baixo. Logo que esteja concluído, uma frente nova de três quilómetros correrá ao longo da praia. E os restaurantes quer da Praia do Rei quer da Fonte da Telha, à revelia das decisões municipais: qual o seu futuro?

De um lado...

A British Airways sabe
como é importante ir sempre mais longe.
Aproximar, regularmente, os seis continentes do globo.
Transformar longas viagens de negócios
em agradáveis passeios.
E não mudamos. Sabemos
como a qualidade do nosso serviço
é importante para si.

SISTEMA

BRITISH AIRWAYS

A companhia aérea preferida em todo o mundo.

Professores II Encontro Regional

PORTUGAL É O PAÍS DA EUROPA COM MAIS BAIXA TAXA DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

Portugal é o país da Europa com menor taxa de frequência na Educação Pré-Escolar — afirmou esta manhã na secção de abertura do II Encontro Regional de Educação Pré-Escolar, o coordenador desse sector no SPGL, Júlio Ribeiro.

Falando aos 350 educadores presentes no encontro, que decorre no Instituto Franco-Português, Júlio Ribeiro salientou a gravidade da situação, já que se considera que muito do futuro da criança se joga entre o nascimento e os 6 anos de idade.

Salientou igualmente, e por motivos óbvios, a necessidade do desenvolvimento rápido, deste sector de educação, pois pode «ser uma eficaz medida compensatória susceptível de contribuir para corrigir as desigualdades nas oportunidades de sucesso, proporcionando às crianças dos meios desfavorecidos um suplemento de estímulos culturais e desenvolvendo a aptidão para se exprimirem.»

Mas a educação pré-escolar é um dos «parentes mais pobres» do Sistema Educativo, visto que segundo os dados do MEC de 1984 a taxa de cobertura nacional é de 31 por cento. Em Lisboa existem 16 Jardins de Infância públicos, com um total de 30 lugares, abrangendo um máximo de 750 crianças.

A média de criação de 200 jardins de infância por ano é baixa para se atingir uma cobertura necessária.

Aquele membro do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa referiu o problema de educadores que se viram obrigados a trabalhar em «instituições de lucro fácil» com salários de 15 a 20 mil escudos e 10 horas de trabalho diário.

Em nome da direcção do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa falou o dirigente sindical Augusto Pascoal. Na sua intervenção focou este sector da educação à luz da Lei de Bases do Sistema Educativo. «A lei estabelece que incumbe ao Estado assegurar a existência de uma rede de educação pré-escolar e afirma que ela se destina às crianças com idades entre os 3 anos e a idade de ingresso no ensino básico. Quando reivindicamos o alargamento da rede pública de jardins de infância não fazemos mais do que contribuir para a aplicação da Lei de Bases», afirmou Augusto Pascoal.

Aquele dirigente sindical referiu alguns dados que caracterizam a situação do ensino: no nosso país a escolaridade obrigatória de 6 anos é ainda a mais baixa da Europa, sendo cumprida apenas por 81,5 por cento dos jovens. No ensino básico e no secundário cerca de 500 mil alunos reprovam anualmente. A taxa de analfabetismo da população residente com 15 ou mais anos, atingia em 1981, 20,3 por cento. «A tudo isto não é certamente estranha a baixa taxa de cobertura da educação pré-escolar», comentou.

Na sessão de abertura falou ainda Margarida Elisa Moreira responsável pela educação pré-escolar no secretariado nacional da Fenprof, que frisou a necessidade da criação de um estatuto de carreira para os profissionais deste sector.

«A criança une-nos, o futuro desafia-nos», é o lema deste encontro, preparatório do I Seminário Nacional da Educação Pré-Escolar que a Federação Nacional dos Professores realiza no Porto, a 2 e 3 de Abril.

À hora de encerrar esta edição do «DL», o Encontro debatia o primeiro tema: «Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar. Papel do Jardim de Infância», debate que se prolonga da parte da tarde. Às 16 e 30, começará o debate do segundo tema: «Formação dos educadores de infância (inicial e contínua)».

Amanhã serão debatidos «Correntes Pedagógicas» (3.º tema) e «Carreira docente» (4.º tema).

Durante espectáculo de circo

Professora atacada por leão está livre de perigo

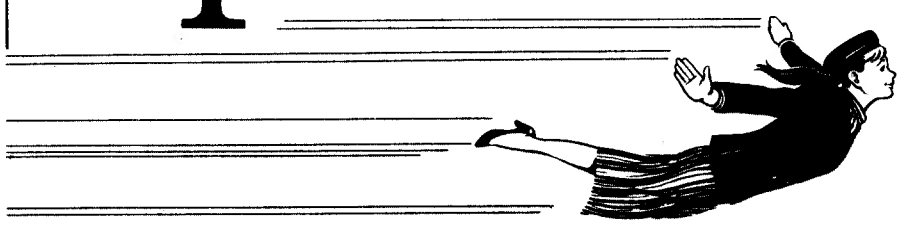
Está já livre de perigo a professora primária de Amarante que domingo de madrugada deu entrada no Hospital de Santo António (Cirurgia 2) depois de ter sido violentamente atacada por um leão que se soltara da sua jaula e entrou na pista do circo «Wonderland» quando estavam em cena os palhaços. Maria Aureliana Oliveira Fonseca Pinto, de 25 anos, foi uma das cinco pessoas feridas pela investida do mais velho dos leões daquele circo. Todas as outras regressaram a suas casas, mas a professora primária, dada a gravidade do seu estado, teve de ser transferida para o Hospital de Santo António no Porto.

Já livre de perigo, mas ainda bastante ferida, Maria Aureliana Pinto continua internada. Recorde-se que além de ferimentos no rosto e na cabeça — pois ela foi várias vezes mordida pelo leão «tresmalhado», que nessa noite nem sequer actuara —, ficou com um pulmão perfurado.

Inicialmente julgara-se que o pulmão fora perfurado por uma costela, devido à queda de Maria Aureliana, quando do ataque do leão. A professora primária encontrava-se na primeira fila, ao lado do marido — que também ficou ferido —, junto de uma das «estacas» da lona da tenda do circo. Mas não: a perfuração do pulmão ficou a dever-se exclusivamente a uma mordidela mais profunda do leão.

O marido disse ontem a pessoas mais próximas que não sabia quando é que a esposa poderia ser transferida para o Hospital de Amarante, pois que embora se encontre livre de perigo, «continua a inspirar cuidados». Ainda de acordo com as suas informações, «tem sido necessário introduzir drenos para retirar o sangue que existe no pulmão, devido à rotura da pleura».

...para o outro.



Mas a British Airways também sabe
que para ir mais longe precisa de estar mais perto.
Para a British Airways você está em primeiro lugar. Por isso mudámos.
Estamos no outro lado da **Av. da Liberdade,**
no **n.º 36-2.º andar. Telefone 36 10 01**
Nas mais modernas instalações, os melhores sistemas tele-informáticos
para uma mais rápida comunicação.
Reunimos, num único local, tudo o que precisa
para que a British Airways continue a ser a sua companhia aérea preferida.
Fomos mais longe na vontade de o servir melhor.

SISTEMA

BRITISH AIRWAYS

A companhia aérea preferida em todo o mundo.

JULGAMENTO DAS NOTAS FALSAS CONTINUA EM MONCHIQUE

Os réus ontem ouvidos em Monchique, no julgamento do caso das notas falsas, confessaram o seu envolvimento neste processo. Carlos Manuel e Casimiro confessaram que tinham respectivamente como tarefas numerar e guilhotinar as notas e executar os «fotolitos».

Conforme divulgado no local onde decorre o julgamento — o salão de festas da Casa do Povo — foi instaurado um processo-crime a um personagem referenciado como «senhor Leal».
O indivíduo, que não figura entre os réus, tem sido apontado por estes como um dos principais envolvidos no caso.

O «senhor Leal», em determinada fase da execução do plano, terá feito uma denúncia à Polícia Judiciária de Lisboa, que conduziu à prisão os seis réus em julgamento.

Um advogado que participa no julgamento disse estranhar que a PJ tivesse ilibado o «senhor Leal», pois não teím poderes para tanto.

Este indivíduo, de apelo Leal, está arrolado como testemunha e acusação.

Ambos os réus declararam que não teria sido possível concluírem o fabrico das notas, tanto por falta de maquinaria apropriada como por impreparação profisional para o efeito.

Pela sua participação no plano, fora prometido a cada um 150 mil contos.

O projecto consistia na falsificação de 500 mil notas de mil escudos, 500 mil de cinco mil escudos, 500 mil notas de libra, e 500 mil em marcos. Na primeira fase seriam produzidas as notas de mil e de cinco mil e as restantes após um certo intervalo de tempo.

Estes dois réus, tal como fez o réu Américo Miranda, declararam o envolvimento de Salvador Guerreiro, que o mesmo negou em absoluto, ao ser interrogado terça-feira.

Referiram também, a exemplo de Américo Miranda, que o dinheiro falso seria enviado para a União Nacional para a Independência total de Angola (UNITA) em troca de diamantes.
Carlos Manuel, em determinado momento, terá chamado a atenção de Salvador Guerreiro e do senhor Leal» quando às deficiências que previam para as notas, ao que aqueles responderam: «não te preocupes, que isso é para ir para os pretos».

Segundo as declarções dos réus, a sua detenção pela Polícia Judiciária, em 23 de Abril de 1986, numa antiga vacaria, situada nos arredores de Monchique, ocorreu quando já tinham deliberado dsistir da operação, por concluírem que «aquilo não levava a lado nenhum», sobretudo pela falta de meios técnicos e humanos adequados.

O julgamento, a que preside o juiz Norberto Brito Câmara, prosseguiu hoje de manhã, com novo interrogatório dos réus e intervenção da acusação.

Entretanto o julgamento de azo a um incidente entre um dos juízes e o repórter fotográfico Luís forra, da Lusa, que foi impedido de fotografar os réus.

Contrariando a autorização que fora dada pelo presidente do tribunal da vila de Monchique, Norberto Brito Câmara, o juiz Joaquim Cardoso opôs-se a que fossem tiradas quaisquer fotografias, dentro ou fora do tribunal, e ameaçou o repórter com a apreensão do material fotográfico e, até, detenção, se persistisse em utilizar a máquina.

O jornalista tem em perspectiva uma queixa no Conselho de Imprensa contra aquele magistrado cuja actuação arbitrária é mínimo insólita partindo, como aconteceu, de uma entidade que se presume conheça a lei.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E SEGURANÇA SOCIAL

Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego

- **OFEREÇA** ÀS MULHERES E AOS HOMENS IGUAIS POSSIBILIDADES DE ACESSO ÀS DIVERSAS PROFISSÕES OU EMPREGOS.
- **PUBLIQUE** ANÚNCIOS DE OFERTAS DE EMPREGO DIRIGIDAS EXPLICITAMENTE A CANDIDATOS DE AMBOS OS SEXOS, COMO POR EX: «EMPREGADOS / EMPREGADAS»; «DIRECTORES / DIRECTORAS»; «ANALISTA(M / F)»; «VENDEDORES / AS».
- **CUMPRA** O DECRETO-LEI **392 / 79 DE 20 DE SETEMBRO**, QUE PROÍBE DISCRIMINAÇÕES BASEADAS NO SEXO.
- **EVITE** AS SANÇÕES PREVISTAS NO ARTIGO 8.º DO DECRETO-LEI **491 / 85, DE 26 NOVEMBRO.**

NÃO FAÇA DISCRIMINAÇÕES
ANUNCIE POSITIVAMENTE

CITE Avª. da República, 62 - 8º. Esqº.
1 000 LISBOA

Mais de 87 mil estrangeiros moram em Portugal

Portugal acolhia em 31 de Dezembro de 1986 mais de 87 500 residentes estrangeiros de cerca de 150 países, montante nunca anteriormente atingido.

Estatísticas do Serviço de Estrangeiros, do Ministério da Administração Interna, indicam que daquele número cerca de 300 são refugiados políticos, que com seus familiares totalizam cerca de 1700 pessoas, na sua maioria crianças com menos de 14 anos de idade.

Os diplomatas e funcionários dos serviços consulares e familiares não integram este número de residentes em Portugal.

Um informador do Serviço de Estrangeiros disse que vivem muitos milhares de estrangeiros em Portugal sem documentos, provenientes sobretudo de países africanos de expressão oficial portuguesa, com passaporte turístico.

O número de estrangeiros residentes em Portugal tem aumentado significativamente nos últimos sete anos: em 1980 o número de estrangeiros aumentou para 69 911, em 1984 passou para 72 246 e em 1985 atingiu 79 594.

A comunidade cabo-verdiana residente oficialmente em Portugal, em 31 de Dezembro do ano passado, era de 26 266 cidadãos, continuando a ser a mais numerosa seguida da brasileira (7296), espanhola (6952), norte-americana (6086), britânica (5841), venezuelana (4500), angolana (3929), alemã federal (3567) e canadiana (2460).

As profissões mais representadas são os técnicos, comerciantes, hotelaria, professores e futebolistas, dos quais os brasileiros ocupam o primeiro lugar com 265.

Portugal também é um País desejado para os reformados estrangeiros devido ao peso da sua moeda em relação ao escudo.

Cerca de cinquenta por cento da população estrangeira fixou-se nos distritos de Lisboa, Setúbal, Faro, Porto, Aveiro e Funchal.

A construção civil, onde trabalham cerca de quatro mil cabo-verdianos, é a actividade que emprega mais estrangeiros.

O maior número de refugiados engloba moçambicanos, angolanos e guineenses.

O estatuto do refugiado em Portugal entrou em vigor em 1 de Agosto de 1985.

Têm direito a asilo os estrangeiros e os apátridas que temendo serem perseguidos em virtude da religião que professam ou opiniões políticas que defendem, não possam ou não queiram voltar à sua residência habitual.

A lei portuguesa concede asilo a estrangeiros e apátridas alvo de perseguições políticas ou religiosas e por razões humanitárias aos cidadãos que «não queiram voltar ao estado da sua nacionalidade ou da sua residência habitual por motivos de insegurança devido a conflitos armados ou da sistemática violação dos direitos humanos».

Em 1 de Outubro de 1960 Portugal aderiu à Convenção de Genebra subscrevendo um documento que abrangia apenas os países europeus e destinava-se a regular os casos de asilo decorrentes da Segunda Guerra Mundial e sobretudo situações decorrentes da «guerra fria».

Após 25 de Abril de 1974, Portugal aderiu ao protocolo de Nova Iorque de 1967, que tornou extensivo o direito de asilo político a todos os perseguidos em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou opiniões políticas.

Recupera bem o décimo operado em Santa Cruz

O décimo doente a ser submetido a transplantação de coração no Hospital de Santa Cruz, em Lisboa, continuava a reagir bem mais de 24 horas depois da operação — disse ontem à noite uma fonte hospitalar.

O paciente está na casa dos 40 anos e recebeu o novo coração na terça-feira, mas a sua identidade não foi divulgada.

o coração foi naquele dia recolhido em Coimbra e transportado de helicóptero para Lisboa.

A transplantação foi realizada pela equipa do cirurgião Queirós e Melo.

Sede do Banco de Portugal vai custar 9 milhões

NOVO ROSTO DA PRAÇA DE ESPANHA APRESENTADO PELA CÂMARA

Nuno Ribeiro

Um estudo, projectos, idéias e algumas indefinições, foram hoje de manhã apresentados e expressos em conferência de Imprensa na Câmara Municipal de Lisboa a propósito da renovação da Praça de Espanha, cujo elemento mais conhecido é a nova sede do Banco de Portugal, obra orçada, a preços de 87, em cerca de nove milhões de contos.

«A Praça de Espanha anda - va à procura de uma vocação, pois não era uma zona inserida na área de expansão normal de Lisboa», declarou o presidente da Câmara de Lisboa, justificando, deste modo, o estudo e os planos referentes aquele local.

Rodeado pelo presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Azeredo Perdigão, pelo Governador do Banco Central, Tavares Moreira, pelo presidente do Montepio Geral, padre Vitor Melicias, e pelos vereadores Carlos Robalo e Vitor Reis, Nuno Abecasis revelou que «a pessoa que pela primeira vez teve a ideia do Banco de Portugal ir para a Praça de Espanha foi o drº Azeredo Perdigão».

Sublinhando que os estudos feitos, e traduzidos na maquete ontem publicada pelo «DL», «não pretendem definir arquitectónicamente os edifícios, mas a repartição dos volumes e o arranjo da Praça de Espanha», o presidente da edilidade abordou alguns dos pontos que irão ser alterados pela instalação das sedes do Banco de Portugal e Montepio Geral.

«Aliviar a carga do centro da cidade»

Referindo que existem dois pólos importantes, a Fundação Calouste Gulbenkian e a Embaixada de Espanha, Nuno Abecasis acentuou que o terminal da Rodoviária Nacional «vai ter uma adaptação às novas condições da Praca, e vai deixar de ser descoberto para ter as características de terminal urbano, numa área coberta ligada a uma zona comercial».

Por outro lado, quanto ao Teatro Aberto, actualmente instalado em terrenos que serão ocupados com a sede do Banco de Portugal, «não vai sair da Praça de Espanha». «Há a intenção clara que a Praça de Espanha se torne num dos pólos culturais da cidade», assegurou, revelando que a sala destinada ao «Novo Grupo», num projecto de técnicos camarários, vai ser instalada do lado fronteiro ao que é actualmente ocupado, em terreno confinante com a Embaixada de Espanha.

De acordo com Nuno Abecasis, a preocupação em manter uma função de centro cultural para a Praça de Espanha, dotada de equipamentos diversos–Gulbenkian, Teatro Aberto e Comuna-, será prolongada pelas construções previstas. «O projecto do Banco de Portugal terá uma componente cultural da maior importância, com o estabelecimento de uma biblioteca económica pública e um centro de realização de cursos de formação», adiantou.

No caso do Montepio Geral, a ser erguido do lado esquerdo da Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, «esta entidade vai ceder 10 a 20 por cento da sua área para a instalação de uma componente social e cultural».

Referindo–se ao arranjo final da Praça, que será ornamentada com elementos escultóricos de «Sam» e com o velho arco de S. Bento, que unirá a Avenida de Berna à Avenida dos Combatentes, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa revelou que junto à mesquita irá ser instalado futuramente o Centro Idílio de Oliveira, um centro avançado na luta contra o cranco que vai funcionar conjuntamente com o Instituto Português de Onclogia.

Embora ainda não esteja assente, é igualmente possível que na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro venha a ser instalado o Hospital do Montepio Geral, não estando igualmente definidas quais as construções que constam da maquete, a serem implantadas no local onde actualmente se encontram os antigos feirantes do Martim Moniz.

«E uma zona que não pode ficar com aquele aspecto de barracas», sublinhou Nuno Abecasis, referindo a hipótese das construções assinaladas virem a ser ocupadas por edifícios ligados ao IPO.

Respondendo a uma questão colocada pelo «DL» sobre a concentração de terciário que a construção das duas sedes bancárias irá motivar, só no caso do Banco de Portugal ali trabalharão 2.100 funcionários, o presidente da Câmara admitiu que «vai haver de facto alguma carga de terciário». «Por outro lado», ressalvou, «vai aliviar a carga que hoje existe no centro da cidade, nomeadamente na baixa pombalina, onde os edifícios do Banco de Portugal e do Montepio Geral passarão a ter funções culturais».

Um milhão e meio para expropriações

Igualmente, segundo Nuno Abecasis, a carga de trânsito que se dirige actualmente para o centro da cidade ficará concentrada naquela área, não sobrecarregando os transportes púiblicos, e muito do trânsito que hoje percorre a Praça de Espanha será curto–circuitado pela implantação de um novo eixo viário.

Trata–se de um velho projecto, nunca desenvolvido, e que prevê a instalação de uma radial que ligará a Auto–Estrada do Norte à Ponte 25 de Abril, «que vai aliviar as Avenidas de Berna e dos Combatentes e o centro da cidade» da passagem do trânsito pesado.

Apesar destes elementos, ainda há uma zona de sombra em relação à utilidade que os edifícios do Banco de Portugal e do Montepio Geral, instalados na zona da baixa irão ter.

Embora o padre Vitor Melicias tenha referido, explicitamente, uma função cultural e social, nada de mais concreto foi adiantado em relação à segunda entidade bancária.

E, se em relação ao Banco de Portugal, como ontem o «DL» revelou, está prevista a instalação do Museu do Banco Central no corpo principal da actual sede, a reconversão de outras instalações em residência para hóspedes especiais, foi uma das hipóteses consideradas pelo administrador João Alberto Madeira.

No entanto, e de acordo com um dos pontos do protocolo assinado entre o Municipio e o Banco de Portugal, parte do preço das negociações para a disponibilidade dos terrenos «poderá ser satisfeito em espécie, se a Câmara assim o entender conveniente, mediante a dação em pagamento de algum ou alguns imóveis de que o Banco seja proprietário».

A este propósito, o presidente da edilidade, questionado pelo «DL», admitiu que alguns serviços camarários poderiam ser transferidos para aquelas instalações, num esforço de concentração à volta dos Paços do Concelho, o que, a verificar–se, seria sinónimo de implantação do terciário e não de atribuição de funções culturais ou lúdicas.

Contudo, se subsistem estas dúvidas, algumas indefinições e aparecem contradições, de acordo com o programa já estabelecido, a aquisição dos terrenos necessários à implantação do Banco de Portual, «libertos de arrendatários e proprietários», deverá estar pronta em meados do próximo ano.

A este propósito, foi referido que o custo global previsto para as indemnizações é de um milhão e meio de contos, e que estas serão atribuídas de acordo com a avaliação de peritos. O realojamento será feito em prédios da EPUL, na Estrada da Luz.

No campo das contas, os responsáveis do Banco de Portugal e do Montepio Geral referiram que o custo das novas sedes, a preços de 87, rondará, respectivamente, nove e um milhão de contos.

AMADORA/ZONA CENTRO

Alterações de Trânsito

com início a 22 de Março

NOTA
A PSP apoiará o processamento do trânsito

Sindicato dos Jornalistas

LISTAS CONCORRENTES À ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES PARA O BIÉNIO DE 1987/88, A EFECTUAR NO DIA 31 DE MARÇO DE 1987

LISTA A — «CONFIAR NA MUDANÇA: PRESTÍGIO, FORÇA, UNIDADE»

EFECTIVOS

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente — Emídio Rangel — Sócio n.º 1176 — RDP
Vice-Presidente — Jorge Campos — Sócio n.º 532 — RTP
Secretários — Fernando Correia — Sócio n.º 193 — Novosti
— Miguel Dimas — Sócio n.º 1245 — RDP-Rádio Comercial

DIRECÇÃO

Presidente — Joaquim Letria — Sócio n.º 185 — RTP
Vice-Presidentes — Ribeiro Cardoso — Sócio n.º 377 — «DL»
— Luís Ochoa — Sócio n.º 1204 — RDP
— Manuel Dias — Sócio n.º 109 — «JN» — Porto
Secretários — Jorge Peixoto — Sócio n.º 1009 — «DN»
— Rogério Gomes n.º 1516 — «CP» — Porto
Tesoureiro — Nuno Sepúlveda — Sócio n.º 857 — France Press
Vogais — Mário Crespo — Sócio n.º 1496 — RTP
— Maria Celina — Sócia n.º 904 — RDP
— Eduardo Miragaia — Sócio n.º 1053 — «G. dos Desportos»
— Leonor Pinhão — Sócia n.º 1918 — «A Bola»
— Sérgio F. Borges — Sócio n.º 1048 — «O Diário»
— António Marinho — Sócio n.º 1115 — «Lusa» Coimbra
— Judite de Sousa — Sócia n.º 1207 — RTP — Porto
— Artur Miranda — Sócio n.º 1422 — «JN»
— Álvaro Macedo — Sócio n.º 1941 — «O Jogo»

CONSELHO TÉCNICO E DE DEONTOLOGIA

Presidente — Figueiredo Filipe — Sócio n.º 252 — «DN»
Secretária — Isménia Abreu — Sócia n.º 858 — RDP
Vogais — Eurico Vasconcelos — Sócio n.º 539 — «DP»
— Abílio Abrantes — Sócio n.º 347 — RTP
— António Oliveira — Sócio n.º 1090 — RTP — Porto

SUBSTITUTOS

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente — José Mensurado — Sócio n.º 205 — RTP
Vice-Presidente — Isabel Jones — Sócia n.º 519 — CP — Porto
Secretários — Raul Faria — Sócio n.º 1040 — RDP — Madeira
— Pedro D'Anunciação — Sócio n.º 839 — «Expressso»

DIRECÇÃO

Presidente — Mário Zambujal — Sócio n.º 241 — RTP
Vice-Presidentes — Artur Queirós — Sócio n.º 852 — «JN» — Porto
— Fernando Cascais — Sócio n.º 387 — «Lusa»
— Pedro Moura — Sócio n.º 1043 — RTP — Açores
Secretários — Júlio Sereno — Sócio n.º 113 — «P. de Janeiro»
— Maria Fernanda Dinis — Sócia n.º 1172 — «O Jornal» «Free Lancer»
Tesoureiro — Silva Marta — Sócio n.º 460 — «Capital»

CONSELHO TÉCNICO E DE DEONTOLOGIA

— Henriques Coimbra — Sócio n.º 232 — «Expresso»
— João Ogando — Sócio n.º 472 — «JN» Porto

LISTA B «JORNALISMO FUTURO, SINDICALISMO MODERNO»

EFECTIVOS

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente — José Pedro Castanheira — Sócio n.º 1049 — «O Jornal»
Vice-Presidente — Manuel António Pina — Sócio n.º 348 — «JN»
Secretários — Joaquim Vieira — Sócio n.º 712 — «Expresso»
— Francisco Máximo — Sócio n.º 509 —
— «Semanário Económico»

DIRECÇÃO

Presidente — Óscar Mascarenhas — Sócio n.º 575 — «DN»
Vice-Presidentes — José Alberto Lemos — Sócio n.º 1350 — «JN» — Porto
— Sena Santos — Sócio n.º 1637 — RDP — Antena 1
— Rui Cardoso — Sócio n.º 1243 — «DP»
Secretários — Feliciana Ferreira — Sócia n.º 557 — «DN»
— Carlos Rodrigues — Sócio n.º 917 — RTP — Porto
Tesoureiro — Feliciano Estevão — Sócio n.º 971 — RDP — Antena 1
Vogais — Henrique Monteiro — Sócio n.º 1222 — «O Jornal»
— Ana Paula Correia — Sócia n.º 1390 — «DP»
— Sérgio Soares — Sócio n.º 1171 — «Lusa»
— Raul Vaz — Sócio n.º 1545 — «Semanário»
— Leonor Figueiredo — Sócia n.º 1303 — «CM»
— Nélson Lobo Pimentel — Sócio n.º 313 — «DN»
— Mário Santos — Sócio n.º 2060 — CP — Porto
— Alfredo Maia — Sócio n.º 1437 — «P. Janeiro» — Porto
— Manuel Neto — Sócio n.º 654 — «O Jogo» — Porto

CONSELHO TÉCNICO E DE DEONTOLOGIA

Presidente — Cesário Borga — Sócio n.º 318 — RTP
Secretária — Maria Antónia Palla — Sócia n.º 261 — RTP
Vogais — Germano Silva — Sócio n.º 1041 — «JN» — Porto
— Oliveira Figueiredo — Sócio n.º 149 — «A Capital»
— Jorge Castilho — Sócio n.º 291 — «JN» — Coimbra

SUBSTITUTOS

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente — Veiga Pereira — Sócio n.º 60 — «Lusa»
Vice-Presidente — Manuela de Melo — Sócia n.º 678 — RTP — Porto
Secretários — Isilda Medeiros — Sócia n.º 1447 — «Açoriano Oriental» — Açores
— Ivo Caldeira — Sócio n.º 1124 — RDP — Madeira

DIRECÇÃO

Presidente — Augusto de Carvalho — Sócio n.º 227 — «Lusa»
Vice-Presidentes — Frederico M. Mendes — Sócio n.º 146 — «JN» — Porto
— José Rui Cunha — Sócio n.º 893 — «O Jornal»
— João Garcia — Sócio n.º 1244 — «DP»
Secretários — Norton de Matos — Sócio n.º 1980 — CP — Porto
— Santos Neves — Sócia n.º 573 — «A Bola»
Tesoureiro — Horácio César — Sócio n.º 1432 — RDP — Rádio Comercial

CONSELHO TÉCNICO E DE DEONTOLOGIA

— Miguel Sousa Tavares — Sócio n.º 1178 — RTP
— Mário Bettencourt Resende — Sócio n.º 710 — «DN»

Lisboa, 17 de Março de 1987

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL DO

SINDICATO DOS JORNALISTAS

Cesário Borga

Sindicatos da panificação contra extinção de carreiras

A federação sindical da alimentação, bebidas e tabacos exigiu ontem a anulação imediata das portarias que extinguem as carreiras nos sectores de panificação e confeitaria.

Em comunicado, aquela federação sindical afirma que a eliminaço de obrigatoriedade de carreiras, nos sectores em causa, cria condições para «a completa anarquia na utilização de mão-de-obra, o que poderá pôr em causa a qualidade de produtosde elevado consumo».

A federação afirma que as portarias em causa, publicadas a 13 de Março, invocam a audição das associações sindicais e salienta que «nem ela nem os sindicatos seus filiados foram ouvidos nesta matéria».

MINISTROS DA CEE DEBATEM SIDERURGIA

Os ministros da Indústria da Comunidade Europeia reúnem hoje em Bruxelas para estudar a situação no mercado siderúrgico e debater um programa de transferência de tecnologia para as PME's.

Os ministros não parecem, no entanto, prestes a aprovar a proposta feita pela Comissão Europeia de liberalização do mercado siderúrgico, sujeito ainda, em virtude da crise que atravessa, a um regime de quotas de produção e de preços mínimos.

A liberalização proposta pela Comissão Europeia atingiria os perfis pesados, o fio de máquina e os laminados mercantis.

Em alternativa, os industriais, reunidos sob a batuta da Associação Eurofer, propuseram à Comissão Europeia um plano unilateral de reduções das capacidades excedentárias.

Essas reduções seriam da ordem de 15,3 milhões de toneladas adicionais, número que é julgado insuficiente pela Comissão Europeia, a qual estima ser ainda a capacidade excedentária da ordem dos 24,2 milhões de toneladas.

Os ministros deverão, nessas condições, adiar uma tomada de posição sobre o assunto até à sua próxima reunião de 1 de Junho, aguardando entretanto que prossigam os contactos entre a Comissão Europeia e a Eurofer sobre as propostas desta última para reduções unilaterais de capacidade.

Portugal está contra

A delegação portuguesa, chefiada pelo ministro da Indústria, Santos Martins, deverá apoiar esse adiamento, conhecida que é a sua posição contrária à introdução de uma maior liberalização num sector onde é ainda excedentária a capacidade e da qual poderia resultar uma maior concorrência externa no mercado português.

Os ministros deverão também discutir a questão do prolongamento do programa «sprint» (transferência de tecnologia para as PME's) aos anos de 1988 e 1989, em relação ao qual estão em princípio de acordo.

Divergências continuam no entanto a existir em relação ao financiamento, considerando o Reino Unido demasiados os 9 milhões de ECU propostos para o período de dois anos, um montante apesar disso já inferior aos 11 milhões de ECU propostos pela Comissão Europeia.

A COMISSÃO DE CANDIDATURA DE FERNANDO MARTINS — LISTA B

CONVIDA

Grande Noite Benfiquista 6.ª feira 20 de Março de 1987 às 21h30.
No Coliseu dos Recreios com a participação dos seguintes artistas:

Ada de Castro, Alcindo de Carvalho, Alcindo Frazão — guitarra, Alexandra, Alice Amaro, António, Badaró, Carlos Cunha, Carlos Zel, Chico Dias (imitador), Canto e Castro (imitador), Dany Silva, Eduardo José do Nascimento, Eugénio Salvador, Filipe Duarte, Francisco Nicholson, Gabriel Cardoso, Joel Pina — viola baixo, Jorge Fernando, Lenita Gentil, Lídia Ribeiro, Luís Filipe, Manuel de Almeida, Dr. Manuel Branquinho, Maria Amélia Proença, Maria da Fé, Maria Armanda, Marina Mota, Mendes Harmónica Trio, Nuno e Henrique, Paquito — viola, Rosa Maria, Rui de Carvalho, Simone de Oliveira, Susy Paula, Tino Costa.

Apresentadores:

Alice Cruz, Rui Romano, Policarpo de Freitas, Maria Alexandra, Carlos Amorim, Fernando de Almeida.

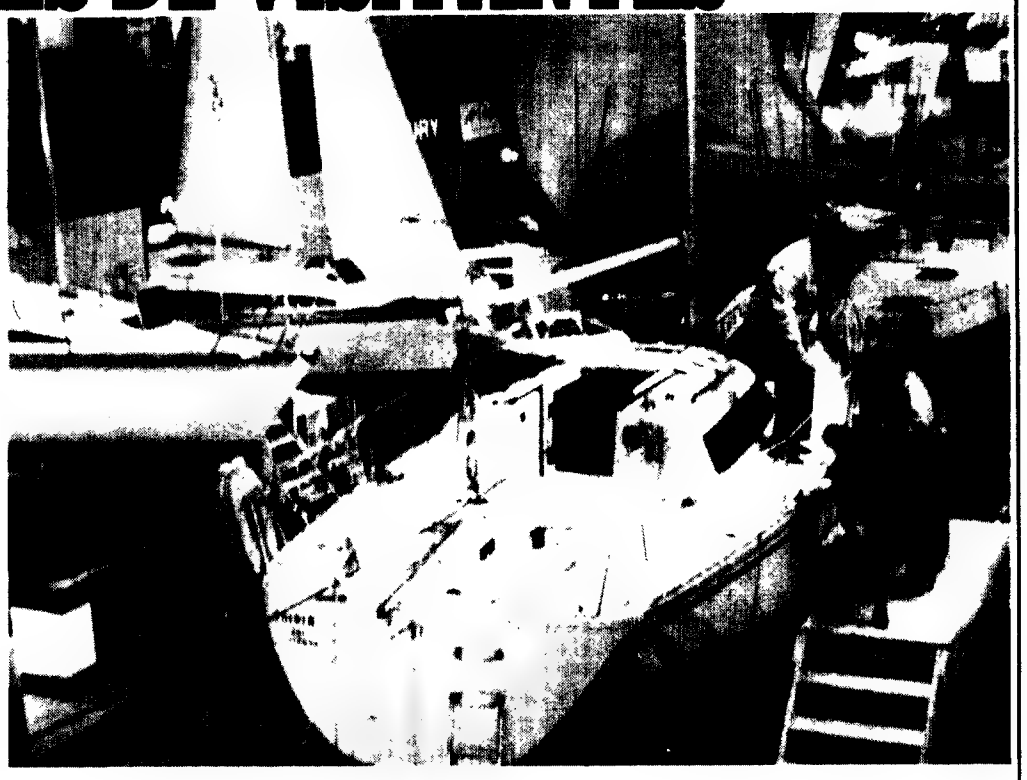
Entrada gratuita para todos os sócios do Sport Lisboa e Benfica e Familiares.

Distribuição de bilhetes na sede de Candidatura no Hotel Altis e nos diversos centros de apoio.

A Comissão Executiva agradece a colaboração graciosa de todos os artistas intervenientes.

Na FIL até domingo

NAUTICAMPO ATRAI MILHARES DE VISITANTES



A Nauticampo, o mais popular dos certames anuais da FIL, está a atrair diariamente muitos milhares de visitantes aos pavilhões da Junqueira, onde o campo e a praia continuarão no centro das atenções atá ao próximo domingo.

Ao todo estão presentes 272 expositores nacionais e estrangeiros (175 nacionais), estando em exibição um vastissimo conjunto de artigos e equipamentos destinados às actividades de ar livre, com destaque para o campismo e caravanismo.

No que respeita ao campismo é possível encontrar na Nauticampo as mais modernas tendas, mesas para refeições, toldos, cadeiras, chapéus de sol, cadeiras de baloiço, utensílios de cozinha, sacos cama etc.

Roullotes, muitas de fabrico nacional, casas pré–fabricadas, artigos de pesca desportiva, e de outras modalidades desportivas, bem como diversos artigos para a praia são outros dos atractivos que a feira apresenta aos seus visitantes.

A Nauticampo 87 visa especialmente a promoção e a divulgacão de diferentes actividades desportivas, designadamente as de ar livre, e assume especial relevância num momento em que os dados estatísticos disponíveis apontam para uma ligeira redução da prática do campismo no nosso país.

Em todo o continente existem actualmente 124 parques de campismo, cuja frequência tem registado um retrocesso desde 1983. Em 1984, esse recuo cifrou–se em 4,3% em relação a 1983, mas em 1985, a quebra já foi apenas de 0,4%, relativamente ao ano anterior. Em 1985 o total de dormidas nos parques de campismo do país ascendeu a 7 milhões e 700 mil, 1 milhão e 900 mil das quais correspondeu a estrangeiros.

Quanto ao caravanismo, a Associação do Comércio Automóvel Português afirma que nos primeiros dez meses de 1986 foram vendidos 1202 reboques, o que em relação ao período homólogo de 1985 representa um acrés - cimo de 2,6%. A mesma associação indica que a venda de caravanas manteve uma taxa de crescimento da mesma ordem de grandeza até ao fim do ano passado.

A Nauticampo está aberta ao publico,até domingo, entre as 16 e as 23 horas

Aumento médio das pensões de deficientes é de 54%

O Governo vai aprovar hoje um aumento médio de 54 por cento das prestações da Segurança Social para os deficientes, com retroactividade a 1 de Janeiro, afirmou ontem o Primeiro-Ministro.

Falando durante uma visita ao Centro Alice Melo Tavares para crianças e jovens diminuídos, o Primeiro-Ministro revelou que o abono complementar às crianças e jovens deficientes até aos 24 anos aumenta cerca de 50 por cento e o subsídio mensal vitalício é equiparado à pensão social (7500 escudos).

Segundo dados do Ministério do Trabalho e Segurança Social, estas medidas vão abranger 33 401 diminuídos. O abono complementar para crianças até 14 anos passa de 1850 para 2800 escudos (mais 51,3 por cento), beneficiando 14 945 deficientes, para os 8510 jovens de 14 a 18 anos passa de 2750 para 4100 escudos (mais 49,0 por cento) e para os 6655 entre 18 e 24 anos (mais 50,6 por cento).

Segundo o Ministério, os 3291 beneficiários de subsídio mensal vitalício serão aumentados de 4580 para 7500 escudos (mais 64 por cento).

Os candidatos ao subsídio deixarão por outro lado, de ter de provar os seus rendimentos e a renovação anual da prova de deficiência sempre que esta seja permanente é susceptível de determinar uma redução de pelo menos dois terços da capacidade geral de ganho.

Criado fundo de cooperação com Angola

Angola vai pagar as contrapartidas devidas pela aquisição das acções de uma empresa do sector público português através de um fundo criado por Portugal para esse efeito, segundo um decreto-lei publicado no Diário da República.

De acordo com o diploma, o novo fundo, designado por Fundo de Cooperação de Investimento Português em Angola (FCIPA), é uma pessoa colectiva de direito público, dotado de autonomia financeira e funciona junto do Banco de Portugal.

Através deste fundo será efectuado o pagamento das contrapartidas devidas pela aquisição, por Angola, das acções no capital da SONEFE (Sociedade Nacional de Estudos e Financiamento de Empreendimentos Ultramarinos) pertencentes ao sector público português.

O FCIPA servirá ainda para se proceder ao pagamento dos créditos reconhecidos ao Banco de Fomento Nacional sobre a referida empresa angolana.

O pagamento às entidades directamente interessadas processar-se-á com o desenvolvimento simultâneo de acções de cooperação com Angola, designadamente através de participações portuguesas no capital de sociedades mistas em Angola.

Greve na EPAL esta tarde

O abastecimento de água à zona de Lisboa poderá ser afectado esta tarde devido a greve da EPAL, afirmou Adriano Marouco, dirigente sindical dos metalurgicos.

Uma fonte do Conselho de Gerência da EPAL garantiu estar a empresa «a tomar providências para que não aconteçam falhas».

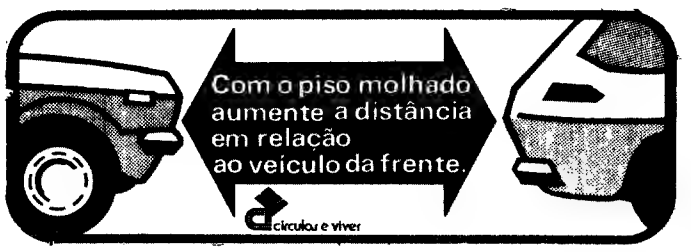
A greve convocada para quinta-feira decorre entre as 12.00 horas é as 16.00 horas no primeiro turno e entre as 16.00 horas e as 20.00 horas no segundo turno.

Convocada também pela federação dos escritórios, a greve abrange 14 sindicatos afectos à CGTP que representam 65,2 por cento dos cerca de 1.700 trabalhadores da empresa.

Adriano Marouco sublinhou que os sindicatos reivindicam aumentos salariais de 16,1 por cento na EPAL, que é uma das empresas públicas com piores salários e regalias sociais, enquanto o conselhode gerência propõe 12,5.

Técnicos superiores da Função Pública reúnem em plenário

Os licenciados da função pública que integram a carreira técnica superior reunem–se esta tarde em plenário no Laboratório Nacional de Engenharia Civil para debater os problemas da respectiva carreira, «numa perspectiva de revalorização, dignificação profissional e equilíbrio remuneratório e de moralização da próprioa administração pública». De acordo com um comunicado do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Açores foram convidados a fazer–se representar como observadores todos os grupos parlamentares da Assembleia da República, dado «o posicionamento dos técnicos superiores no quadro da eficácia e modernização dos serviços públicos».



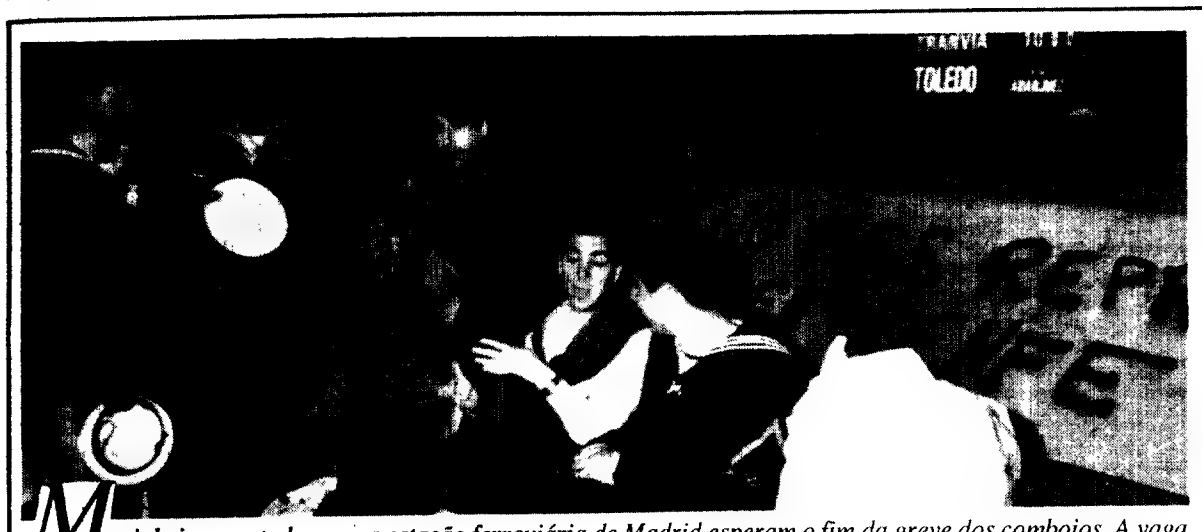
COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50$75	56$75
ALEMANHA FED. (marco)	76$00	77$20
ÁUSTRIA (xelim)	10$80	11$00
BÉLGICA (franco)	3$463	3$713
BRASIL (cruzado)	3$800	6$300
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	106$30	108$80
(notas de 5 a 1000)	106$80	109$30
DINAMARCA (coroa)	20$20	20$60
ESPANHA (peseta)	1$057	1$177
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	139$90	143$40
(notas de 5 a 1000)	140$40	143$90
FINLÂNDIA (marka)	31$05	31$65
FRANÇA (franco)	20$85	23$55
HOLANDA (florim)	67$30	68$40
IRLANDA (libra)	204$30	208$30
ITÁLIA (lira)	$097	$112
JAPÃO (iene)	$875	$930
NORUEGA (coroa)	20$15	20$65
REINO UNIDO (libra)	225$75	230$25
SUÉCIA (coroa)	21$80	22$70
SUÍÇA (franco)	90$75	92$25
VENEZUELA (bolívar)	5$55	6$55

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



Marinheiros sentados numa estação ferroviária de Madrid esperam o fim da greve dos comboios. A vaga de greves em Espanha alastrou=se ontem aos sectores dos transportes ferroviários e da construção civil, depois de há várias semanas estar a afectar os estudantes, mineiros, trabalhadores agrícolas e, parcialmente, os médicos. A possibilidade de uma greve geral para Abril foi rejeitada, pelo menos por enquanto, pelas «Comissiones Obreras»

A polícia italiana prendeu ontem de madrugada em Roma mais de 60 pessoas que se suspeita pertencerem a uma rede de tráfico de droga dirigida pela Mafia. Alguns dos detidos estão também a ser alvo de investigações por acções de assassínio. Muitos deles vão ser acusados por tráfico de droga e associação com fins criminosos, adiantou a polícia. Duzentos agentes tomaram parte na operação, que se seguiu a uma demorada investigação sobre uma rede de narcóticos relacionada com a Camorra e a Ndrangheta, as mafias de Nápoles e da Calábria, respectivamente. No decorrer da operação ofram apreendidas grandes quantidades de armas e droga.

A colisão entre um tanque do Exército norte-amer turismo da Alemanha Federal, ocorrida terça-feira à no provocou 30 feridos. O tanque despistou-se devido ao ge entrou na faixa contrária colidindo de frente com o a.. oc grupo de turistas alemãse-federais para Berlim

Ortega apela à paz na América Central

O presidente da Nicarágua, Daniel Ortega afirmou ontem que o governo norte-americano «deve mudar a sua atitude e aceitar negociações na América Central para que haja paz na região». Em declarações ao «New York Times», Ortega salientou que o seu governo está disposto a ter em consideracão as preocupações de segurança dos Estados Unidos e, até, a tolerar bases e manobras militares norte-americanas na região. O lider sandinista criticou a Casa Branca por pressionar os governos centro-americanos a rejeitarem planos de paz regional, incluindo propostas apresentadas pelo grupo de Contadora e pelo presidente da Costa Rica, Óscar Arias Sanchez. O plano Arias obteve, na semana passada, a aprovação do Senado norte-americano com 97 votos a favor e um contra. Ortega condenou ainda como «irracional» a posição do presidente norte-americano relativamente à Nicarágua e à América Central. «O presidente Reagan continua a ter os mesmos critérios de que a América Central é uma zona vital para os Estados Unidos, que deve ser dominada por este país e cujos governantes devem ser nomeadop em Washington», observou Ortega.

Desactivação de centrais nucleares

Cientistas de duas empresas de Francfort e Munique contratadas pelo governo da República Federal Alemã apresentarão nos finais de 1988 um estudo que demonstre o modo mais adequado e menos perigoso para enterrar as centrais nucleares. Segundo relatórios do Ministério da Investigação Científica e Tecnológica, a primeira alternativa sugerida é a de enterrar as centrais a 80 metros de profundidade e tapar a cúpula com uma camada de terra de 20 metros de espessura. O sistema que só virá a ser adoptado quando o governo analisar as opções propostas pelos cientistas para dar por concluída, com o menor custo de radiactiviadade possível, a vida útil das centrais. O recenseamento mundial de reactores nucleares indica que existem 100 em todo o mundo que chegaram ao fim da sua vida activa e deverão desaparecer de um modo mais seguro. A vida útil de um reactor é de 20 anos, mas a radioactividade permanecerá durante centenas de anos mais. O preço da desmontagem de uma central nuclear custa metade daquilo que se investiu na sua construção. Os que defendem as vantagens do enterro das centrais nucleares argumentam que, um ano depois de estarem sob terra, diminui provavelmente o risco de contaminação das pessoas. Mas o sistema é recusado pela coligação alemã-federal para a protecção da Natureza que afirma não existir um cálculo exacto sobre o que sucederá com as águas subterrâneas.

Vacina experimental contra a SIDA

Um cientista pertencente a uma equipa de investigação de especialistas franceses e zairenses inoculou-se com uma vacina experimental contra a Sida - revelou uma revista científica britânica. Numa carta dirigida à revista «Nature», os cientistas afirmam que um dos seus colegas de equipa se injectou com uma vacina destinada a estimular o sistema orgânico de imunidade, de forma a que o corpo humano crie defesas contra dois tipos de vírus do síndroma de imunodeficiência adquirida (Sida). Para além de Daniel Zagury - o cientista cobaia - foram igualmente inoculadas pessoas incluídas num pequeno grupo de voluntários zairenses, embora o investigador se tenha recusado a especificar quantos voluntários foram injectados e quando. Esya vacina experimental tem por objectivo estimular não apenas um mas dois tipos de resposta, a chamada resposta celular. A esperança é de que, com este tipo de resposta imunológica, uma vacina possa ser eficaz para mais do que um tipo de vírus. A experiência foi conseguida através da mistura de um vírus «vaccinia» geneticamente alterado, que já tem sido utilizado noutros géneros de vacinas e de um gene de um vírus que provoca a Sida, de forma que, em princípio, o vírus alterado provocará uma resposta imunológica contra o vírus da Sida.

"Irangate"

SENADO NORTE-AMERICANO ANULA SUSPENSÃO DA AJUDA AOS "CONTRAS" NICARAGUENSES

O Senado norte-americano derrotou por 52 votos contra 48 uma proposta anteriormente aprovada na Câmara dos Representantes para congelar uma ajuda militar de 40 milhões de dólares aos anti-sandinistas da Nicarágua. A decisão do Senado, que constituiu uma vitória para a política externa do Presidente Reagan, significa que o dinheiro, o último contingente de uma ajuda total de 100 milhões de dólares aprovada em 1986 pelo Congresso, será efectivamente entregue aos «contras» que lutam pelo derrube do Governo de Manágua.

Esta manhã, ao enfrentar pela primeira vez os jornalistas desde o caso «Irangate», Reagan disse esperar «esclarecer todas as dúvidas» quando às 20 horas de hoje (uma de Lisboa) participar numa conferência de Imprensa. na Casa Branca, que será transmitida em directo.

Entretanto, as comissões especiais do Congresso, que investigam o escândalo da venda de armas ao Irão, aporovaram um plano para garantir imunidade limitada contra acusações a testemunhas-chave, em ordem a obterem os seus depoimentos.

Todavia, os presidentes de comissões separadas do Senado e da Câmara dos Representantes disseram também numa conferência de Imprensa que vão afastar-se do assunto durante 90 dias, antes de ouvirem os depoimentos de John Poindexter e Oliver North, antigos assessores da Casa Branca que desempenharam papéis de relevo no caso e se recusaram a depor perante o Congresso.

A concessão de imunidade limitada obriga qualquer testemunha a depor, mas protege o seu depoimento de ser utilizado como parte de um caso criminal.

Ainda em relação ao «Irangate», o «New York Times» escreve que parte dos lucros provenientes do negócio de armas com o Irão destinou-se a um grupo que financia os raptores de norte-americanos no Líbano.

Os pagamentos estiveram a cargo de Manucher Ghorbanifar, um medianeiro iraniano na venda de armas norte-americanas ao Irão, precisa o jornal citando funcionários norte-americanos e pessoas próximas de Ghorbanifar.

O pessoal do medianeiro iraniano salientou que o dinheiro era um resgate destinado a libertar os reféns norte-americanos, enquanto um funcionário dos EUA afirma que o mesmo serviu para «pagar serviços prestados», acrescenta o diário.

Ambas as fontes disseram que dois a três milhões de dó-

África do Sul: o adeus às armas de Israel

Israel concordou ontem em pôr fim aos negócios de armas com a África do Sul. O ministro dos Negócios Estrangeiros, Shimon Peres, deverá ainda hoje fazer uma declaração formal sobre esta decisão, durante um discurso no Knesset, o Parlamento de Israel.

A decisão do governo israelita foi tomada sob forte pressão norte-americana para impôr sancões à África do Sul e parece reflectir o desejo de travar a deterioração das relações entre Israel e os EUA, depois do caso Jonathan Pollard, um judeu norte-americano condenado a prisão perpétua no passado dia 4, por ter espiado contra o seu país a favor de Isreal.

Um alto responsável israelita adiantou que o Conselho de Ministros tinha aceitado o princípio de «reduzir as relações com a África do Sul», mas não indicou quais as medidas que iam ser adoptadas com esse objectivo. No entanto, a rádio estatal israelita adiantou que o executivo tinha concordado em não assinar «mais contratos militares» com a África do Sul.

A decisão do Conselho de Ministros surge ainda como um acto de antecipação à publicação de um relatório norte-americano no qual Israel é apontado como o principal fornecedor de bens militares ao governo da Africa do Sul.

Bispo chileno denuncia ameaças de morte

O bispo chileno Carlos Camus confirmou ontem, em entrevista à televisão italiana, que recebeu várias ameaças de morte depois da sua suposta aprovação moral do atentado frustrado de 7 de Setembro de 1986 contra o ditador Augusto Pinochet. Numa alusão às declarações que fez recentemente sobre a luta armada como resposa ao regime de violência, Camus disse que «não se pode comparar a violência dos que combatem o poder, arriscando a sua vida, com a vilência do carrasco contra o preso inocente». O bispo referiu ainda que o Papa João paulo II, que visitará o Chile no início de Abril, está ao corrente da violência do regime de Pinochet.

A visita do Papa foi um dos temas da entrevista que o dirigente socialista chileno Aniceto Rodriguez concedeu, em Lisboa, à agência Lusa. Segundo este dirigente, a oposição chilena aguarda com expectativa a próxima deslocação de João Paulo II.

« Toda a oposição à ditadura chilena espera do Papa a reafirmação da necessidade do respeito dos direitos humanos, nomeadamente a condenação do exílio forçado que o regime de Pinochet continua a impôr a políticos que apoiaram o governo de Salvador Allende», adiantou Rodriguez, que se encontra exilado na Venezuela.

O socialista chileno foi ontem recebido pelo presidente Mário Soares.

Terry Waite está n do Irão em Beirute

O enviado da Igreja Anglicana Terry Waite, que em Janeiro desapareceu no Líbano quando tentava negociar a libertação de reféns ocidentais, está detido na Embaixada do Irão em Beirute, revelou ontem uma revista oficial soviética.

« Conseguimos saber que Waite se encontra num edifício da Embaixada do Irão no sector ocidental de Beirute», afirma a «Literaturnaya Gazeta», que na semana passada tinha sugerido que as viagens de Waite a Beirute visavam mais facilitar o envio secreto de armas norte-americanas para o Irão do que negociar a libertação de reféns.

« Que faz ele ali? Dá andamento às negociações secretas de armamento entre os Estados Unidos e o Irão, apesar do escândalo Irangate ?», pergunta a revista.

Entretanto, foi ontem libertado um diplomata da Arábia Saudita qie a 12 de Janei-

...mericano e um autocarro de ...a noite na região de Amberg, ...o gelo que havia na estrada e ...tocarro, que transportava um

...0

...lares do dinheiro pago pelo Irão foram depositados por Ghorbanifar, em 1986, numa conta na Suíça, pertencente a um grupo iraniano, o Movimento Global Islâmico, que financia organizações extremistas que operam no Líbano.

Weinberger na Turquia

O secretário norte-americano da Defesa, Caspar Weinberger, prometeu aos dirigentes turcos pressionar o Congresso para fornecer mais ajuda militar à Turquia, segundo funcionários do Pentágono.

As mesmas fontes acrescentaram que Weinberger prometeu ainda mais 40 caças F4-E ao abrigo de um programa do Pentágono para reforçar o flanco Sul da NATO.

...na Embaixada ...te

...ro havia asido raptado em Beirute, sem que nehum grupo tivesse reivindicado a responsabilidade deste rapto. Com a libertação do diplomata, são agora 26 os estrangeiros dados como desaparecidos no Líbano e que se supõe terem sido raptados.

Confrontos em Shatila

Um palestiniano foi morto e um outro ferido quando ontem ajudavam a descarregar um camião das Nações Unidas no campo de refugiados de Shatila, em Beirute. Segundo um porta-voz da Agência das Nações Unidas para a Ajuda aos Refugiados da Palestina no Médio Oriente, o tiroteio ocorreu depois do primeiro dos três camiões, que transportavam o carregamento, ter entrado no campo de Shatila, bloqueado por guardas da milícia xiita Amal. O campo de Shatila encontra-se cercado desde 29 de Outubro passado.

França: um ano de "coabitação"

John Morrison
Reuter/Lusa

Invulgar experiência de «coabitação» francesa entre um presidente de esquerda e um governo de direita está a fazer um ano, mas poucas serão as pessoas dispostas a festejá-lo. A difícil partilha de poder entre o presidente François Mitterrand e o primeiro-ministro Jacques Chirac, inicialmente popular entre os eleitores franceses, parece cada vez mais gasta.

Condenados a um casamento de conveniência pelo resultado das eleições parlamentares de 16 de Março do ano passado, Mtterrand e Chirac, tal como sucede com a maioria dos casais respeitáveis, evitaram disputas públicas susceptíveis de serem escutadas pelos vizinhos.

Nos assuntos externos foram mais bem sucedidos em manter uma frente unida, ajudados por um consenso nacional sólido entre a esquerda e a direita em questões ligadas à defesa, política europeia e relações com Moscovo e Washington.

Estadistas estrangeiros de visita a França, habituados a um interlocutor único em Paris, tiveram de aprender a movimentar-se a alta velocidade entre o gabinete do presidente e o do primeiro-ministro, repetindo duas vezes a mesma mensagem.

Chirac, grandemente suplantado no estrangeiro por Mitterrand, tem tido teoricamente liberdade de gerir a política interna, arriscando os piores comentários críticos do chefe de Estado.

Mas, na prática, a capacidade de manobra política do primeiro-ministro gaullista tem sido pequena e cada vez se torna mais exígua.

Limitado desde o início pelas pressões da sua aliança com a UDF, de centro-direita, Chirac tomou posse sabendo que só tinha à sua frente dois anos para se sair bem.

O calendário político determina a realização de uma nova eleição presidencial na Primavera de 1988. Praticamente a um ano do acontecimento, as hipóteses de Chirac conseguir uma vantagem decisiva sobre os seus rivais na corrida presidencial através da sua actuação no governo diminuem velozmente.

Depois de nove meses a pressionar com a aceleração máxima as reformas sociais e económicas, Chirac viu-se forçado, por uma revolta de estudantes, em Dezembro passado, a uma alteração de percurso humilhante.

Foi forçado a retirar uma controversa reforma universitária e ainda a abandonar toda a sua estratégia política.

Sondagens desfavoráveis a Chirac

As consultas com os sindicatos e outros grupos sociais, postas de parte inicialmente com base em alegações de que o governo tinha um mandato a cumprir, foram retomadas à pressa como uma das prioridades máximas de Chirac.

A mudança de estilo forçada enfraqueceu Chirac, levando a uma queda da confiança pública. Uma sondagem recente publicada pela Sofres mostrou que 55 por cento dos inquiridos estavam desapontados com a sua actuação e só 25 por cento estavam satisfeitos.

Ao receber as más notícias, Chirac não se eximiu a sacudir em público a água do capote: «sou o único que suja as mãos», afirmou. À medida que a popularidade do primeiro-ministro cai, sobe a de Mitterrand.

O outro principal beneficiário da situação de apuro em que se encontra Chirac é o seu arqui-rival Raymond Barre, encarado agora por quase todos os analistas políticos como a escolha mais provável da UDF para a batalha eleitoral de 1988.

Mitterrand parece disposto a abandonar o Eliseu em 1988

Barre, que se opõe à coabitação, acha que a história começou agora a provar que ele tinha razão quando dizia que a experiência ia dar maus resultados.

Cresce no seio das fileiras da UDF o apoio ao antigo primeiro-ministro, enquanto Barre percorre o país de lés a lés construindo a imagem para a sua futura campanha presidencial.

Chirac apela com regularidade para a unidade, mas os apoiantes de Barre replicam que não aceitam lições de lealdade de um homem que desancou sem piedade no governo de Barre de 1976 a 1981.

Entretanto, os ministros da UDF no governo de Chirac ressentem-se pelo que consideram ser o apetite pelo poder do movimento gaulista após uma década (1976-86) na oposição.

As recentes mexidas verificadas na Televisão francesa deixaram aos apoiantes de Chirac o controlo de dois canais do Estado e de dois canais recentemente privatizados. O primeiro canal do Estado, que está agora a ser privatizado, deverá ir para a Hachette, o maior grupo de publicações francês, chefiado por outro aliado de Chirac.

Nos bastidores sucederam-se cenas de tensão devido à política dura do governo sobre a lei e a ordem, destinada de início a conter a subida da Frente Nacional, de extrema-direita, que combate os imigrantes.

Um dos duros — o ministro francês do Interior, Charles Pasqua, inicialmente visto como um trunfo eleitoral — é apontado pelas sondagens como o ministro menos popular do governo, especialmente entre os jovens.

A geração mais jovem dos políticos da UDF, liderada pelo ministro da Cultura, François Leotard, vê Chirac e os gaulistas como fora de moda, actuando segundo um estilo político ao jeito de há 15 anos sob a égide do presidente Georges Pompidou.

Socialistas avançam com Rocard?

Todasestas tensões vão vir à superfície ao aproximar-se a corrida presidencial de 1988. Até agora, o único consolo de Chirac reside no facto de a esquerda não ter conseguido suscitar o interesse público.

Enquanto o outrora poderoso Partido Comunista se remete a um papel marginal, preocupado em combater os seus críticos internos, os socialistas mantiveram-se firmes depois de terem sido afastados do poder, há um ano.

A maioria do partido ficaria feliz em ver Mitterrand, 70 anos, disputar um segundo mandato em 1988, embora o presidente se mostre relutante em fazê-lo.

Se Mitterrand abandonar a disputa, para escrever as suas memórias, o socialista mais provável é Michel Rocard, o mais popular entre o público francês pelos seus pontos de vista pouco dogmáticos, mas suspeito por isso mesmo pelos militantes do partido.

Mesmo que Mitterrand dê a Rocard todo o seu apoio, o que parece provável, vai ser difícil para muitos socialistas digerir Rocard, um estranho dentro do partido.

As últimas sondagens mostram que Rocard poderá enfrentar uma luta dura contra Barre numa disputa presidencial e que seria difícil obter uma maioria parlamentar em novas eleições para a Assembleia Nacional.

Isto sugere que mesmo que um socialista venha a ganhar as eleições presidenciais pode continuar a existir um presidente de esquerda no Eliseu e uma maioria de direita na Assembleia — uma fórmula para fazer durar mais cinco anos aquilo a que o presidente da Assembleia Nacional, Jacques Chaban-Delmas, chamou recentemente uma coabitação «medíocre».

24 HORAS

Casamento celebrado por mulher

O casamento do gerente de pizaria, Alastair Dearnley, e da empregada de bar Heather Irvine, contituiu um marco na história da Igreja britânica: a cerimónia foi celebrada por uma mulher. A diácona Sylvia Mutch, ordenada no início do mês na Catedral de York, celebrou o casamentp na pequena igreja de Clifton, uma aldeia perto de York. Um porta-voz da Igreja britânica disse ser a primeira vez que uma mulher dirigia um casamento na Inglaterra, embora isso já tennha acontecido em igrejas anglicanas no Canadá e Estados Unidos. «Não tivemos quaisquer problemas quanto ao facto de a cerimónia ser conduzida por uma mulher. Pensamos os dois que as mulheres devem ter direitos iguais», disse a noiva após o casamento.

Kohl saúda reformas na URSS

O chanceler alemão federal, Helmut Kohl, saudou as novas e mais intensas negociações Leste-Oeste sobre desarmamento e as reformas introduzidas pelo líder soviético, Mikhail Gorbatchev. Num discurso de duas horas e meia, feito no Parlamento para assinalar o seu segundo mandato como chefe do Governo depois da reeleição da sua coligação de centro-direita em Janeiro, Kohl disse que o executivo procura melhorar as relações com Moscovo.Salientando que a Alemanha Federal tem uma responsabilidade especial na manutenção da paz mundial devido ao seu passado nazi, Kohl frisou que o seu país deseja uma «dissuasão realista» entre Washinton e Moscovo.

Crise italiana parece agravar-se

As perspectivas de resolução da crise política italiana pioraram depois de uma reacção desfavorável do Partido Socialista a várias propostas apresentadas pelo Primeiro Ministro designado, Giulio Andriotti. A queda da anterior coligação governamental, formada por cinco partidos, prendeu-se com uma disputa entre os socialistas e os cristãos-democratas sobre o cargo de Primeiro-Ministro. As divergências que impedem Andreotti de formar Governo centram-se agora na questão dos quatro referendos, a realizar em Junho, sobre uma reforma legal e a energia nuclear.

Explosão mata 11 no Djibuti

Onze pessoas (incluindo quatro cidadãos franceses) morreram e 45 ficaram feridas na sequência de uma explosão ontem ocorrida no café «Historil», anunciou a embaixada francesa em Djibuti. O Djibuti alberga a principal base naval francesa no Oceano Índico e um contingente de cerca de três mil soldados franceses encontra-se estacionado naquela ex-colónia francesa, ao abrigo de um acordo de defesa assinado quando da sua independência, em 1977. Segundo a mesma fonte, o atentado não foi reivindicado. O Djibuti está geograficamente entalado entre a Etiópia e a Somália, no corno de África, e conta com uma população de 350 mil pessoas.

Aquino visita vítimas de atentado

A Presidente Corazon Aquino visitou os sobreviventes de uma explosão de bomba na Academia Militar filipina em Bangui, ontem registada e que causou qutro mortos e 43 feridos. As autoridades deram início a investigações que se centram em três grupos suspeitos da autoria do atentado, suspeitando-se que estejam envolvidos rebeldes comunistas. As investigações preliminares indicam que a explosão foi originada por três detonações quase simultâneas de explosivo B-40.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA 1.º JUÍZO ARREMATAÇÃO 1.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 1 de Abril de 1987, pelas 10 horas, neste Tribunal – Rua Braamcamp, n.º 5 – 4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: JOSÉ RIBEIRO, com sede na Rua Pêro de Alenquer, 31 -31-A em Lisboa, no processo executivo n.º 475/83 e ap.

BENS PENHORADOS:

Verba única — Prédio urbano sito na Av.ª de Pádua, n.º 14, letras JR, de construção semi-industrial, destinado a escritório, armazém e estação de serviço e oficinas de reparação de veículos, composto de 6 pisos, cujo valor matricial é de 55 032 000$00.

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 13 de Março de 1987

O Juiz de Direito
JOÃO CORDEIRO DIAS

O Liq. trib.
F. LOPES

«DL» — 19/3/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA 1.º JUÍZO ARREMATAÇÃO 1.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 30 de Março de 1987, pelas 10 horas, neste Tribunal – Rua Braamcamp, n.º 5 – 4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: Iberna-Importação e Comércio, SARL, com sede na Calçada de Santo António, n.º 2 em Lisboa, no processo executivo n.º 821/83.

BENS PENHORADOS:

Verba única — O direito ao arrendamento e trespasse do escritório e armazém sito na Calçada de Santo António n.º 2 em Lisboa, pelo qual é paga a renda mensal de 20 500$00, e o respectivo recheio constante de relação anexa no processo, a que se atribui o valor total presumível de 1 500 000$00 (um milhão e quinhentos mil escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 13 de Março de 1987

O Juiz de Direito
JOÃO CORDEIRO DIAS

O Liq. trib.
F. LOPES

«DL» 19/3/87 — 2.ª Pub.

DÉCIMO NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

NOTÁRIO: LIC. LUÍS LOPES PEREIRA

Certifico para efeitos de publicação que, por escritura de hoje lavrada de fls. 9 a 10v.º do livro de notas 58-J deste Cartório, foi constituída entre Market-test-Marketing, Organização, Formação, Limitada, pessoa colectiva n.º 501070982, com sede em Lisboa, na Rua de São José, n.º 83, 2.º andar, António Vasco Guimarães, da Silva, residente na Avenida Guerra Junqueiro, n.º 2, 1.º em Lisboa, casado com Otília Maria Coelho Guerreiro Guimarães, da Silva segundo o regime da comunhão de adquiridos e Vítor Manuel Pinto Lima, residente na Rua de Santa Justa, n.º 6, 4.º andar, esq. em Lisboa, casado com Maria da Soledade Dias y Pais Sartoris segundo o regime da comunhão de adquiridos, uma sociedade comercial por quotas denominada DATA-E-INFORMAÇÕES EMPRESARIAIS, LDA, com sede em Lisboa, na Rua da Bombarda, n.º 72, 4.º andar direito, freguesia dos Anjos, a qual se rege pelo constante da presente fotocópia e está conforme ao original.

Lisboa e 19.º Cartório Notarial, vinte sete de Fevereiro de 1987.

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação DATA-E-INFORMAÇÕES EMPRESARIAIS, LDA, vai ter a sua sede em Lisboa, na Rua da Bombarda, número setenta e dois, quarto direito, freguesia dos Anjos, e tem o seu início a partir de hoje.

PARÁGRAFO ÚNICO

Fica autorizada a gerência a deslocar livremente a sede social dentro do concelho de Lisboa ou para concelho limítrofe.

SEGUNDO

A sociedade tem por objecto a prestação de serviços às empresas, nomeadamente nas áreas da gestão financeira, da gestão comercial, da gestão de produção e da gestão de pessoal, estudos técnicos, económicos e projectos; edição de publicações com carácter periódico ou não periódico.

TERCEIRO

O capital social é de OITOCENTOS MIL ESCUDOS e corresponde à soma das três seguintes quotas: — uma de quatrocentos e oitenta mil escudos, pertencente à sócia Market-test — Marketing, Organização, Formação, Limitada, uma de cento e sessenta mil escudos pertencente ao sócio António Vasco Guimarães da Silva, e outra de cento e sessenta mil escudos pertencente ao sócio Vítor Manuel Pinto de Lima.

PARÁGRAFO ÚNICO

Cada um dos sócios já realizou a sua quota em dinheiro quanto a cinquenta por cento, devendo cada um realizar o restante, também em dinheiro, até um de Março de mil novecentos e oitenta e oito.

QUARTO

A transmissão de quotas entre vivos carece de consentimento da sociedade ainda que se trate das cessões referidas no artigo duzentos e vinte e oito, número dois, parte final, do Código das Sociedades.

QUINTO

No caso de falecimento de qualquer sócio, os contitulares da quota, enquanto esta se mantiver em estado de comunhão hereditária, indicarão no prazo de trinta dias um representante comum que poderá ser um estranho à sociedade, digo.

SEXTO

Os sócios podem deliberar que lhes sejam exigidas prestações suplementares até ao montante global de dois milhões de escudos.

SÉTIMO

A sociedade é administrada e representada por um ou mais gerentes que podem ser pessoas escolhidas de entre estranhos à sociedade.

PARÁGRAFO PRIMEIRO

Ficam desde já nomeados gerentes os sócios António Vasco Guimarães da Silva, e Vítor Manuel Pinto Lima, e ainda o não sócio Luís Teixeira Queirós, o outorgante nomeado em primeiro lugar.

PARÁGRAFO SEGUNDO

Para obrigar a sociedade são suficientes as assinaturas de dois gerentes.

OITAVO

A sociedade poderá adquirir participações em sociedade com objecto diferente do seu, em sociedades reguladas por leis especiais e em agrupamentos complementares de empresas.

NONO

A convocação das assembleias gerais deverá ser feita por carta registada dirigida a cada um dos sócios e expedida com a antecedência mínima de quinze dias, a não ser que a lei exija outras formalidades ou estabeleça prazo mais longo.

DÉCIMO

Fica permitido a qualquer sócio fazer-se representar por estranho nas deliberações sociais.

DÉCIMO PRIMEIRO

Estimam em cem mil escudos as despesas a fazer com esta escritura, seu registo na Conservatória, no Registo Nacional de Pessoas Colectivas e respectivas publicações.

«DL» 19/3/87

ARISTON

M. L. FERREIRA
R. D. Estefânia, 48-A-1000 Lisboa

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA 1.º JUÍZO

Arrematação
2.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no **dia 25 de Março/87** às 10 horas, neste Tribunal – R. Braancamp n.º 5 - 4.º – Lisboa, vão à praça os bens abaixo indicados, penhorados a ROCAMBOLE – Actividades Hoteleiras, Ld.ª com sede na R. da Imprensa Nacional, 104 - A – Lisboa.

Bens Penhorados

V.ª n.º 1 – Uma central de ar condicionado BRENDA ACONDA – mod. 8 CAC – série 0208173, fabrico italiano, no valor de 300 000$00.
V.ª n.º 2 – Uma caixa registadora mod. NCR s/n.º visível, no valor de 15 000$00.
V.ª n.º 3 – Uma arca frigorífica FRANGER s/n.º visível, no valor de 25 000$00.
V.ª n.º 4 – Um balcão frigorífico c/3 portas inox FVJVKOKI, no valor de 50 000$00.
V.ª n.º 5 – Uma aparelhagem sonora de discotec marca TECHNICS-SL no valor de 150 000$00.

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada, bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 16 de Março 1987

O Juiz de Direito
João Cordeiro Dias

O Escrivão
J. Henriques

«D.L.» 19/3/87 –

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA – 1.º JUÍZO

Arrematação
1.ª Praça

– Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 1 de Abril de 1987, pelas 10 horas neste Tribunal – R. Braancamp n.º 5-4.º – Lisboa, vão à praça os bens abaixo indicados, penhorados a Mecano Eléctrica, Ld.ª com sede na Rua da Boavista n.º 84-1.º – Lisboa – proc.º 9852/83 por dívida ao Centro R. Seg. Social.

Bens Penhorados

V.ª 1 – O direito ao trespasse e arrendamento do r/c, 1.º esq. e 1.º dt.º da R. da Boavista n.º 84 – Lisboa, sendo paga a renda de 13 000$00 e senhorio o sr. Luís Melo Rego, sendo procurador Associação Proprietários Lisbonenses, a que se atribui o valor de 9 000 000$00.
V.ª 2 – Uma secretária em madeira castanha a que se atribui o valor de 5000$00.
V.ª 3 – Uma máquina de somar manual marca BRUNSUSA c/ o n.º 21 643, no valor de 3000$00.

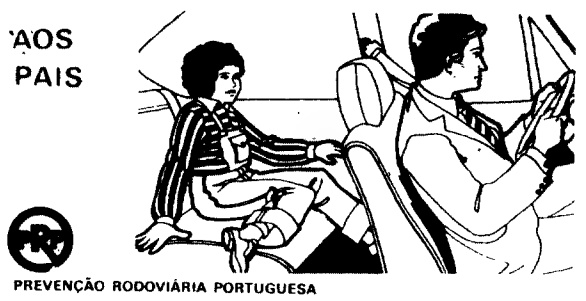
São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada, bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 16 de Março de 1987
O Juiz de Direito
João Cordeiro Dias

O Escrivão
José Henriques

DL 19/3/87 – 1.ª PUB.

ALHANDRA
TERRENO
Vende-se barato. Autorizado à construção.
Contacte tel. 982 67 46



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA
"Transporte sempre as crianças no banco de trás"

VENDE-SE MOTO

Mod. Kawasaki, 500 2T Mach III/74

Bom estado — 250 contos

Cont. Tel: 42636 depois 19h
rede de Viana do Castelo

GRUPO CULTURAL E RECREATIVO DO PESSOAL DA CTM

COMPANHIA PORTUGUESA DE TRANSPORTES MARÍTIMOS, E.P.

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Reúne a partir das 18.00 horas do próximo dia 24 de Março de 1987, terça-feira, a Assembleia Geral Extraordinária deste Grupo, na Rua de S. Julião, 63, 1100 LISBOA, com a seguinte ordem de trabalhos:

— Liquidação do Grupo Desportivo

Lisboa, 17 de Março de 1987

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(assinatura ilegível)

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 1.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de 30 dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio citando os réus para no prazo de 10 dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: no pagamento do montante de 365.264$00 e acréscimos legais à Autora como tudo melhor consta de petição inicial, cujo duplicado fica na Secretaria desta Tribunal à ordem do citando. Acção Sumária n.º 2682 1.ª secção Autor REMOTOR-Comércio de Automóveis Ld.ª com sede na Estrada Velha de Queluz n.º 32-34-B Amadora. Réu Carlos Manuel Penedo Dionísio – com última morada conhecida na R. Jorge Afonso n.º 16-2.º esq.º em Lisboa.

Lisboa 10 de Março de 1987

O Juiz de Direito,
a) José Nuno de Almeida Valadas

P/o O Escrivão de Direito
a) Maria Helena dos Santos Gonçalves

«DL» 19/3/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DE COIMBRA

2.ª Secção 1.º Juízo

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que, por estes Juízo e Secção, correm éditos de 30 dias, contados da data da segunda e última publicação do anúncio, citando a executada ORTOKOL — SOCIEDADE IMPORTADORA DE MATERIAL ORTOPÉDICO, LD.ª, que teve a sua sede na Rua Luciano Cordeiro, 89-3.º Esq.º., LISBOA, para no prazo de cinco dias, findo o dos éditos, deduzir oposição, pagar ao exequente Banco Pinto & Sotto Mayor, EP, com sede em Lisboa e filial em Coimbra, na Rua João de Ruão, Edifício de Arnado, Coimbra, a quantia de 311 636$40, juros e demais despesas, nos autos de Execução sumária n.º 224/86, ou nomear bens à penhora suficientes para tal pagamento, sob pena desse direito se devolver ao dito exequente, como tudo melhor consta da petição inicial, cujo duplicado se encontra na Secção para ser entregue a quem de direito.

87/03/12

O JUIZ DE DIREITO
(assinatura ilegível)

O ESCRIVÃO ADJUNTO
(assinatura ilegível)

«DL» 19/3/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DA GOLEGÃ

ANÚNCIO

FAZ SABER que no dia 10 de Abril pelas 10H30 neste Tribunal e nos autos de ACÇÃO ESPECIAL (de Recuperação de Empresa e Protecção de Credores) n.º 113/86-2.ª Sec. que «J. JUSTINO DAS NEVES, LDA» e outros movem a «URRETAL — Gabinete de Projectos de Construção Civil e Urbanizações, Lda» com sede no Entroncamento, se há-de proceder à REUNIÃO DA ASSEMBLEIA DE CREDORES da requerida.

FAZ-SE SABER que decorre até 19 de Março o prazo para impugnação dos créditos, reclamados, pelos outros credores e pela comissão de credores.

Secretaria Judicial da Golegã, 9 de Março de 1987

O Juiz de Direito
a) Dr. Gabriel Martim dos Anjos Catarino

O Escrivão de Direito
a) Manuel da Costa Oliveira Morgado

«DL» 19/3/1987

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

Pelo presente se anuncia que pelo Terceiro Juízo Segunda Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa correm seus termos uns autos de execução de sentença registados sob o n.º 68-A/85-Ex em que é exequente António Casimiro Santos da Conceição e Executada Aludofil - Comércio e Indústria de Alumínios, Lda, com sede na Rua Ilha de Porto Santo, n.º 2-A-B e C, na Pontinha, que correm éditos de vinte dias, citando os credores desconhecidos, para no prazo de dez dias, findos os dos éditos, ou a contar da segunda e última publicação do anúncio, deduzirem os seus direitos, nos termos do Art.º 864 do Código de Processo Civil.

Lisboa, 11 de Março de 1987

O Juiz de Direito
a) Dr. António Ferreira Xavier Forte

O escrivão Adjunto

a) Amarelo

«DL 19/3/87 — 1.ª Pub.

Taça dos Campeões

Três "gigantes" esperam o Porto

Três gigantes do futebol europeu, (Real Madrid, Bayern de Munique e Dínamo de Kiev), tornaram-se possíveis adversários do FC Porto na Taça dos Campeões Europeus em futebol, ao garantirem a sua presença nas meias-finais da prova.

Ao apuramento dos portistas em Copenhaga (frente ao Brondby da Dinamarca) não faltou azar nem ironia: a fractura do perónio do brasileiro Casagrande, numa jogada mais violenta, forçou a entrada de Juary, que viria a ser o «salvador», ao marcar o golo do empate (1-1).

O tento alcançado pelo sul-americano (aos 70 minutos) serviu de «passaporte» para as meias-finais dada a vantagem (1-0) da 1.ª «mão», restando agora aguardar que o resultado do sorteio, em Zurique, decida uma das três rotas: Madrid, Munique ou Kiev. O FC Porto já provou não ter medo do gelo e do frio (frente aos dinamarqueses) mas o Dínamo de Kiev (URSS), vencedor da última edição da Taça das Taças, mostrou frente aos turcos do Besiktas ter uma equipa de luxo.

Depois de uma esmagadora vitória (5-0) na Turquia, a turma soviética, com um futebol mecanizado e muito disciplinado tacticamente, jogou a meio-gás no seu reduto, limitando-se a ganhar por 2-0, com golos do veterano Oleg Blokhin (50 minutos) e Vadim Yvetushenko (80).

O Dínamo de Kiev, à procura do seu 2.º êxito numa prova europeia, alinhou desfalcado de três titulares (Oleg Kuznetsov, Vladimir Bessonov e Vasily Rats) perante 60 000 espectadores, tendo o marcador funcionado num remate de Blokhin com o pé esquerdo.

O guarda-redes turco Jurcovik a ir buscar a bola ao fundo das malhas (aos 80) quando Yevtushenko não perdoou à boca da baliza, depois de um cruzamento de Alexei Mikhailichenko. O clube soviético, autêntico «viveiro» de jogadores para a selecção doseu país, só não dilatou o «score» porque Igor Belanov («futebolista europeu do ano») falhou uma grande penalidade, por derrube de Mikhailichenko dentro da área, ao tirar o esférico à trave.

O Real Madrid, temido pelas suas recuperações caseiras, independentemente da desvntagem da 1.ª «mão», manteve a fama, ao anular o 2-4 de Belgrado frente ao Estrela Vermelha, com um triunfo (2-0). No total de 4-4, os golos fora dos madrilenos permitiram a qualificação, com Emílio Butragueñ e Manolo Sanchis a serem eleitos os «heróis» da ronda europeia, mercê dos golos apontados aos 5 e 61 minutos, respectivamente. Perto de 100 mil apoiantes fanáticos tornaram o Estádio Santiago Bernabeu num «inferno» para os jugoslavos, gritando com insistência «Madrid, Madrid», tendo Butragueño aberto o activo num remate à queima-roupa, sem hipóteses para Stevan Stojanovic. O Real Madrid criou várias ocasiões de golo, mas o 2-0 só surgiu na segunda metade de jogo, com o defesa Sanchis a isolar-se e a abater Stojanovic, que nada pode fazer.

O jogo foi cenário de algumas jogadas mais ríspidas, com os jugoslavos Krivokapic e Bracun e o mexicano Hugo Sanchez (Real Madrid) a verem o cartão amarelo do árbitro Siegried Kirschen (RFA).

O Bayern de Munique, com um rico «palmarés» nas competições europeias, viu crescer as suas ambições a um quarto título europeu, ao afastar os begas do Anderlecht com um empate fora (2-2), depois de uma folgada vitória (5-0) há quinze dias. O Anderlecht abriu o activo (aos 31 m) através de Lozano, numa altura em que a defesa bavara estava em inferioridade numérica por saída temporária de Matthaeus do terreno de jogo, para receber tratamento médico. O avançado Roland Wohlfart igualou (1-1), aos 56 m, num período de maior domínio dos locais, que chegaram aos 2-1 por intermédio de Luk Nilis, aos 72. Lothar Matthaeus, uma dasfiguras mais em evidência na selecção germâica no último «mundial» no México, faria o empate (2-2) numa jogada em que ultrapassou em corrida a defensiva contrária.

Juary: o golo e a festa dos colegas

Brondby, 1-FC Porto, 1 (1-2)

"DRAGOES" DE LANÇA EM RISTE

Custou um pouco, mas já passou: e aí temos o FC Porto em etapa inédita da sua carreira internacional. Juary, num dos seus «sprints» habituais, apontou, em Copenhaga, o golo do empate (1-1) que permitiu aos «dragões» eliminarem o Brondby nos quartos de final da Taça dos Campeões Europeus.

A turma portista, que vencera a primeira «mão» por 1-0, viu anulada a magra vantagem antes do intervalo, quando Steffenson (de cabeça) fez o 1-0 para os dinamarqueses: mas, Juary, destruiu todas as ambições dos locais ao igualar, aos 70. O lance capital do desafio surgiu numa fuga rápida do dianteiro brasileiro pelo lado esquerdo, com Olsen a deixar-se ultrapassar por Juary, que fuzilou as redes de Schemeichl, com um disparo certeiro, junto ao poste direito.

Os pupilos de Artur Jorge, indiferentes ao frio, não criaram muitas oportunidades de golo, mas souberam aproveitar a melhor ocasião, que Juary não desperdiçou, depois de ter permitido algumas vezes a antecipação do guarda-redes nórdico em jogadas criadas em função da sua velocidade.

O confronto começou por ser muito táctico, com as equipas a marcarem o adversário de forma impiedosa e a não darem espaços de manobra: o esférico a ficar retido sobretudo a meio-campo, onde Frasco e André foram incansáveis.

Logo aos 20 minutos, Casagrande, na sequência de choque com um dinamarquês, teve de ser retirado do relvado, com Juary a render o seu compatriota om a mesma missão ofensiva que lhe estava confiada. A maior pressão atacante dos dinamarqueses viria a criar problemas a Mlynarczyk (aos 26 minutos) quando o guardião polaco teve de «voar» ao ângulo para evitar que o «score» funcionasse.

Algumas desatenções da defensiva nortenha quase permitiam a Claus Nielsen abrir o activo (aos 30) mas seria Steffensen, num golpe de cabeça (aos 38) a fazer o 1-0, à boca da baliza, num lance que deixou culpas aos centrais portistas. Celso (de livre directo) e Futre, caindo na área adversária numa jogada mais envolvente com Olsen, tentaram sem êxito o volta-face antes do intervalo.

No período complementar, o Brondby veio mais para o ataque, numa atitude qu lhe custou muito caro, pois permitiu à dupla Futre-Juary mover-se com maior liberdade no contra-ataque. Mesmo assim, Mlynarczyk teve de por em acção toda a sua segurança, ao negar por duas vezes o golo aos dinamarqueses, tendo numa delas mergulhado «in extremis» aos pés de Claus Nielsen, que se mostrou muito perigoso.

A reviravolta acabou por surgir a 20 minutos do fim, quando Juary fez o 1-1, tendo o Brondby acusado o golo e consentido, alguns minutos depois, que Futre se isolasse frente a Schmeichel, mas com o esférico a encontrar a oposição do guardião.

Duas substituições simultâneas, com entradas de Laudrup e Christiansen, imprimiram de novo maior agressividade aos dinamarqueses, com o primeiro a falhar o alvo por pouco (aos 86) numa jogada dentro da área. Aliviando a bola de qualquer forma, mas nunca abdicando do contra-ataque, o FC Porto conseguiu que o empate persistisse até final dos 90 minutos, numa partida em que a dureza marcou presença por vontade de ambos os emblemas.

Destaque muito especial para o brilho das actuações de Futre, Mlynarczyk e Juary, seguidos pelos dinamarqueses Olsen e Vilfork.

Casagrande fracturou perónio

O brasileiro Casagrande fracturou o perónio da perna esquerda durante o encontro em Copenhaga e deverá ficar inactivo cerca de um mês e meio. O «internacional» brasileiro lesionou-se aos 20 minutos do jogo, na sequência de choque com um adversário (Jensen) e foi substituído pouco depois por Juary.

Casagrande foi transportado a um hospital de Copenhaga, onde foi radiografado mas regressou a Portugal juntamente com os seus companheiros, que chegaram às Pedras Rubras às 2 e 15 de hoje.

O avançado brasileiro fazia a sua estreia internacional pelo FC Porto, mas agora já não poderá actuar na meia-final, que se disputa a 8 e 22 de Abril.

Eles disseram

Artur Jorge afirma-se «**muito satisfeito**» com a qualificação para as meias-finais da «Taça dos Campeões Europeus» e manifestou o desejo de «**assim continuar até à final**». Numa alusão irónica a anteriores declarações dos dinamarqueses do Brondby, Artur Jorge criticou a actuação do árbitro, o húngaro Nemeth, que considerou «**infeliz e que prejudicou o FC Porto**». «**Se o critico o árbitro é porque nos qualificámos, porque caso não o tivéssemos conseguido talvez nunca falasse desta actuação menos brilhante do juiz da partida**», acrescentou o técnico portista para quem o primeiro cartão amarelo mostrado a Frasco (ao abir do jogo) «**destinava-se a intimidar o Porto**».

O treinador portista lamentou o «amarelo» que afasta os jogadores Quim e Frasco da próxima eliminatória, mas sobretudo a lesão de Casagrande.

«**Qualificámo-nos perante uma equipa que provou aqui ser uma boa formação, o que contradiz o pensamento geral de que seria um adversário fácil**», disse Artur Jorge.

«**A saída de Casagrande veio alterar os meus planos tácticos mas considero que o FC Porto tem elementos para fazer frente a este tipo de imprevistos**», adiantou.

Sobre o próximo adversario, Artur Jorge não quis pronunciar-se, dizendo apenas que **qualquer um serve e esperamos continuar até à final da Taça dos Campeões Europeus.**

O presidente portista Jorge Nuno Pinto da Costa garante que a qualificação lhe deu «**uma grande satisfação**, acrescentando: **julgo que é importante também para o futebol português. Há muitos anos que uma equipa portuguesa não se qualificava para uma meia-final da Taça dos Campeões e isto constitui uma alegria complementar** salientou o presidente «azul-branco».

Sobre cartões amarelos e a lesão de Casagrande, Pinto da Costa disse que **o FC Porto possui um «plantel» importante, mas contrariamente ao que muitos dizem é necessário possuir muitos e bons jogadores nesascompetições.**

O guarda-redes Mlynarckzic, que regressou à equipa após dois meses de ausência (devido a uma lesão), mostrou-se também **muito satisfeito por este regresso e por ter ajudado a equipa a passar às meias-finais. Este trinfo é de todos nós: e espero poder continuar a ajudar o FC Porto,** acrescentou o guarda-redes «internacional» polaco.

FERNANDO Gomes considerou a qualificação **uma vitória do grupo, um grupo que foi uma formação humilde mas que, no cômputo dasduas «mãos», mereceu passar às meias-finais.**

Sobre o Brondby, o ponta-delança do FC Porto disse que se trata de **uma equipa que mostrou valor para estar nestas andanças europeias.**

O treinador dinamarquês Ebbe Skovdahal, que assistiu ao encontro na bancada por se encontrar castigado pela UEFA, deslocou-se no final do jogo à cabina do FC Porto para felicitar o técnico Artur Jorge e desejarlhe as maiores felicidades para a meia-final. Interrogado sobre o seu gesto, declarou: **acho que é natural entre homens do futebol e considero, apesar de estar um pouco decepcionado, que fomos eliminados por uma das melhores equipas da Europa e, possivelmente, do mundo. Só temos um ano de profissionalismo, o que se nota a nível de experiência dos nossos jogadores,** acrescentou o técnico.

Com arbitragem do húngaro Nemeth, as equipas alinharam:

Brondby: Schemechel; Ostergaard, Olsen, Kent Nielsen e Madsen; Bjorne Jensen, John Jensen, Henrik Hansen e Steffensen; Claus Nielsen e Vilfort. Jogaram ainda: Brian Laudrup e Christiansen.

FC Porto: Mlynarczyk; João Pinto, Celso, Lima Pereira e Inácio; Frasco (Eduardo Luís, 78), André, Quim e Futre; Casagrande (Juary 20) e Gomes.

Golos: Steffensen (36) e Juary (70). Cartão amarelo para Frasco, Quim e Ostergaard.

"Placard" europeu

Eis os desfechos dos vários jogos relativos à 2.ª «mão» dos três troféus uefeiros:

● Taça dos Clubes Campeões Europeus: Anderlecht (Bélgica)-Bayern de Munique (RFA) 2-2 (0-5 no 1.º jogo). Apurado: Bayern de Munique (total: 7-2); Dínamo de Kiev (URSS)-Besiktas de Istambul (Turquia) 2-0 (5-0). Apurado: Dinamo de Kiev (total: 7-0). Real Madrid (Espanha)-Estrela Vermelha (Jugoslávia) 2-0 (2-4). Apurado: Real Madrid (total: 4-4, por golos fora). Brondby (Dinamarca)-FC Porto 1-1 (0-1). Apurado: FC Porto (total: 2-1).

● Taça dos Vencedores de Taças: Vitocha Sófia (Bulgária)-Saragoça (Espanha) 0-2 (0-2). Apurado: Saragoça (total: 4-0). Ajax (Holanda)-Malmoe (Suécia) 3-1 (0-1). Apurado: Ajax (total: 3-2). Torpedo de Moscovo (URSS)-Bordéus (França) 3-2 (0-1); Apurado: Bordéus (total: 3-3, por golos fora). Sion (Suíça)-Lokomotive Leipzig (RDA) 0-0 (0-2). Apurado: Lokomotive Leipzig (total: 2-0).

● Taça UEFA: Barcelona (Espanha)-Dundee United (Escócia) 1-2 (0-1). Apurado: Dundee United (total: 3-1). V. Guimarães-Borussia Moenchengladbach (RFA) 2-2 (0-3). Apurado. Borussia Moenchengladbach (total: 5-2). FC Swarovski Tirol (Áustria)-Torino (Itália) 2-1 (0-0). Apurado: FC Tirol (total: 2-1). Inter de Milão (Itália)-IFK Gotemburgo (Suécia) 1-1 (0-0). Apurado: IFK Gotemburgo (total: 1-1, por golos fora).

As meias-finais das três taças europeias realizam-se em 8 e 22 de Abril.

FUTEBOL UEFEIRO: SORTES DIVERSAS PARA PORTUGUESES

Parabéns para as Antas e, na generalidade, para o futebol português.: o FC Porto quebrou o jejum de 15 anos de ausência de equipas portuguesas nas meias-finais da Taça dos Campeões Europeus em futebol, mas o júbilo portista não pode ser seguido pelo Vitória de Guimarães, na «Taça UEFA».

Foi na Dinamarca frente ao Brondby com grandes dificuldades e um golo do suplente «de ouro» Juary que o FC Porto chegou com 2-1 no total e pela primeira vez no seu historial, às meias-finais 15 anos depois (1971-72) de o Benfica ter sido afastado da final pelo Ajax. Já o Guimarães (de Marinho Peres) viu a sua histórica carreira na Taça UEFA interrompida pelos experientes germânicos do Borussia de Moenchengladbach, cujo nome complicado nada tem a ver com futebol fácil com que eliminaram os vimaranenses, num total de 5-2.

Os campeões portugueses, que nunca tinham ultrapassado os oitavos-de-final da principal competição da UEFA, redimiram-se agora (aos olhos dos seus adeptos) da época irregular que vêm fazendo no campeonato nacional, com a renovação do título cada vez mais distante. Depois de eliminarem os malteses do Rabat Ajax e os checos do Vitkovice, os portistas encontraram inesperadas dificuldades ante o Brondby, a primeira e única equipa profissional da Dinamarca, afastada apenas com um golo, fora, obtido, pelo brasileiro Juary, a 20 minutos do fim.

Os dois golos da turma de Artur Jorge foram curiosamente obtidos por um argelino (Madjer) nas Antas e por um brasileiro em Copenhaga: mas, em jeito de compensação para os portistas, também os golos do Guimarães foram obtidos por estrangeiros os brasileiros Cascavel e Ademir). Facto também curioso, mas de má recordação para o seu autor, foi o que resultou dos únicos golos obtidos por um jogador português nestes quartos-de-final das competições europeias, precisamente pelo defesa vimaranense Heitor, mas na única baliza onde não devia ter marcado (a sua). Heitor apontou o 3.º golo do Borussia em Dusseldorf e repetiu «a façanha» em Guimarães, com o golpe de cabeça que impediu ao menos o sucesso da sua equipa neste jogo.

Paradoxal foi, ao mesmo tempo, o motivo que obrigou a entrada em campo do brasileiro Juary, mas com custos elevados, por se confirmar a gravidade da lesão do seu compatriota Casagrande.

Depois de uma final da Taça das Taças perdida para a Juventus (em Basileia, Suíça) na época de 1983-84, o FC Porto tem agora a grande oportunidade de atingir o seu maior sonho: a final da Taça dos Campeões Europeus.

O Vitória de Guimarães, apesar de eliminado pelo Borussia, deixou a certeza de se ter tornado na grande sensação da Taça UEFA desta época, depois de ter eliminado equipas poderosas na Europa, como o Sparta de Praga, Atlético de Madrid e Groningen da Holanda. Momento único na sua vida, o Guimarães apenas havia disputado três competições europeias: as duas primeiras consecutivas (em 1969-70 e 70-71) ainda denominadas Taça das Feiras, onde atingiram a segunda eliminatória e a última Taça UEFA na época de 1983-84, eliminados no 1.º confronto, frente aos ingleses do Aston Villa. Na temporada anterior, o Benfica tornara-se na única equipa portuguesa que até hoje chegou à final da Taça UEFA, perdendo então para o Anderlecht (Bélgica) por 2-1, no total das duas «mãos».

E P

	T. 6 h	Min.	Prec.	Às 13 h.
Bragança	1	0	0,0	P. nub.
V. Castelo	9	9	0,0	P. nub.
Vila Real	15	4	0,0	Limpo
Porto	8	7	0,0	Limpo
P.Dourad.	–	–	–	–
Coimbra	7	7	0,0	Neblina
C.Carvoeiro	13	12	0,0	Encob.
C. Branco	–	–	–	–
Portalegre	4	4	0,0	Nevoeiro
Lisboa	10	10	0,0	Limpo
Évora	7	6	0,0	Neblina
Beja	5	5	0,0	Neblina
Faro	9	9	0,0	Limpo
Sagres	12	12	0,0	M. nub.
P. Delgada	11	11	0,0	M. nub.
Funchal	16	16	0,0	Limpo

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 17, Porto 15, Faro 18, Ponta Delgada 17, Funchal 20.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

N E

	T. 7 h	Min.	Às 13 h.
Madrid	1	1	Limpo
Londres	0	0	Muito nub.
Paris	0	0	Muito nub.
Bruxelas	1	0	Neve
Amesterd.	0	-1	Nev. e gelo
Genebra	4	4	Muito nub.
Roma	12	10	Chuva
Oslo	-1	-1	Encoberto
Copenhaga	0	0	Chuv. e neve
Estocolmo	–	–	Neve
Berlim	1	1	Pouco nub.
Viena	2	-1	Encoberto
Varsóvia	1	0	Neve
Atenas	5	4	Limpo
Moscovo	-5	-7	Neblina

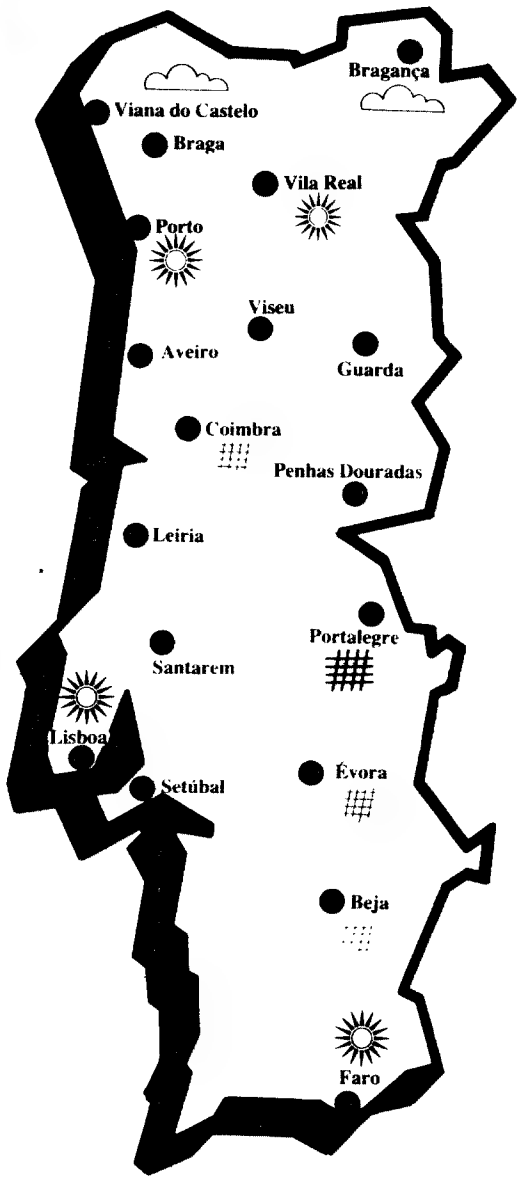
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

N M

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	18	27	Nublado
Joanesburgo	14	26	Nublado
Los Angeles	9	22	Chuva
Montreal	-6	3	Nublado
Nova Deli	21	33	Limpo
Nova Iorque	1	9	Limpo
R. de Janeiro	18	21	Limpo
S. Francisco	10	16	Nublado
São Paulo	18	28	Nublado
Tóquio	4	15	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



TEMPO

HOJE

No continente:
Céu pouco nublado ou limpo, vento fraco a moderado de norte. Descida de temperatura. Ocorrência de geada.

Estado do mar:
Costa Ocidental: **Mar de pequena vaga. Ondulação de noroeste de dois a três metros.**
Costa Sul: **Mar de pequena vaga. Ondulação de sueste de um a dois metros.**

Nos Açores:

Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de leste. Aguaceiros fracos.

Estado do mar: **Mar de pequena vaga. Ondulação de norte de dois a três metros.**

Na Madeira:

Período de céu muito nublado. Vento moderado de nordeste. Pequena descida de temperatura.

Estado do mar: **Mar de pequena vaga. Ondulação de norte de um a dois metros sendo inferior a um metro na costa Sul.**

AMANHÃ

Céu pouco nublado. Vento moderado de norte. Acentuado arrefecimento nocturno com formação de geada.

DEPOIS

Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco a moderado de norte. Acentuado arrefecimento nocturno com formação de geada.

MARÉS

Hoje

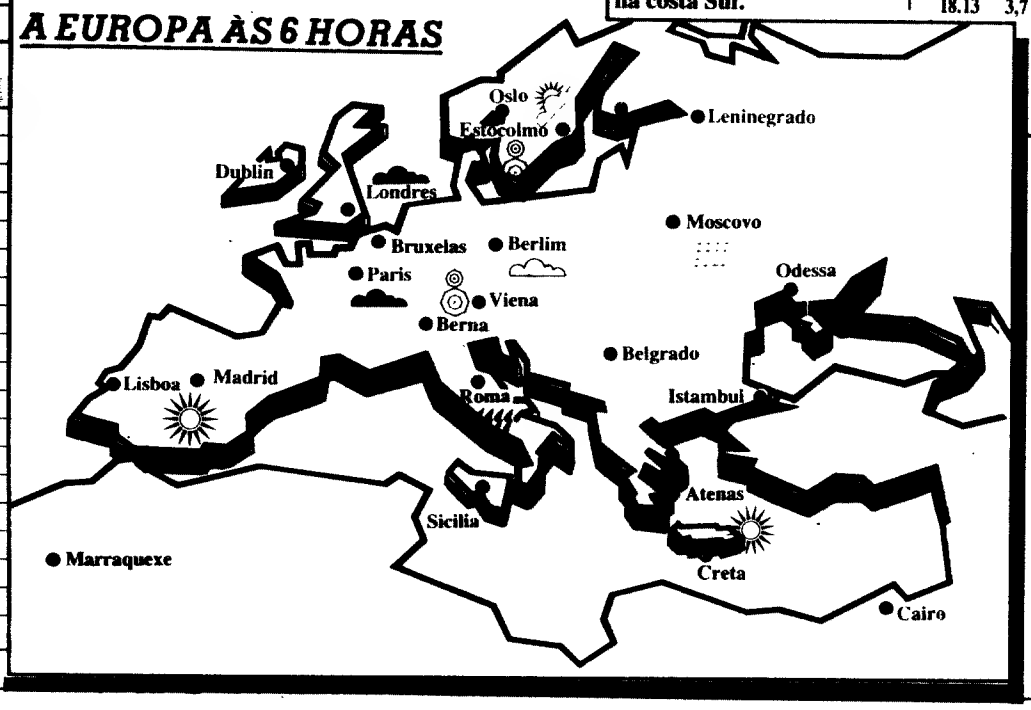
Praia-Mar		Baixa-Mar	
5.15	4,0 m	10.59	1,0 m
17.33	3,9 m	23.19	1,0 m

Amanhã

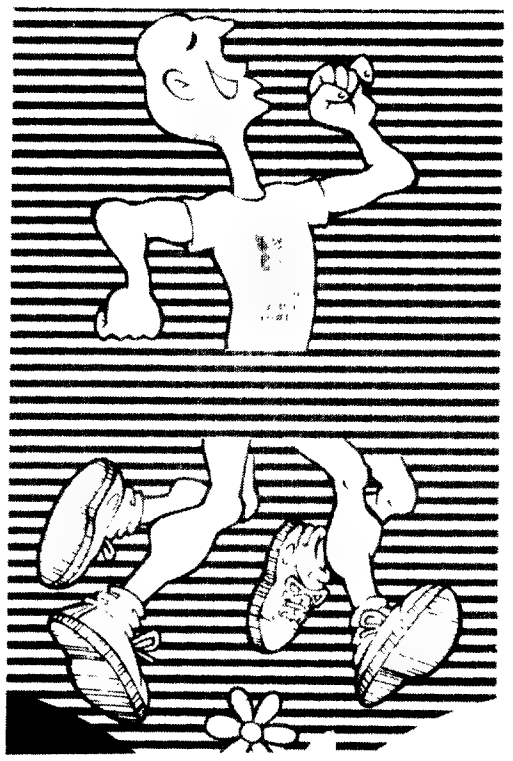
5.52	3,8 m	11.39	1,2 m
18.13	3,7 m	.. ..	.. ..

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

A EUROPA ÀS 6 HORAS



• Informação da agência Lusa



Vamos todos correr para o ambiente

No próximo sábado tem início o «Ano Europeu do Ambiente», que é celebrado em 1987 em todos os países da CEE. Como forma de assinalar o arranque formal desta iniciativa da Comunidade, escolheu a Comissão Nacional uma prova desportiva, sublinhando, (assim) a relação existente entre a prática desportiva e o Ambiente.

A corrida é aberta a todos quantos nela queiram participar, tendo sido convidados deputados, membros do Governo, jornalistas, desportistas federados, sindicalistas, empresários, autarcas e ecologistas. Enfim: a porta está aberta a todos os entusiastas.

As corridas iniciam-se às 10 h, exceptuando-se a de Lisboa, que se realiza às 15 h.

Os interessados em percorrer os cinco quilómetros da corrida, que se destina a alertar e motivar todos os cidadãos para a defesa e preservação de um ambiente mais puro em Portugal, podem inscrever-se nas **delegações regionais da Direcção-Geral dos Desportos, ou nos locais das corridas.**

Cada percurso foi elaborado por forma a serem percorridos os pontos de maior interesse em termos de qualidade ambiental, sendo o local de partida uma zona degradada e a meta de chegada uma área de ambiente equilibrado. Serão distribuídas recordações do Ano Europeu do Ambiente a quem tiver terminado a corrida mesmo que a passo.

Locais de partida de algumas corridas: Évora – Templo de Diana; Lisboa – Forte do Bom Sucesso – Pedrouços; Coimbra – Escola P/3 – Vale de Flores; Porto – Refinaria Petrogal – Av. dos Centenários – Leça de Palmela; Braga – Av. Central – junto ao coreto. Os locais de partida nas restantes localidades serão divulgados pelas respectivas delegações regionais da Direcção-Geral dos Desportos.

Taça das Taças

Bordéus brilhante na URSS em jogo com três "penalties"

O Bordéus conseguiu, em Tbilissi, marcar dois golos e com eles passar às meis finais da «Taça dos Vencedores de Taças», no mais problemático confronto dos quartos de final da Competição. O Torpedo de Moscovo, jogando em Tbilissi perante 60 000 espectadores, venceu por 3-2, mas o 1-0 que o Bordéus (onde o nosso Chalana não alinhou) levava de França chegou para a qualificação. Touré colocou duas vezes a equipa francesa em vantagem no marcador, num encontro em que três dos cinco tentos foram obtidos de grande penalidade. O Torpedo pressionou desde o início, mas isso custou-lhe o lance da grande penalidade que Touré colocou na 1.ª parte. No reatamento, foi Agashkov que igualou (também de castigo máximo) mas Touré voltou a marcar e o golo marcado por Savichev, dois minutos depois, bem como a grande penalidade (11 minutos mais tarde) de novo convertida por Agashkov, não chegaram para afastar a equipa gaulesa.

Sem grande surpresa, o Ajax de Amesterdão conseguiu superar a desvantagem de 1-0 trazida (sábado) da Suécia e vencer por 3-1, na Holanda, o Malmoe. O Ajax chegou a um tranquilo 3-0, depois de estar a vencer por 1-0 ao intervalo, com o Malmoe a marcar o ponto de honra a nove minutos do fim.

Os outros dois confrontos foram claramente favoráveis aos clubes que tinham ganho na primeira «mão», em casa, por 2-0. Na Bulgária, o Saragoça repetiu o resultado, confirmando o bom comportamento europeu das equipas espanholas, onde apenas o Barcelona («Taça UEFA») destoou. Mejias (aos 33 minutos) e Roberto Elvira (a dois do apito final) marcaram os tentos espanhóis. O Saragoça susteve um intenso assédio nos primeiros 15 minutos, por parte do Vitosha, e «transportou» o confronto para o meio-campo. Num encontro em que as defesas foram melhores que os ataques, o Saragoça acabou por conseguir marcar em contra-ataques.

Na Suíça, o Lokomotiv de Leipzig também aguentou a pressão do Sion e conseguiu chegar ao termo do encontro com o resultado em branco, fazendo valer os 2-0 conseguidos na RDA.

Taça UEFA

Descalabro do Barcelona

Os austríacos do FC Tirol fizeram história na Taça UEFA, ao eliminarem o Torino (de Itália) nos quartos-de-final da prova, com uma vitória por 2-1, depois de um nulo na primeira «mão».

O poderoso Barcelona (de Espanha) «carrasco» do Sporting nesta taça, deixou-se abater pelo escoceses do Dundee United a cinco minutos do fim, quando Clark (85) e Ferguson (89) apontaram os golos da vitória (2-1) no Nou Camp. A turma catalã, que foi finalista vencida a Taça dos Campeões Europeus do ano passado, frente aos romenos do Steaua de Bucareste, anularam o 0-1 da primeira «mão» com um golo de Caldere (aos 40 minutos) mas a falta de inspiração dos seus avançados não lhe permitiu chegar aos 2-0. Quando os cerca de 70 mil espectadores esperavam presenciar um futebol de ataque dos locais (no 2.º tempo) coube ao Dundee United as melhores oportunidades, com Paul Heggarty e Gallancher a criarem perigo antes dos dois golos dos seus colegas.

Para os clubes italianos foi uma «noite negra», pois o Inter juntou-se ao Torino no lote dos afastados da prova, ao consentir um empate (1-1) em Milão frente aos suecos do Gotemburgo, lançados para a ribalta do futebol europeu pelo seu antigo técnico Sven Goran-Eriksson, que deixou saudades no Benfica depois de firmar contrato com o Roma. Depois do nulo na Suécia, o Inter parecia ter todas as possibilidades de prosseguir na prova. Um autogolo de Fredriksson (aos 58) parecia facilitar a tarefas aos transalpinos, que viriam a sofrer um duro golpe, quando Nilsson igualou (aos 78 m) num lance com culpas para o guardião Walter Zenga.

O FC Tirol, apontado como uma das «vítimas» fáceis no início da competição, soube contrariar o favoritismo dos seus antagonistas, tendo provado frente ao Torino ter uma formação aguerrida, capaz de ultrapassar qualquer obstáculo. Os austríacos chegaram aos 2-0, com golos de Hans Mueller na sequência de um canto (aos 61) e de Pacult (aos 78 m) depois de um trabalho de Mueller por uma das extremidades do terreno. **Este resultado prova que podemos chegar à final** — advertiu o treinador do FC Tirol (Félix Matzke) que não escondia o seu contentamento no final do jogo.

FUTEBOL: NOTÍCIAS

Inglaterra: campeonato

O Liverpool consolidou a liderança no campeonato inglês de futebol da 1.ª divisão ao vencer (em casa) o Queens Park Rangers por 2-1, num encontro em atraso da prova. Com esta vitória o Liverpool soma 67 pontos no conjunto dos 33 jogos, tendo os golos frente ao Queens Park Rangers sido apontados por Ian Rush (aos 19 e 72 minutos). No outro encontro em atraso, o Arsenal e o Nottingham Forest empataram sem golos.

Guimarães, 2-Borussia de Moenchengladbach, 2 (2-5)

VITÓRIA ESCAPA AO VITÓRIA POR NOVO AZAR DE HEITOR

Poucos acreditariam num «milagre» que permitisse, em Guimarães, anular a desvantagem trazida pelos vimaranenses da RFA (0-3) mas quando chegou novo autogolo por Heitor (a repetir o azar sucedido em Moenchengladbach) tudo acabou. O sonho lindo ficava pelo caminho. Aliás, um tento do alemão-federal Bakalorz (aos 30 minutos) liquidou cedo as esperanças do Vitória de Guimarães na Taça UEFA, frente ao Borussia de Moenchengladbach (2-2) em encontro da segunda mão dos quartos de final. Ao intervalo, as duas equipas estavam empatados a um golo. O Borussia de Moenchengladbach passou às meias-finais da prova com o total de 5-2, depois de ter ganho em Dusseldorf, por 3-0.

A turma portuguesa, que nunca na sua história tinha ultrapassado a 2.ª eliminatória de uma competição europeia, iniciou o encontro disposta a diminuir cedo a desvantagem trazida de Dusseldorf, mas a boa organização defensiva dos alemães e a ameaça do seu contra-ataque foi impedindo os intentos dos minhotos.

Sem contar com Carvalho, N'Kama (o melhor rematador do Vitória), Roldão (um dos mais rápidos extremos do futebol português) e Nené (um defesa muito seguro) o Guimarães foi ainda assim a equipa dominadora em todo o encontro mas a experiência do Borussia acabou por prevalecer.

Logo aos 8 minutos do encontro, o zairense Basaula desperdiçou a primeira grande oportunidade ao adiantar um pouco mais o esférico, que chegou primeiro às mãos do guarda-redes Kamps. Com a turma de Marinho Peres a pressionar desde o primeiro minuto, os germânicos remeteram-se ao seu meio-campo, utilizando o contra-ataque que se tornou o grande «carrasco» do Vitória de Guimarães, quer na Alemanha Federal quer em Guimarães.

Até ao primeiro quarto de hora (e em apenas dois minutos), o guarda-redes Jesus salvou o Vitória de sofrer o primeiro golo, com outras tantas defesas arrojadas perante a ameaça dos avançados Criens e Rahn. Aos 19 minutos, foi a vez do Guimarães desperdiçar uma grande oportunidade de golo. Cascavel serviu Basaula, que fugiu à defensiva contrária, cruzou rasteiro para o coração da grande área, mas não surgiu ninguém, nem sequer um vimaranense.

O Borussia voltou a utilizar a arma do contra-ataque e, aos 28 minutos, criou mais problemas à defensiva portuguesa, especialmente aos centrais, por intermédio de Criens: o remate do alemão-federal saiu por cima da barra.

Dois minutos depois, aconteceu o lance do 1.º golo da partida (e para os germânicos), uma vez mais por desatenção do meio-campo vimaranense, que se «esqueceu» de marcar Rahn e Bakarloz que, quase do meio-campo e ante a saída precipitada de Jesus, passou-lhe a bola por cima.

O Guimarães reagiu e o empate surgiu meia dúzia de minutos depois, na sequência de um bom entendimento entre Ademir e Cascavel: Paulinho escapou-se a um defesa e rematou para o fundo das redes.

Na segunda parte o tom do encontro não se modificou, sempre com o Guimarães a dominar, mas os germânicos mais perigosos e velozes, a partirem para o ataque. Aos 70 minutos, Ademir (que regressou à equipa depois de debelada uma lesão) rubricou um bom golo, ao ludibriar com o corpo dois defesas alemães-federais e atirar para o fundo da baliza de Kamps.

Um quarto de hora mais tarde, o defesa Heitor impediu que o afastamento do Guimarães da Taça UEFA não deixasse de ser assinalado com uma vitória em casa, ao marcar de cabeça na própria baliza o segundo golo do Borussia, precisamente à semelhança do que havia acontecido em Dusseldorf.

No Vitória destacaram-se Rui Vieira e Ademir, em certa medida seguidos por Cascavel, Nascimento e Miguel, enquanto os melhores jogadores do Borussia foram Bruns, Rahn, Criens e Bakalorz.

O melhor jogador português do Vitória. Exacto: foi Rui Vieira (aqui, conduzindo a bola)

Rui Vieira: ferida na pálpebra superior direita suturada com seis pontos e golpe na região malar travado com outros dois pontos

Aí vai o golo 2 dos minhotos

Pontos de vista

O treinador Marinho Peres diz que o afastamento do Guimarães «**ficou a dever-se à infelicidade da partida disputada na RFA**». «**Se o resultado em Dusseldorf fosse razoável, tínhamos melhores condições para tentarmos prosseguir na prova**» adiantou o técnico brasileiro. «**Nos dois jogos, o Vitória revelou muita garra e determinação, mas o adversário explorou muito bem o contra-ataque, tanto cá como lá**».

O técnico vimaranense enalteceu o trabalho dos seus jogadores «**que merecem o meu louvor pelo muito que lutaram, mesmo sabendo que era muito difícil anular a desvantagem de três golos**».

«**Espero que, para o ano, o Vitória possa fazer a mesma campanha. Nunca partimos a pensar no 1.º lugar no campeonato nem nos quartos de final da Taça UEFA, mas, aconteceu e, afinal, tornou-se na melhor época do historial do clube**» salientou Marinho Peres.

Paulinho Cascavel afirmou que a sua turma deu o máximo ante «**uma equipa muito experiente, fria e personalizada, como é o Borussia**». «**De qualquer forma** (acrescentou) **o Guimarães mostrou que começa a ter estofo europeu e neste momento vive-se um momento histórico na vida do clube**».

O treinador germânico Jupp Heynckes declarou que «**a eliminatória já estava ganha desde a Alemanha Federal** e que nunca pensou encontrar grandes dificuldades em Guimarães. Heynckes elogiou o Vitória pelo espírito de luta demonstrado e «**porque nunca deixou jogar o Borussia**».

Para o técnico germânico, o jogo foi viril e renhido «**ms nunca coloquei em dúvida a passagem da minha equipa às meias-finais**».

Com óptima direcção do juiz Robert Valentine (Escócia), alinharam:

Guimarães: Jesus; Nascimento; Costeado (N'Dinga aos 45 m), Nivaldo, Miguel e Heitor; Adão, Basaula, Rui Vieira e Ademir; Paulinho Cascavel.

Borussia: Kamps; Herlovsen, Bruns, Borovka e Frontzeck; Krauss, Dressen (Brandts aos 86 m), Bakalorz, Criens (Thiele aos 69 m) e Uwe Rahn; Hochstatter.

Cartão amarelo a Rui Vieira (35 m), Ademir (47 m), Krauss (56 m) e Nascimento (63 m). Golos: Bakalorz (30), Paulinho Cascavel (36), Ademir (70), Heitor (autogolo aos 85).

"OPORTO CUP": FESTA DO TÉNIS GANHA PRESTÍGIO

Com pompa e circunstância foi apresentado à Comunicação Social o «2.º Oporto Cup» (torneio internacional de ténis que terá lugar na capital nortenha, entre 25 de Abril e 2 de Maio). Numa Conferência de IMPRENSA (antecedida de excelente jantar na Sala Panorama, do lisboeta Hotel Sheraton) o arquitecto Jaime de Sousa, alma-mater desta realização divulgou que **a aposta dos ptrocinadores da copetição** (Kispo, Sograpé/Mateus, TAP Air Portugal e Poto Sheraton Hotel) **é encaminhada no sentido decisivo de rapidamente vincar o torneio no topo das realizações portuguesas e, provavelmente já no próximo ano, integrá-lo no «Grand Prix», para o qe existem contactos firmews com as organizações internacionais que superintendem na modalidade** (Men's International Professional Tennis Council, ATP e European Ténis Association). O **prize-money** (25 mil dólares) é já o melhor de sempre nos nossos «courts»: mas bastante mais do que isso é o dispêndio geral com a prova, desde viagens e estadia de jogadores ao lançamento da competição no estrangeiro.

O nosso camarada Moura Diniz (da «Soténis», entidade que funciona como elo de ligação com os tenistas estrangeiros) informou que, dado o sucesso da sua 1.ª realização, a prova já está no «Challenger Série's»:

— A Oporto Cup proporciona estadias pagas para todos os 48 jogadores que vão actuar na fase de qualificação. Esta é uma vantagem quase única em qualquer torneio mundial: e só é possível pelo magnífico apoio dos patrocinadores.

Adiandou ainda Moura Diniz:

— Teremos entre nós um juiz da ATP (Paul Svelvlik) e, certamente, esse serão último paso para a entrada no «Grand Prix» daquela que já é considerada a melhor competição tenística qu se realiza em Portugal.

O dr. Gastão Lopes (Sograpé) revelou que a sua empresa está a construir um autêntico estádio no «court» central do Clube de Ténis do Porto (o que dará inteira segurança em relação ao tempo, pois fica com cinco «courts» cobertos) e que a firma que domina o internacionalmente desconhecido «Mateus Rosé» patrocina outros desportos (caso do hóquei em patins) e outros desportistas (as meninas do atletismo do Sporting de Braga, campeãs mundiais correndo com, o dístico de «Gazeta» nas camisolas; tal como o automobilista Matos Chaves que, em Inglaterra, procura saltar da «Fórmula Ford» para a sonhada mata: «Fórmula Um»).

Nesta reunião-convívio com os jornalistas, estiveram presentes outras figuras destacadas da realização da «Oporto Cup» (Francisco Guedes, da «Sograpé»; Armando Meireles e Jorge de Sá, da «Kispo») além de Fernando Santos, o homem-forte da Radiotelevisão Comercial, que anunciou colocar em equação no torneio o valioso troféu «RTC», mais um íman para outras presenças estarem ao lado de Nuno Marques, Pedro Cordeiro e Cunha e Silva, «estrelas» já garantidas para o desfile portista.

Curiosidade: perante a Comunicação Social foi revelado (por Jaime de Sousa) que, há alguns meses, Carlos Lopes apresentou à «Sograpé» uma proposta para patrocínio em duas ou três corridas internacionais, que importaria em dez mil contos. **Fiz um imediato telefonema para o dr. Gestão Lopes e para o sr. Francisco Guedes, que deram completo acordo: pois até agora o nosso amigo Carlos Lopes não voltou a dar sinal devida..**

O conclave entendeu o recado: o nosso «campionissimo» deve ter optado por uma colheita bem maior mas, de qualquer modo, continua com uma porta aberta para prosseguir carreira magnífica. Pelo menos sem preocupação pelo dia-a-dia.

Circuito satélite

Pedro Cordeiro esteve em evidência ao vencer o francês Herve Bardot, na 1.ª eliminatória do «Circuito satélite» de ténis em Tróia, com os parciais de 6-4 e 6-3. Nuno Marques, que esteve (domingo) em foco no torneio de Cascais, ao bater o espanhol David Pons numa partida de exibição antes do espectáculo McEnroe-Carlsson, foi afastado da competição pelo holandês Jan William Lloder, em apenas dois «sets» e por 6-1, 6-2.

Jaime de Sousa usando da palavra no lançamento da «Oporto Cup»

Marco Seruca, outro dos portugueses em prova, viu-se batido pelo italiano (e primeiro «cabeça» de série) Walter Bertini, pelos parciais de 6-4, 6-4.

Nuno Marques redimiu-se em pares fazendo dupla com o venezuelano Nikolas Pereira, ao superar o duo haitiano Lacombe, Lamothe por 6-2, e 7-6.

A ronda registou ainda os seguintes desfechos: Patrice Kuchna (França) - Tom Toomey (EUA), 6-2, 1-6, 6-3; António Padova (Itália) - Angelo Tanganelli (Itália), 6-4, 6-4; Patrick Baur (RFA) - Pfannkoch (RFA), 6-1, 7-6; Guillermo Rivas (Argentina) - Omar Urbanati (Itália), 7-6, 2-6, 6-3; Michael Bauer (Áustria) - Per Henricsson (Suécia), 6-3, 6-4; Nickolas Utgren (Suécia) - Udo Riglewski (RFA), 6-4, 6-2; Joey Rive (EUA) - Peter Svensson (Suécia), 6-2, 6-2; Givaldo Barbosa (Brasil) - Pablo Albano (Argentina), 7-6, 6-3; Mauro Menezes (Brasil) - Juan Rios (Porto Rico), 7-6, 4-6, 7-5; Shuzo Matsuoka (Japão) - Pottinger (EUA), 6-1, 6-4; José Dahuer (Brasil) - Nikolas Pereira (Venezuela), 6-3, 7-6; Bobby Banck (EUA) - Greg Neuhart (EUA), 6-3, 6-4; SOuthcomb (Inglaterra) - Stefano Mezzadri (Itália), 6-3, 5-7, 6-4.

Modalidades

Xadrez: torneio de candidatos

Os soviéticos Andrei Sokolov (com as brancas) e Anatoli Karpov empataram na 9.ª partida da final do torneio de candidatos ao título mundial de xadrez. Sokolov e o ex-campeão mundial Karpov concluíram com uma igualdade, após 74 lances. Com este resultado, Karpov vence Sokolov, por 5,5-3,5 pontos.

A décima partida disputa-se hoje e o ex-campeão mundial necessita de apenas quatro empates nas cinco restantes partidas para defrontar o seu compatriota Garry Kasparov, no «match» para o título mundial.

Karpov tentou vencer a 9.ª partida, dispondo no reatamento de um peão de vantagem, mas teve que conceder o empate.

Badminton: portugueses em França

A portuguesa Rosário Cavaco passou à eliminatória do «open» de França em Badminton, por abandono da sua adversária, a inglesa Caroline Gay. Os três restantes portugueses participantes na prova (Margarida Infante, José Brandão e José Nascimento) foram eliminados facilmente pelos seus adversários, na 1.ª ronda do torneio. Margarida Infante perdeu com a sul-coreana Lee Young Suk por 0-11 e 1-11, José Brandão foi eliminado pelo dinamarquês Torben Carlssen (4-15 e 6-15) e José Nascimento foi derrotado por Ardy Wiranata, da Indonésia, por 3-15 e 5-15.

«Squash»: Portugal perde na Áustria

Portugal foi derrotado por 5-0 pela Áustria, em encontro da 1.ª eliminatória do campeonato europeu masculino de «squash», que decorre em Viena. Resultados: Christian Wind - Cesário Andrade, 9-5, 9-0, 9-0; Mark Marschall - Paulo Nunes, 9-1, 9-3, 9-2; Steven Vocetti - Miguel Sousa, 9-0, 9-1, 9-1; Michael Haselwanter - Paulo Bordalo, 9-1, 9-0, 9-1; Thomas Meisner - Luís Barbosa, 9-0, 9-3, 9-1.

Bibliografia desportiva

«Atletismo»

«Preservem os atletas» — proclama M. Arons de Carvalho no editorial da Revista «Atletismo», mais uma edição recheada de assuntos de interesse para os adeptos e praticantes da modalidade desportiva-base. A passagem de testemunho entre Mamede e Dionísio Castro (dentro da «família Sporting») nos campeonatos de Portugal de corta-mato, o êxito de Albertina Machado e a dissecação da prova em todas as categorias etárias, o aplauso à actuação das nossas raparigas na Maratona japonesa, a denominada «guerra das marcas» e vasto noticiário nacional e de extra fronteiras preenchem o recente número de «Atletismo», que inclui um «poster» dedicado a Fernando Mamede e oferece ainda ao leitor textos técnicos

«Eles/Elas»

Maria da Luz de Campos Pereira de Bragança (tendo ao lado Ilídio Alves) continua a comandar a revista «Eles/Elas», de magnifíco tom gráfico e onde o espectáculo desportivo tem sempre lugar assegurado. Desta feita com o utomobilismo (Rali das Camélias, Rali da Suécia, Alboreto no Porto, apresentação do GTI da «Peugeot») e, logicamente, a bela festa em que a revista distinguiu (no Casino da Póvoa de Varzim) os «mais alegantes de 1986».

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 12/87 DE 22 DE MARÇO DE 1987

O Algarve, 11X X11 1XX 1X21; Jornal de Amarante, 11X 111 1X1 112X; Jornal da Beira, 11X X11 12X 1121; Cardeal Saraiva, 11X 111 11X X122; Correio de Coimbra, 11X 11X 12X XX21; Correio do Vouga, 11X 111 121 1121; A Defesa, 11X 111 1X1 2X2X; Defesa de Espinho, 11X 1XX 122 2X12; O Diário, 111 211 XX2 2221; Diário de Lisboa, 111 111 1X2 XX2X; Diário de Viseu, 11X 111 XXX 1121; Folha do Domingo, 11X 111 111 1121; Ecos de Cacia, 11X 111 12X 112X; Eu Sei Tudo, 11X 11X 122 112X; Jornal de Felgueiras, 111 X11 1X1 X1XX; Jornal do Fundão, 11X X11 1XX X121; Rádio Totobola, 11X X11 12X X1XX; Linhas de Elvas, 111 1XX 121 112X; Jornal da Lixa, 111 X11 1XX 112X; Maria da Fonte, 11X X11 1XX X121; No Estúdio e no Estádio, 11X 111 11X X121; Notícias de Felgueiras, 11X X1X XX1 X1XX; Notícias de Gouveia, 11X X12 122 212X; Notícias de Guimarães, 112 X11 XXX 1X2X; Notícias de Viseu, 11X X11 1XX 112X; Notícias de Viana, 11X X1X 1XX XX2X; Reconquista, 111 211 1X1 XX21; Informação Desportiva/Rádio Altitude, 11X X11 1XX 112X; Clube da Manhã/RDP Comercial, 11X 21X 12X 2112; Manhã, Manhã/RDP Comercial 11X X11 122 XX21; Secção Desportiva/RDP Comercial, 111 111 122 X12X; Tempo de Desporto/RDP Comercial, 11X X1X 1XX 1X21; Boomerangue/RDP Centro, 111 11X 1X2 2XXX; Programa da Manhã/RDP Centro, 111 X1X 122 X12X; Música Com Elas/RDP Centro, 111 X1X 122 X1XX; Fotogramas/RDP Centro, 11X 112 1X2 X12X; Fora de Jogo/RDP Centro, 11X 112 1X2 X1XX; Bola ao Centro/RDP Centro, 11X X1X 122 2X2X; Grande Sábado/RDP Centro, 111 112 122 21XX; Canal Mais/RDP Centro, 111 X1X 1X2 X12X; Sintonia Desportiva/RDP Centro, 111 11X 1X2 X1XX; RR/Diário do Desporto, 111 X11 111 X2XX; RR/Bola Branca, 111 111 1X1 112X; RR/Desporto, 11X 111 1X1 11X1; Jornal de Sintra, 11X 111 1X2 1122; Jornal do Sul, 111 XX1 1X1 112X; A Voz do Domingo, 11X 111 X2X 1121; Voz de Lamego, 11X 111 122 1121; Fim de Semana Desportivo/ Rádio Guarda, 12X 11X 122 X121; Desporto Regional/Rádio Altitude, 11X 1X 11X X12X; Panorama Desortivo/Rádio Guarda, 111 XX1 XXX 11XX; Rádio Guarda, X11 11X XX1 1212; Pista de Dança/Rádio Altitude, 111 111 1X1 11X1; Sons da Madrugada/Rádio Altitude, 111 111 XX2 2X21; Tarde Desportiva/RDP Antena Um, 11X X1X 122 2X2X; Livre e Directo/RDP Antena Um, 11X 111 1X1 XX21; Penalti, 111 111 121 1121; Diário de Coimbra, 11X 11X 1X2 112X; Gazeta das Caldas, 111 X11 11X X12X; O Mensageiro, 11X 11X 12X 21X1; A Ordem, 11X 1X1 XX2 X121; Rádio Sports, 111 111 1X1 112X; Voz do Ave, 11X X11 12X X121; Gente Gira/Antena Um, 1X2 X11 X11 1121; Desporto Regional/RR, 111 111 1X1 1X2X; Comércio de Leixões, 111 X11 1X1 11X1; De Tudo Um Pouco, 11X X11 1X1 X121; Jornal de Gaia, 11X 111 1X1 XX2X; Jornal da Graça, 11X X12 1XX XXXX; Jornal de Notícias, 111 X11 11X X1XX; Primeiro de Janeiro, 112 X11 121 112X; Quadrante Norte, 111 X11 1X2 X12X; Repórter do Dia, 11X X11 1X1 1121; Resenha Desportiva, 11X 11X 11X 11X1; Alvo Desportivo, 111 111 111 1111; Rádio Alvo, 11X X11 111 X1X1; Alvo, 112 X11 111 X1X1; Alvo Suplemento, 111 111 111 1121; A Voz dos Ridículos, 111 111 111 1122; Rádio Placard, 1X1 XX1 X2X 12XX; Estúdio 64, 11X 211 1X2 X12X.

assim vai o totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Benfica-Chaves	80	1	0	11	1	1
2. Porto-Belenenses	78	2	1	10	1	1
3. Boavista-Guimarães	31	46	4	5	6	1
4. Elvas-Rio Ave	41	36	4	6	5	1
5. Farense-Salgueiros	75	6	0	11	1	1
6. Marítimo-Académica	55	21	5	8	3	1
7. Varzim-Portimonense	70	11	0	10	2	1
8. Braga-Sporting	14	42	25	2	6	4
9. Freamunde-Gil Vicente	29	27	25	4	4	4
10. Penafiel-Espinho	36	34	11	5	5	2
11. Fafe-Vizela	59	18	4	9	2	1
12. Almeirim-Covilhã	4	20	57	1	3	8
13. C. Piedade-Montijo	33	42	6	5	6	1

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
11X 111 1X1 112X

Para si, leitor

ANTESTREIA DE "O NAVIO" DE FELLINI

Amanhã, às 18,45h, no Estúdio 444, o muito aguardado «E la Nave Va«, de Fellini, tem a sua antestreia lisboeta. Organizada pelo ABC — Cineclube de Lisboa, essa antestreia tem o apoio do «DL» que, deste modo, a coloca à disposição dos seus eitores em vantajosas condições.

Tempos houve em que uma fita de Federco Fellini não esperaria anos pela sua apresentação pública em Portugal. Mas o clima não anda de feição para cinema que não seja americano e com as **«majors»** a colocá-lo coercivamente no teritório. Daí que, anunciado desde há meses, o belísimo **«E la Nave Va»** continue sem aportar às salas.

A antestreia que, amanhã, o ABC — Cineclube de Lisboa organiza, com o apoio do «Diário de Lisboa», é, deste modo, mais que uma antevisão, um gesto em defesa e promoção de um cinema não massificado, não passado pela máquina, diferente de qualquer outro. É uma forma de apostar que o cinema não é **fast food**, que as salas não são casinhas para vender **hamburgers**.

Amanhã pode ver, em primeira mão, o belíssimo **«O Navio»**, *de Fellini*

Sabemos que alguns dos nossos leitores estão na primeira fila dos espctadores de Fellini e gostarão de reencontrar, em primeira mão, o mundo caleidoscópico, fascinante, inconfundível do grande maestro do cinema italiano. Daí esta proposta: vá, amanhã, às 18,45h, ao Estúdio 444, acompanhado pelo cupão que aqui hoje publicamos e repetimos na nossa edição de amanhã. Com ele terá direito ao ingresso na sala nas mesmas condições que os sócios do ABC — Cineclube de Lisboa, isto é, a um preço muito inferior ao do público em geral.

Toda a majestade divertida do cinema de Fellini está lá à sua espera.

ABC-CINECLUBE DE LISBOA

Cinema Estúdio 444
Dia 20
18.45 h

«O NAVIO»
de Federico Fellini

Recorte este cupão e entregue-o na bilheteira do cinema. Obterá um ingresso mediante o pagamento de 150$00. (valor da quota suplementar para os sócios do ABC).

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II
SALA GARRETT
DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.30
DOMINGO ÀS 16

ANATOL

de A. Schnitzler

Dirigido por — RICARDO PAIS
Cenários e Figurinos — ANTÓNIO LAGARTO
Música — ANTÓNIO EMILIANO
Luz — ORLANDO WORM
Coreografia — PAULA MASSANO

com JOÃO PERRY
ANTONIO RAMA — CARLOS PIMENTA
FERNANDA ALVES
MARIA AMÉLIA MATTA — SAO JOSÉ LAPA

ESPECTÁCULO NÃO ACONSELHÁVEL A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª-FEIRA

TEATRO VASCO SANTANA
Tel. 768609

TEATRO-ESTÚDIO de LISBOA
VEJA TEATRO ÀS 19 H
— A PREÇOS REDUZIDOS —

NOVO HORÁRIO: DE 3.ª a 5.ª às 19 h
6.ª e Sáb. às 21h30
Domingos às 16 h

SYLVIA PLATH- Quem a matou?

de BARRY KYLE
Trad. M.ª TERESA GUERREIRO
Dir. LUZIA MARIA MARTINS
Mont. FERNANDO FILIPE
INTÉRPRETES (ordem de entrada em cena)
CLARA JOANA * LUÍSA ORTIGOSO *
MANUEL MENDONÇA * MARIA DULCE

O TEATRO ESTÁ AQUECIDO

Sub. SEC

A BARRACA
Teatro Nacional D. Maria II (sala experimental)
Reservas tel: 32 22 10
37 10 78

O DIABINHO DA MÃO FURADA

versão e encenação de Helder Costa

com
Maria do Céu Guerra
João Maria Pinto
António Cardoso — Luis Tomar
António Gomes — Maria João
João Azevedo — Paula Sousa
José Carretas — Teresa Faria

3.ª a Sábado às 21.45 h
Sábados e domingos às 16 h

cenografia: Rui Pimentel
canções: Orlando Costa
guarda-roupa: José Carretas

VIENA 1900 APRESENTA-SE

Programa concebido e coordenado por JOSÉ RIBEIRO DA FONTE

19 de Março (5.ª feira) 21.30 h	A CINEMATECA PORTUGUESA apresenta SCHNITZLER em filme «LA RONDE», de Roger Vadim
20 de Março (6.ª-feira) 18.30 h	A Áustria apresenta o TRIO HAYDN Obras de Brahms e Strauss Michael Schnitzler, **violino** Walther Schiltz, **violoncelo** Heinz Medjimorec, **piano**
21 de Março (Sabado) 16 h.	A Áustria apresenta o TRIO HAYDN Obras de Dvorak e Kreisler Michael Schnitzler, **violino** Walther Schiltz, **violoncelo** Heinz Medjimorec, **piano**
24 de Março (3.ª-feira) 18.30 h.	João Pinharanda apresenta a «SECESSÃO VIENENSE» A OPERETA APRESENTA-SE Obras se Lehár, Strauss, Heuberger Zeller Sieczinsky Helena Vieira, **soprano** Nuno Vieira de Almeida, **piano**
26 de Março (5.ª-feira) 18.30 h.	José Pacheco Pereira apresenta SCHUMPETER e Ideias sobre a Política e a Sociedade em Viana 1900 A OPERETA APRESENTA-SE Obras de Lehár, Strauss, Heuberger Zeller Sieczinsky Helena Vieira, **soprano** Nuno Vieira de Almeida, **piano**
Até 29 de Março (Domingo)	Salão da Sociedade Nacional de Belas-Artes «VIENA 1900 apresenta-se » Exposição documental sobre Arquitectura, Urbanismo, Artes Plásticas e Artes Aplicadas na Viena da viragem do seculo (de 3.ª-feira a Domingo das 14 às 20, encerrado nos dias feriados)
Até 26 de Abril (Domingo)	Átrio do Teatro Nacional de D. Maria II um «CAFÉ VIENENSE» (de 3.ª a 6.ª-feira, das 17.30 às 20.30 Sábados das 15.30 às 20.30, encerrado aos Domingos)

SALA GIL VICENTE
ATÉ DIA 31
«O DIABINHO DA MÃO FURADA»

Pelo Grupo de Teatro A Barraca
Encenação: Helder Costa

Com Maria do Ceu Guerra • Maria João Luis • Paula Sousa • Teresa Faria • António Cardoso • António Gomes • João Azevedo • João Maria Pinto • José Carretas • Luis Tomar

De 3.ª a Sábado, às 21.45 h. — Sábado • Domingo, às 16.30 h.

Angústia Desespero Solidão
54 45 45
centro S.O.S. voz amiga
uma voz amiga estará contigo

CINEMAS

Uma cena do filme MATADOR, realizado por Pedro Almodovar. Interpretação de Assumpta Serna, Antonio Banderas e Julieta Serrano. Distinguido no FANTASPORTO 87 com os seguintes prémios: Melhor Realização, Melhor Actriz (Julieta Serrano. Menção Honrosa da Imprensa e Prémio Especial do Júri. Filme de qualidade, em exibição no Estúdio 444 e Quarteto.

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
O REI DOS GAZETEIROS
(m. 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
FILHO DE UM DEUS MENOR
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4
MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Alfa Club
T. 763319

A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2
QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16,45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3
RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

Amoreiras 4
MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 5
A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6
A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70
A COR DO DINHEIRO
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Ávila
— T. 539930

A VIDA É ASSIM
(Comédia)
(m. 12 anos)
15, 17, 19.10, 21.15 e 23.45 h

Avis
— T. 547163

MULHER PERDIDA
(Int. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitolio
— T. 372358

STAR VIRGEM
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

BALADA DA PRAIA DOS CÃES
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824

A ESCOLHA DE SOFIA
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
A BATALHA DE MIDWAY
(n/ac. 13 anos)
24.00 h

Cinebolso
MEIAS PRETAS
(Int. m. 18 anos)
(porno)
12.30, 14.30, 16.45 e 19 h
QUADROS VIVOS
21.30 h

Cine Camões
T. 324194

OS TRAIDORES
(n/acons. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

O FIO DO SUSPEITO
(n/ac. m. 18 anos)
14, 16,30, 19 e 21.30 h
O UIVO DA FERA
(n/acons. m. 18 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Ancha
ENTRE O AMORE O MEDO
(m. 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza
UMA TREMENDA CONFUSÃO
(m. 16 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

À VOLTA DA MEIA-NOITE
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
CASTA E PURA
(m. 13 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523

PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

A NOITE DAS FACAS LONGAS
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134

PEGGY SUE CASOU-SE
(m. 12 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255

2010 – O ANO DO CONTACTO
(m. 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078

O MATADOR
(m. 18 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
REGRESSO À ESCOLA
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2
MONA LISA
(m. 16 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
DOIS POLÍCIAS À SOLTA
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas
UM RUSSO EM NOVA IORQUE
(m. 6 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini
— T. 734009

OS MARGINAIS
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 806847

Sala 1
PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2
O REGRESSO À ESCOLA
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 24 h

Império
— T. 555134

O SARGENTO DE FERRO
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
A MOSCA
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Londres
— T. 801313

A MOSCA
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1
O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Sala 2
QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 h

Nimas
BALADA DA PRAIA DOS CÃES
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

O ANJO NEGRO DA NOITE
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Olympia
T. 325309

PRISIONEIRAS DO SEXO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933

ENCERRADO PARA BENEFICIAÇÕES
Reabre brevemente

Politeama
T. 326305

O SARGENTO DE FERRO
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
THERÉSE
(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
BAD BOYS
(m. 16 anos) 23.30 h

Sala 2
O MATADOR
(int. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
A RAPARIGA DO TAMBOR
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 3
TANGOS, O EXILIO DE GARDEL
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00 e 21.30 h
ESTRADA DE FOGO
(m. 16 anos)
23.45 h

Sala 4
A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
SONHOS DE OURO
(m. 16 anos)
23.45 h

Roma
T. 889192

A SELVA DE JADE
(m. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

A SELVA DE JADE
(maiores de 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
O REI DOS GAZETEIROS
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2
O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, e 21.30 h

Sala 3
FILHOS DE UM DEUS MENOR
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte
— T. 730715

A VIDA É ASSIM
(Comédia)
(m. 12 anos)
15, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

BALADA DA PRAIA DOS CÃES
(m. 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

O SARGENTO DE FERRO
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595

A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim
T. 706666

APOCALYPS NOW
(n/ac. 18 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Voxmania
— T. 880808

ÁFRICA MINHA
(m. 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.00

Xenon
T. 368480

NOITE DOS ARREPIOS
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «O Campo do Inferno», às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «Dois Polícias à Solta», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Babilónia — «O Sargento de Ferro», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «A Difícil Arte de Amar», às 15 e 21.30 h (m. 12 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Prisão de Mulheres», às 21.30 (m. 18 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «A Cor do Dinheiro», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António — «Chamavam-lhe Génio», às 17 e 21.30 h (n/ac. a m. 13 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Poltergeist II – O Outro Lado» às 17.00 e 21.15 h (maiores 16 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Duelo Imortal», às 15.30, e 21.30 h (m. 12 anos).

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Regresso à Escola», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «Regresso à Escola», às 15.30 e 21.45 h (m. 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Nove Semanas e Meia», às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Os Bravos do Pelotão», às 15.15 e 21.30 h (m. 16 anos)
Sala 2 — «O Nome da Rosa», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Fanny & Alexandre», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «Nas Garras do Mandarim», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Incrível — «Síndroma da China», às 15.30 e 21.30 h (n/acons. 13 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «O Nome da Rosa», às 15.45 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «Golpe do Génio», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Paraíso Azul», às 15 e 21.15 (n/acons. 13 anos)

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Terror na Auto-Estrada», 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)

ODIVELAS — Cineodivel — «Acto Selvagem», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos).

CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «As Aventuras de Jack Burton nas Garras do Mandarim», às 16 e 21 h (m. 12 anos)

A MULHER DO CAMPO OUTRA VEZ NO TRINDADE

«A Mulher do Campo», depois de uma viagem pelo Norte, com passagem por Coimbra, Porto e Braga, regressou a Lisboa e tem pernoitado no Teatro da Trindade onde, ao domingo, passa também à tarde.

Isto já por pouco tempo, só até ao dia 4 de Abril porque depois disso regressa à estante e não há mais nem mulher do campo, nem o esperto saloio que a quer apanhar na rede citadina nem o saloio esperto que até é seu marido, nem os outros peralvilhos, alguns bem travestizados.

Esta comédia inglesa com um humor que além de ser britânico até é bem português, é não só um espectáculo desopilante, como antigamente dizia, como também um espectáculo inteligente, bem representado, um gosto de um espectáculo como não se vê muito por aí. Não vai o leitor perdê–lo, não é verdade ?

«A Mulher do Campo», do William Wycherley, magnífica tradução de Manuel João Gomes, tem encenação de Luís Miguel Cintra, cenário da Cristina Reis e, entre os intérpretes, há o Luís Miguel Cintra, a Raquel Maria, o Gilberto Gonçalves, a Alda Rodrigues, o Luís Lucas, o Luís Pinhão, o Luís Lima Barreto, a Júlia Correia, a Júlia Buisel, o Rui Mendes, a Márcia Breia, o Rogério Vieira, o Francisco Costa e o José Manuel Mendes. A musica é do José Mário Branco.

EXPOSIÇÕES

• ESCADA-Centro de Arte, CRL (R. da Bela Vista à Graça, 81-A): início de actividade deste centro com a exposição de pintura de Gil Teixeira Lopes, João Hogan, Matilde Marçal, Rogério Ribeiro, Rui Filipe e Vilgílio Domingues. De segunda a sexta das 12 às 20, sábados das 10 às 14.

• FONTE NOVA-GALERIA DE ARTE (C. C. Fonte Nova - Est. de Benfica, 503): «Torneiras e Funis» de Sam.

• BIBLIOTECA NACIONAL (Campo Grande): a Galeria R 75, em colaboração com a Bibioteca Nacional, apresenta uma exposição de óleos e aguarelas de Cohen Fusé. Até 3 de Abril, nos dias úteis das 14 às 20, sábados das 14 às 17.

• AEROPORTO DE LISBOA (Edifício 5): a Cooperativa de Consumo dos Trabalhadores da Aviação Civil apresenta a 1ª Exposição Colectiva de Pintura, até 27 de Março. Trabalhos de Américo Silva, Carlos Martins Pereira, Daniel Nave, Fernando Martins, Marília Nunes, Maria Irene Ribeiro e Maria Soares.

• CORTIÇO (snack-bar de Vila Franca de Xira): organizada pelo GADAC - Grupo de Amigo na Divulgação Cultural - patente até 28 de Março uma exposição de Pintura da autoria de Manuel Constantino.

• INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS (Av. Luís Bivar, 91): a vida e a obra de Gustave Eifel através de numerosas maquetas, quadros e reproduções, objectos e cartazes. Até 27 de Março, de segunda a sexta das 9 às 18.

D´Assis Cordeiro expõe na IAM–Galeria

• SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES (Av. Duque de Loulé): exposição retrospectiva do grupo de Artes Plásticas «Homocentro», de 16 a 20.

• ATRIUM DA IMPRENSA (R. da Horta Seca, 20): «O Gato como Motivo na Obra do Artista». Obras de Mily Possoz, Ofélia Marques, Stuart Carvalhais, Foujita, Guilherme Parente, João Oom, Ló, Luís Filipe de Abreu, Paulo Ossião, Ruth Tavela de Sousa, Estevão Soares, Henrique Mourato, Figueiredo Sobral, Isabel Mota, Ana Galvão e Mário Cesariny. Até 6 de Abril, de segunda a sexta das 10 às 20.

• LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): colectiva com pintura de Batarda, João Hogan, Jorge Martins, Menez, António Sena, Nikias Skapinakis e João Vieira.

• ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): pintura de Rocha Pinto até 8 de Abril, de segunda a sexta das 10 às 19, sábados das 10 às 13.

• GALERIA DE S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): pintura e gravura de Paiva Raposo, até 7 de Abril, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13.

• CENTRO EUROPEU DE LINGUAS (R. Joaquim António de Aguiar, 43-2º-Dt.): colectiva com trabalhos de António Palolo, Sérgio Pombo, Isabel Lajinhas e Eduardo Lemos. Até 26 de Março, de segunda a sexta das 9 às 18.

• SNBA (R. Barata Salgueiro, 39): exposição/instalação «Fragmentário» da pintora Maria José Tomás, patente até 31 de Março.

• CASA DA CULTURA (Caldas da Rainha): exposição de arte decorativa georgiana, organizada pela Associação Portugal-URSS. Uma mostra da arte da República da Georgia, com especial destaque para as suas formas mais significativas: cerâmica, cinzelagem, trabalhos em madeira e em pano. Patente até 30 de Março, todos os dias úteis das 10 às 12,30 e das 14,30 às 18,30, sábados e domingos das 15 às 18,30.

• GALERIA BERTRAND DO CHIADO: Pintura de Alda Nobre, Madalena Coelho e Pedro Tudela, três dos mais novos pintores portugueses.

• BIBLIOTECA NACIONAL: «A Inquisição em Portugal» - exposição bíblio-iconográfica. Até 30 de Abril, de segunda a sábado das 10 às 17.

• GALERIA QUADRUM (R. Alberto de Oliveira, 52): escultura de Amaral da Cunha até 21 de Março.

• GALERIA «JN»: pintura de Pedro Chorão, de terça a sábado das 14,30 19,30

• CENTRO CULTURAL S. LOURENÇO (Almansil): novas pinturas de Manuel Baptista até 10 de Abril.

• GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA: pintura de Hélio Cunha até 29 de Março, diariamente das 15 às 23.

• MUSEU DE SETÚBAL: pintura, tapeçaria e escultura de Pilar Sobral, Graça Delgado e Eduarda Castello até 29 de Março, de terça a domingo das 9 às 12 e das 14 às 17.

• CASA BOCAGE (Setúbal): desenhos de Manoel Esteves até 22 de Março, de segunda a sexta das 9 às 12 e das 14 às 17.

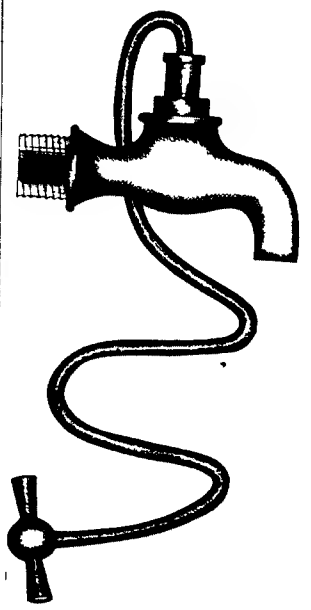
• GALERIA DE ARTE ROCA (Marinha Grande): exposição de pintura de Cunha Rocha, até 25 de Março, das 9 às 13, 15 às 19,30, 21,30 às 23, domingos das 16 às 19,30.

• FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA (Porto): colectiva com trabalhos dedos alunos do Atelier/Escola de Pintura de Cedofeita, patente de segunda e sexta das 14,30 às 17,30.

• MÓDULO (Av. da Boavista, 854-Porto): até 26 de Marco, trabalhos de dois jovens escultores franceses, Urbano e Jardim, de segunda a sábado das 16 às 20.

Retrato romântico de Cohen Fusé, na Bi blioteca Nacional

• GALERIA MUNICIPAL DE AVEIRO: pinturas de Zé Penicheiro com o título «Aveiro-A Ria-O Mar», até 22 de Março.



Torneira de Comando à Distância - segundo Sam

• PALÁCIO NACIONAL DA PENA (Sintra): colecção de ourivesaria da Pena até 30 de Maio.

• GALERIA CETÁRIA (Setúbal): pintura de Miguel Barbosa, Boavida Amaro e Elezabeth Gois, cerâmica de Susana de Barros até 27 de Março, todos os dias das 10 às 22.

• MUSEU JOSÉ MALHOA (Caldas da Rainha): documentação fotográfica sobre «Alguns Reflexos da Arte da China em Portugal».

• GALERIA CAPITEL (Leiria): exposição de pintura de Caldeira Martins até 23 de Março, de segunda a sábado das 10 às 13 e das 15 às 19, domingo dia 15 das 16 às 19 (encerra domingo 22).

• GALERIA ANTÓNIO CLARA (Av. da República, 38): «VerNus», exposição de José João Oliveira, até 29 de Março.

CINEMAS

• CINEMATECA PORTUGUESA: às 21,30, Schnitzier em Filme com «La Ronde» de Roger Vadim, com Jane Fonda, Maurice Ronet e Anna Karina; às 18,30, a Fotografia no Cinema Português - César de Sá, com «O Pátio das Cantigas» de António Lopes Ribeiro.

• FORUM PICOAS: Ciclo New York, New York com «Um Russo em Nova Iorque» de Paul Mazursky, às 19 e 22 horas.

• INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS: no âmbito do Ano Europeu do Ambiente, os filmes «Anatomie du Paysage», «A Vida nas Dunas» e «Les Oiseaux du Tage International».

MÚSICA

• LOUCURAS (Av. Álvares Cabral): Esta noite canta Anamar, acompanhada por essa «fabulosa orquestra» da Felicidade do Brilho e da Glória, com o maestro Jaime de Oliveira.

LIVROS

• BIBLIOTECA AMERICANA (Av. Duque de Loulé, 22-B): exposição de livros sobre ensino de Inglês, destinada a professores e estudantes, com o título «TESL/TEFL 86 BOOK EXHIBIT». Até 27 de Março, de segunda a sexta das 14 às 18.

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALCÂNTARA: Nogueira, R. de Alcântara, 5-A-B (T. 637563); **ALVALADE - AVENIDA DO BRASIL: Marbel**, Av. de Roma, 131-A (T. 776235); **BENFICA - BAIRRO [illegible] PEDRALVAS: Gouveia**, R. Augusto Costa (Costinha), lote 4, loja Dt.ª (T. 707500); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA: Santos Silva**, zona n.º 2, Chelas, bloco III, lote 226, loja 22 (T. 851265); **ESTRELA - INFANTE SANTO: Alb**, R. de Santana à Lapa, 156 (T. 663562); **INTENDENTE - CINEMA ROXY: Magalhães**, Av. Almirante Reis, 4-D-F (T. 549479); **LUMIAR: São Tomé**, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **POÇO DOS NEGROS: Modelar**, L. Dr. António Sousa Macedo, 7 (T. 608896); **EGO: G. Silva**, R. Francisco Tomás da Costa, 3-A-C (T. 771873); **ROMA - TEATRO MARIA MATOS: São João de Deus**, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); **SÃO VICENTE: Rosa & Viegas**, R. de São Vicente, 31-37 (T. 864351); **SALDANHA: Cardeira**, Av. Duque d'Ávila, 32-C (T. 543495); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **PATAMEIRAS - ODIVELAS: Amaral**, R. Antero de Quental, 8-8-A (T. 9825455); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO — ALTO DE SÃO JOÃO: Oriente, R. Lopes, 120 (T. 843381); **BAIXA: Unifa**, R. da Vitória, 21-23 (T. 323793); **BOA-HORA - AJUDA: Boa-Hora**, R. dos Quartéis, 25-27 (T. 637777); **CAMPO DE OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CHILE: Bastos**, R. Morais Soares, 91-D (T. 849350); **CONDE REDONDO: Salus**, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 542239); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **FRENTE À FEIRA POPULAR - AVENIDA DA REPÚBLICA: Alcantara**, Av. da República, 74-A (T. 771379); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Sousa**, E. de Benfica, 429-431 (T. 780027); **SÃO SEBASTIÃO: São Sebastião**, L. de São Sebastião da Pedreira, 1-3 (T. 548642); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Central, R. de Olivença, 11-B (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Sociedade Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinho (T. 2950727). Até às 19 oras; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Tovar Chaves**, R. Dr. António Elvas, 104-D (T. 2296119). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 22 horas; **BARREIRO: Pimenta**, R. Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355). Até às 22 horas; **SEIXAL: Soromenho**, P. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560). Até às 22 horas; **MONTIJO: Moderna**, R. [illegible]lião Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340127). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Cunha Pinheiro**, E. da Canarinha, 32 (T. 29215). Permanente; **Marques**, R. Arronches Junqueiro, 10 (T. 22783). Permanente; **Soromenho**, R. Machado Santos, 24 (T. 22691). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCO: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Permanente; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até à 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Marques dos Santos**, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Amadora, P. 25 de Abril, 3-A (T. 4935518). Permanente; **Campos**, R. Elias Garcia, 185 (T. 4930072). Até às 22 horas; **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (T. 4938551). Até às 22 horas; **QUELUZ: Gil**, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACÉM: Rico**, L. Adriano S. Gil, Agualva (T. 4312833). Permanente; **MEM MARTINS: Química**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Maria**, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas; **AVEIRO: Lemos**, R. de São Brás, 150 (T. 20583). Permanente.

TEATROS

Comuna — Sala 2

P. Espanha (Telef. 7260818)
De 3.ª a sáb., às 21.30, e domingos, às 17 h.
«VICTOR OU AS CRIANÇAS NO PODER» de Roger Vitrac, Enc. de João Mota.

CAFÉ-TEATRO

Sextas e Sábados, às 24 h **«FARSA VOCÊ MESMO»** — um espectáculo de café-teatro — coordenação geral de Carlos Paulo e João Mota.

Teatro «O Bando»

P. de Espanha — Tel. 726 69 10

«A VIAGEM«, de Sophia de Mello Breyner. Encenação e cenografia de João Brites.

Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00
De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, às 16.00

«A MULHER DO CAMPO«, de William Wycherley. Pelo Teatro da Cornucópia. Música de José Mário Branco.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17
De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00

«ESCRITA EM DIA«. Nova versão de «Isto É Maria Vitória», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha com a colaboração de Mário Zambujal.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56
De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«CÁ ESTÃO ELES«, texto de César de Oliveira e Varela Silva.

Teatro Nacional D. Maria II

Pç. D. Pedro IV — Tel. 32 22 10
De terça a sáb., às 21.30; domingos, às 16.00

«ANATOL», de Arthur Schnizler. Enc. Ricardo Pais. Cen./fig. de António Lagarto. Música de António Emiliano.

Sala Experimental

De terça a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.30

«O DIABINHO DA MÃO FURADA«. Pelo Grupo da Barraca.

Porto — Teatro Campo Alegre

R. Campo Alegre, 627 — Tel. 38 21 31

De 3.ª a domingo, às 21.45; domingo, às 16.00

«O MOTIM«, de Miguel Franco; pelo Seiva Trupe. Encenação de Norberto Barroca. Intérpretes: António Reis, Estrela Novais, Alfredo Correia, Luís Cunha e Lourdes Rodrigues.

Porto — Teatro Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 22 550

Quintas, sextas e sábados, às 20.30 e 23.00; domingos, terças e quartas, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«LISBOA, TEJO E TUDO«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Intérpretes: Carlos Miguel, Camacho Costa, Helena Isabel, Henrique Viana, Mariema, Paulo César, etc.

Setubal — Teatro de Bolso

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 Tel. 29130
De 5.ª a domg., às 21.30

«ATÉ AMANHÃ», Sobre textos de Jaime Salazar Sampaio. Pelo TASS. Enc. de João Manuel.

TEATRO ABERTO

P. Espanha (Telef. 770969)
De 2.ª a 5.ª, às 21.30; domingo, às 16.00 e 21.30.

O JARDIM DAS CEREJAS, de Tchekov. Versão de João Lourenço, Vera San Payo de Lemos. Música de Eduardo Paes Mamede. Cen. de Jose Manuel Castanheira.

Algés — Teatro 1.º Acto

De quinta a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 17.00

«ALZIRA POWER«, de António Bivar. Por três elencos do Grupo Teatro Espaço. Encenação de Águeda Sena.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09
3.ªs, 4.ªs e 5.ªs, às 19.00; 6.ªs e sábados, às 21.30; domingos, às 16.00

«SYLVIA PLATH — QUEM MATOU?», de Barry Kyle. Tradução de Teresa Guerreiro. Direcção de Luzia Maria Martins. Montagem de Fernando Filipe.

Teatro Maizum

R. Santiago, 19, Alfama — Tel. 86 55 03

Na sala do IFICT

2.ª, 3.ª e 4.ª, às 19.00; 5.ª, 6.ª e sábado, às 21.30.

«UM JIPE EM SEGUNDA MÃO«, de Fernando DaCosta. Encenação de Adolfo Gutkin. Cenografia de José M. Castanheira.

Teatro «A Barraca»

R. Alexandre Herculano, 70 Tel. 6866300
Diariamente às 21.30. Sáb. e dom., às 16 e 21.30

«CATÁSTROFE OU O MUDO DE SAMUEL BECKET» pelo Teatro Experimental do Porto. Enc. de Mário Viegas.

Teatro Infantil de Lisboa

Aos sábados às 16.00 **«O CHOUPO ANDARILHO«**
Domingos, às 16.00 **«O AVESTRUZ MECÂNICO»**

Teatro do Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04
De quinta a domingo, às 21.30

«DRÁCULOS JÚNIOR«, texto e encenação, Fernando Gomes. Intérpretes: Fernando Gomes, Fernando Luís, Maria Vieira, Maruga e Pedro Advirta.

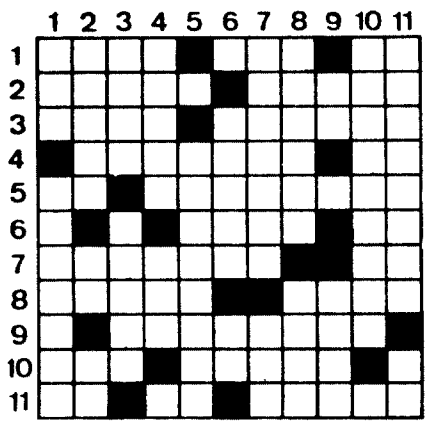
Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37
Todas as noites, às 21.30, domingos e feriados, as 16.00

«AQUI HA FANTASMAS«, original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 986



HORIZONTAIS:

1 Aquele que. Gosta muito de. Antes de Cristo.
2 Marido de Betsabé, oficial hebreu. Mimo.
3 Pequeno barco de recreio. Finalmente.
4 Esposa de Santo Adriano, morta em Bizâncio. Solitário.
5 Cobalto (s.q). Fracas.
6 Rezas. Duas consoantes desiguais.
7 Ceifaras. Hólmio (s.q).
8 Atraiçoar. Irmãos do pai.
9 Estremeceras.
10 Distrito da ex-Índia Portuguesa. Desfrutar.
11 Ouro (s.q). Lé. Guarnecida de asas.

VERTICAIS:

1 Letra grega. Puge.
2 Nome de planeta. Érbio (s.q). Alternativa.
3 Rio de Portugal. Patrona da ilha de Malta.
4 Colchão (ant). Oásis.
5 Enfada.
6 Içara. Moderato.
7 Indígenas vátuas das proximidades do lago Niassa em Moçambique. Ave pernalta.
8 Aguçais. Numeral cardinal.
9 Prefixo de privação. Palmeira da Amazónia.
10 Peças de roupa para resguardar do frio (pl).
11 Pessoas agigantadas (pl). Bário (s.q).

Recebeu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 985**

HORIZONTAIS:

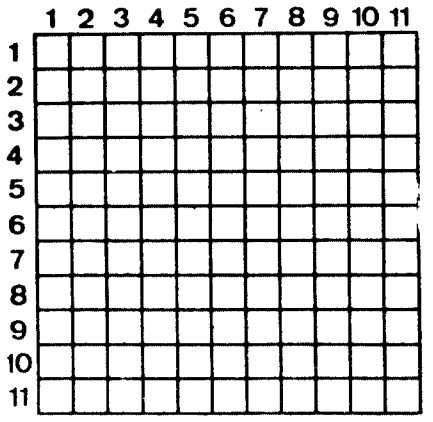
1 ANDAR. COMO.
2 Gee. Aparais.
3 Air. Sós. Cão.
4 Recreio.
5 Irada. IM. Pã.
6 Rede. Brota.
7 Meã. Rolão.
8 Casar.
9 Atroas. Ni.
10 Troncados.
11 Ois. Asassem.

VERTICAIS:

1 Agadir. GATO.
2 Nei. Rem. Tri.
3 Derradeiros.
4 Edea. Nó.
5 Rasca. Caça.
6 POR. BRASAS.
7 Caseiros. Dá.
8 Or. Imolados.
9 Macó. Tar. SS.
10 Oiã. Pão.
11 Somas. Fiam.

PROVÉRBIO: Andar como gato por brasas.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15 815



HORIZONTAIS:

1 Aplaco. Nome de mulher.
2 Inerte. Molestara.
3 Que é do ar. Freguesia do concelho de Loulé.
4 Líquido gorduroso. Lafrão do mar.
5 Curo. Cidade da Argélia.
6 Nota musical.
7 Rénio (s.q). Remates de costura (fig).
8 Parafusara.
9 Transpirai. Aeróstato.
10 Quem tem pequenas dimensões. Em má hora (ant).
11 Limpara com água. Ósmio (s.q).

VERTICAIS:

1 Acaricia. Vinte mãos de papel.
2 O vencimento de um soldado. Crença. Interjeição de dor.
3 Esbelta. Nome de homem.
4 Garganta. Triturada.
5 Que são do ar. Vossa alteza (inv).
6 O sono das crianças. Sentidas condolências.
7 Espaço de trinta dias. Terminar.
8 Planta vivaz e medicinal. Ave trepadora.
9 Triturar. Divisão de uma casa.
10 Soltas trinos. Patrão.
11 Irmão de Moisés. Plantas têxteis do Ceará.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **15 814**

HORIZONTAIS:

1 Matais. Sais.
2 Avia. Calma.
3 Ca. Regariam.
4 Arco. Rio. Nó.
5 Dó. Aer. Bar.
6 Bari. Sari.
7 Sara. Cotim.
8 Man. Área.
9 Era. Am.
10 SALTITARIAM.
11 Ar. Oro. Sabá.

VERTICAIS:

1 Maçada. Mesa.
2 Avaro. Sarar.
3 Ti. Banal.
4 Aaro. Ar. To.
5 Arão. Ir.
6 Grei. Ato.
7 Cair. Cama.
8 Saro. Sor. Rs.
9 Ali.Bateria.
10 Imanaria. Ab.
11 Samorim. Uma.

Rádio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.30: Panorama, da obra de Borodine; **16.20**: «Alma Redemptoris Mater», de Marc'António Ziani; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: Histórias da História; **17.40**: Dois trios; **18.40**: Efeméride musical; **18.50**: Prelúdios, n.º 3 e n.º 1, de Villa-Lobos; **19.00**: Integrais; **19.38**: Solos de piano; **20.40**: Sonata, para violino e piano, K. 378, de Mozart; **21.00**: Histórias de música e outras; **21.34**: Orquestras de câmara; **22.00**: 4.º acto, da ópera «Boris Godunov», de Mussorgsky; **23.40**: Concerto sinfónico; **00.50**: Último andamento e resumo; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.001: É de noite... já se vê; 03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Cículo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Cantar português; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música; **21.00**: Palácio de Cristal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Porto final.

Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

09.00: Os cem mais; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

SÁBADO TELEVISÃO

RTP

17.30 - Mira Técnica
Com Música Portuguesa

18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
«Pica Pau»

18.50 - Show Bis
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Palavras Cruzadas

49º Episódio: - O agressor diz a Alberto que transmita um recado a Simão: que precisa da encomenda no dia seguinte sem falta. Margarida liga para casa dos Salgado para falar com Julieta e pede-lhe que ela vá lá a casa, mas em segredo. Filipe que toma o pequeno almoço com Sofia, aproveita a presença de Miguel para mais uma vez lhe pedir que vá trabalhar com ele, mas o filho não se mostra convencido e Sofia aconselha o marido a esperar melhor ocasião. Luis pede a João para ele ir trabalhar com ele, mas que, por enquanto, terão de manter isso em segredo. João cede e diz ao pai que Margarida está grávida. Luis fica apavorado e sugere ao filho que a convença a interromper a gravidez. Alberto dá a Simão o recado que o homem da laranja lhe deu e mostram-se satisfeitos por Sofia e Filipe terem saído. Dirigem-se para o gabinete, onde não sabem que está Marta que ouviu tudo estarrecida.

20.45 - ALF - Uma Coisa do Outro Mundo

4º Episódio: - Alf utiliza o telefone dos Tanners e, como não podia deixar de ser, arranja novos problemas a Willie.

Alf entra em contacto com um programa de uma rádio local, pois quer falar sobre a questão nuclear! Gera-se a discusão, o Presidente dos Estados Unidos é envolvido e Willie é preso pelo F.B.I., acusado de pôr em perigo a vida do Presidente.

Mas Alf consegue livrar Willie, falando com o próprio Presidente e clarificando a questão.

Realizadores: Tom Patchett e Peter Bonerz

21.15 - Telemundo

Vernon Walters, homem de confiança de sete presidentes dos Estados Unidos, general e diplomata, actual embaixador dos E.U. na ONU. O controverso caixeiro-viajante das «missões silenciosas» da Casa Branca, em conversa franca com José Mensurado, fala de si e de alguns dos mais controversos problemas da actualidade política internacional.

21.45 - As Bluebell
8º e Último episódio

22.45 - 24 Horas
23.15 - Remate

RTP 2

15.05 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
Carlos Alfredo dos Santos

No 2º canal, às 20,20, «Uma Família às Direitas»

No 1º canal, às 21,45, o último episódio das «Bluebell»

17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
SKI - Final da Taça do Mundo: Sarajevo - Slalom Gigantes (homens)

19.00 - Nino Show
20.00 - 5ª Dimensão

111º Episódio: - Um jovem casal acorda pela manhã, depois de uma prolongada e divertida festa, e nenhum dos dois percebe onde é que se encontram. Não só tudo o que os rodeia lhes é totalmente desconhecido, como também é artificial. De repente, uma mão gigantesca, saída do céu, tenta alcançá-los, ao mesmo tempo que ouvem a gargalhada de uma criança que não consegue ver!

Realizador: Ron Winston

20.20 - Uma Familia às Direitas
87º Episódio

21.00 - Jornal das Nove
21.30 - E de Ler
«O Surrealismo em Portugal» de Maria de Fátima Marinho

21.35 - A Quinta do Dois

AMANHÃ

RTP-1

17.30 - Mira Técnica
18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Show Bis
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Palavras Cruzadas
20.55 - Palácio dos Sonhos
21.50 - Noites Tranquilas no Loucuras
22.25 - Hitchcock Apresenta
24.00 - 24 Horas
00.30 - Remate

RTP-2

15.05 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.15 - Nino Show
20.05 - 5ª Dimensão
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - E de Ler
21.35 - Contraponto
22.35 - Meu Filho, Meu Filho
23.35 - Uma Boa Ideia

AOS CONDUTORES

"Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1 As Bluebell

RTP 2 A Quinta do Dois

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
R. [illegible] 17
Cruz Quebrada 1495 LISBOA
Telef. 41[illegible]

«Palavras Cruzadas»

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 — Publicidade: 36 87 40
Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
INTERPRESS
TELEFONES: 32 21 06 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira: 40$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/83
Fundador Joaquim Manso Director A. Ruella Ramos Director adjunto Fernando Piteira Santos

ÚLTIMA HORA

O Ministério português dos Negócios Estrangeiros afirmou hoje que não recusou um visto de entrada em Portugal ao embaixador da Nicarágua em Espanha, Orlando Castillo. «Nego peremptoriamente que o Ministério tenha recusado conceder o visto. Aliás, a Embaixada nicaraguense foi já notificada, na manhã de quarta-feira, da sua concessão», disse à Lusa, o porta-voz do MNE, embaixador Rui Brito e Cunha, solicitado a comentar uma notícia hoje publicada pelo jornal «O Diário». Aquele matutino afirmava na sua edição de hoje que o visto ao embaixador nicaraguense fora indeferido «alegadamente com base en instruções recebidas de Lisboa nesse sentido».

Máquina saiu da linha em Sacavém

Descarrilamento atrasa comboios da Linha do Norte

Os utentes dos primeiros tranvias da CP e os passageiros da Linha do Norte e do comboio «TER» que cerca das 7.30 sai de Santa Apolónia em direcção a Marvão – Valência de Alcantara (Espanha) viram-se esta manhã subitamente privados de chegar aos seus destinos a tempo devido ao inexplicável descarrilamento de uma máquina «1200» em manobras na estação de Sacavém cerca das 6.45 horas.

O descarrilamento, na junção de uma linha secundária com a de sentido descendente (Sacavém-Braço de Prata), configura a eventualidade de falha humana ou deficiência de agulha e era esta manhã objecto dos mais desencontrados comentários por parte de todos os utentes do Setil, Entroncamento, Vila Franca e Campolide, que em condições normais passam em Sacavém entre as 7 e as 7.20 horas.

Apesar de dispor de comboios para efectuar rapidamente, a partida de Sacavém, e de Moscavide, uma eficiente operação de transbordo, a CP não o fez, razão por que esta manhã centenas de trabalhadores chegaram com substanciais atrasos aos seus locais de trabalho.

O acidente não provocou quaisquer danos pessoais, uma vez que a máquina (encarnada) seguia isoladamente, sem quaisquer carruagens. Depois de uma interrupção nos dois sentidos a CP conseguiu repor a circulação no ascendente isto é, Lisboa-Porto.

Isso não impediu, contudo que os rápidos «Douro» e «Cidade Invicta» saissem de Santa Apolónia com hora e meia de atraso, assim como o «TER», para Atocha (Madrid). Por volta das 9.40 horas a circulação normalizou-se nos dois sentidos.

A preto e branco são 2700$00

Taxa de televisão a cores sobe para cinco contos

Uma portaria hoje publicada no «Diário da República» aumentou as taxas anuais de televisão para cinco contos, no caso dos utilizadores da recepção a cores, e 2700 escudos no caso dos utilizadores do sistema a preto e branco, com efeitos retroactivos a 1 de Fevereiro.

Este aumento das taxas de televisão é justificado no diploma com a necessidade «manutenção da qualidade do serviço prestado à comunidade pela Radiotelevisão Portuguesa, E.P.». Tal pressupõe, segundo a portaria, «o equilíbrio financeiro da empresa, em cuja estrutura têm um papel fundamental as receitas provenientes da cobrança de taxas anuais».

Baleia morta afunda traineira

A traineira «Pérola dos Açores» afundou-se ontem depois de ter embatido à noite numa baleia morta que se encontrava junto à costa da ilha de S. Jorge, nos Açores, informaram as autoridades marítimas.

A traineira, que tinha tripulação madeirense e um comandante da ilha do Faial, encontrava-se a pescar no mar da costa sul da ilha quando embateu contra o mamífero.

O hélice prendeu-se no cetáceo, torcendo o eixo e partindo a palheta e a traineira abriu um rombo através do qal se deu a inundação da casa das máquinas. A tripulação foi salva.

/D/E/C/A/R/A/S/

JOAQUIM CHISSANO foi convidado pelo secretário-geral do Partido Social-Democrata Sueco, Bo Toresson, a estar presente em Setembro no congresso daquele partido. O convite constava de uma mensagem enviada pelo primeiro-ministro da Suécia, Ingvar Carlsson, ao presidente moçambicano, entregue por Toresson, que desde segunda-feira visita Moçambique. O anúncio do convite foi feito no final de um encontro entre Chissano e Toresson, tendo o Chefe de Estado moçambicano saudado a recente decisão do governo sueco de aplicar sanções ao regime de Pretória.

ADRIANO JORDAO chega amanhã à Praia onde dará dois concertos, numa iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian, de Lisboa, revelou uma fonte diplomática. O pianista português deverá actuar no Centro Cultural Português da capital nos dias 23 e 24 de Março. A deslocação do pianista tem o apoio da Embaixada de Portugal.

HORTENSIA BUSSI, viúva do ex-presidente Salvador Allende, e um grupo de dirigentes da oposição chilena foram recebidos pelo secretário do Vaticano para as questões públicas da Igreja, arcebispo Salvador Silvestrine. Hortensia Bussi e o grupo de dirigente oposicionistas integrado pelo senador comunista Volovia Teitelboim, o líder estudantil Gonzalo Rovira e German Correa, presidente do Movimento Democrático do Povo, foram recebidos no Vaticano duas semanas antes de uma viagem do Papa João Paulo II ao Chile. Não foi divulgado o conteúdo das conversações, mas os observadores consideram que o tema central deste encontro foi a visita pastoral que o Papa vai fazer ao Chile, Argentina e Uruguai, entre 31 de Março e 6 de Abril.

CACERES MONTEIRO lançou ontem mais um livro da sua autoria intitulado «Amazónia Proibida». Amazónia, «a região do mundo onde a aventura ainda é possivel» é o tema da reportagem do jornalista de «O Jornal» e director do «Sete», de 38 anos, que confessou à Lusa a propósito deste seu terceiro livro de reportagem que a Amazónia lhe interessou como projecto jornalístico pelo carácter «misterioso» que ainda hoje a envolve.

MERYL STREEP, segundo foi já publicado na Imprensa portuguesa, vai rodar em Moscovo a adaptação cinematográfica de «Fina», uma novela de Tchekov. O filme tem realização de Nikita Mikhalkov, irmão de Andrei Konchalovsky, de «Os Amantes de Maria».

MARIA DE LURDES BELCHIOR, professora da Universidade Nova de Lisboa, chegou ontem a Cabo Verde, para proferir uma série de conferências, numa iniciativa da Embaixada de Portugal e do Ministério Cabo-Verdiano da Educação. Lurdes Belchior proferirá duas conferências nos Centros Culturais de Portugal nas cidades da Praia e do Mindelo alusivas ao tema «Formação das literaturas nacionais».

Comissão de Saúde vai discutir situação dos médicos desempregados

A Comissão Parlamentar de Saúde recebeu ontem à tarde na Assembleia da República elementos representativos dos médicos desempregados do Norte, Centro e Sul, que expuseram aos deputados a situação e demonstraram «a incoerência das medidas tomadas pelo Ministério da Saúde», diz a Comissão Nacional dos Médicos Desvinculados (CNMD).

Os membros da CNMD tiveram ainda oportunidade de reafirmar perante aquela comissão «as ilegalidades e injustiças do processo de despedimento», acrescenta a mesma nota da Comissão Nacional dos Médicos Desvinculados.

A Comissão Parlamentar de Saúde e Segurança Social mostrou-se preocupada com a actual situação e reconhece a sua gravidade, comprometendo-se a discutir e tomar posição sobre esta matéria, segundo informação que nos foi prestada pela Comissão dos Médicos. Estes «deixaram clara a sua recusa de desemprego face à situação real de carência das populações de todo o País em cuidados de saúde de qualidade», acrescenta a nota.

Ex-director dos hospitais vai a tribunal

O antigo director-geral dos Hospitais está notificado para se sentar no banco dos réus no próximo dia 23 do corrente.

Miguel Andrade, antigo director-geral dos Hospitais e apoiante do ex-director do Hospital Egas Moniz, será julgado no Tribunal da Boa Hora a partir das 9 horas daquele dia, por difamação e calúnia a dois chefes de serviço do Egas Moniz — diz o Sindicato dos Médicos da Zona Sul.

Miguel Andrade apresentou como testemunhas de defesa, entre outros, Maldonado Gonelha, ex-ministro da Saúde, o dr. Fatela (consultor jurídico do ex-director do Hospital Egas Moniz, Domingos Filipe) e os professores Luís Salles e Ferraz de Oliveira, também daquele estabelecimento hospitalar.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

N.º 295

O estado das coisas segundo Otelo Saraiva de Carvalho

DEVERÁ ocupar pouco menos de 40 páginas do livro *Acusação e Defesa em Monsanto* a introdução para ele especialmente escrita por Otelo Saraiva de Carvalho. Trata-se de um texto que antecipa novo livro, que poderá ser a continuação de *Alvorada em Abril*, e que o principal réu do processo FUP/FP tenciona ainda escrever, como ele próprio anuncia:

«Para cumprir o que considero minha obrigação histórica, mantenho a intenção de um dia relatar, com inteira verdade e a isenção possível, a minha perspectiva sobre essa página tão agitada e controversa da História do nosso país que foi o período revolucionário que se seguiu ao 25 de Abril».

Acusação e Defesa em Monsanto está nos prelos da *Inquérito* e, salvo acidente, será posto à venda antes do fim do corrente mês, antes, portanto, do desfecho do julgamento a que se refere.

O *Ler Escrever* obteve o manuscrito da introdução de fonte ligada à publicação do livro, e divulga hoje a sua parte final, mais directamente respeitante — no entender do autor — aos antecedentes que o levaram à prisão, em 19 de Junho de 1984, e ao banco dos réus do Tribunal de Monsanto, onde a sentença deverá ser ouvida em Abril.

O leitor encontrará, nestas páginas, a versão dos acontecimentos dada pelo homem que comandou as operações do «pronunciamento militar de 25 de Abril de 1974» e veio, treze anos depois, a ver-se acusado de promover e dirigir uma organização terrorista, pedindo para ele o delegado do procurador da República a pena de 20 anos de prisão.

O seu papel à frente do COPCON e no «céu» do MFA, a sua caminhada até se tornar em polo de união da «esquerda revolucionária», as suas duas candidaturas à Presidência da República, a sua «guerra» com o PCP, a intriga política que conduziu ao 25 de Novembro e lhe sucedeu, a gestação da OUT e da FUP bem como a do «Projecto Global», cuja definição e relações com as FP se encontraram no centro das alegações de Monsanto, tudo aqui é reinvocado pelo autor.

Otelo Saraiva de Carvalho faz, nestas trinta e tal páginas, a crónica impressiva, parcelar e apaixonada do PREC e do seu declínio: é a mão de um dirigente da «esquerda revolucionária» que aqui escreve sobre o Grupo dos Nove, o PCP, Costa Gomes, Ramalho Eanes e tantos outros.

Ele pretende dar a quem o ler a «chave» que alargue o entendimento das razões por que se encontra preso (mil dias de prisão preventiva, contados no dia em que acaba de escrever). E fá-lo, ainda, abrindo as suas explcações no calão militar que nunca o abandonou: o «caro leitor» é convidado para um *briefing* — como entre oficiais — ou para um *ponto da situação*, como numa reunião partidária de há alguns anos.

Págs. 6 e 7

Patricia Highsmith rainha negra

Na **Arte do Suspense**, ainda não traduzido em português, mas também na conversa, Patrícia Highsmith fala sem restrições da sua maneira de trabalhar. E assim se descobre o *charme* clandestino de uma misantropa já lendária.

É numa aldeia «à beira da estrada», encostada à montanha, não longe de Locarno, na Suíça, que Patrícia Highsmith tem agora o seu refúgio. Ela deixou a França, onde tinha vivido uma dezena de anos, em 1982.

Será por termos lido os seus livros que, ao arrumarmos o carro à entrada desta localidadeeserta, nos sentimos invadidos por um indizível mal-estar? «As mulheres estão em casa, e os homens, na maioria dos casos serventes da construção civil, estão a trabalhar», dir-nos-á a escritora.

Nem sequer uma loja onde perguntar o caminho. Os dois únicos lugares públicos — o posto de correios e uma *trattoria* — estão fechados. Talvez seja a reputação de misantropia feroz que Patrícia Highsmith granjeou que nos aviva a inquietação. Ou trata-se, apenas, do medo de cruzarmos por fim o olhar de alguém que tem manifestado uma imaginação tão singularmente negra. Pouco importa. A perturbação mantém-se, e não poderemos voltar para trás.

A mulher que abre a porta — uma silhueta angulosa, mãos poderosas — parece menos aborrecida do que embaraçada pela irrupção de desconhecidos na suaestudiosa solidão. Desde as primeiras palavras, desde os primeiros gestos, instala-se o *charme* secreto da sua timidez e desconforto. Patrícia Highsmith tem uma maneira curiosa de ocupar o espaço da sala principal de sua casa, voluntariamente modesta, como para se habituar ao intruso antes de o enfrentar, com os seus olhos tão negros que nem se lhes distinguem as pupilas. O seu olhar em nada trai os sentimentos, nem a impressão que lhe deixa o visitante: parece a própria ilustração da palavra *impenetrável*, como o olhar do gato siamês que se deita atrás dela... Mas, evidentemente, para iludir o *cliché*. Patrícia Highsmith tem também uma jovem gata ruiva e travessa, que nada tem de uma esfinge.

A lenda di-la quase muda. E no entanto ela fala de bom grado, num belo inglês rico, rigoroso, firme, estruturado, como é a língua dos seus quase trinta livros. Já agora, e se ainda há quem pense que Patrícia Highsmith, mestre, decerto, do suspense, não é, no entanto, uma «grande escritora», vale a pena aconselhar a leitura desse *Diário de Edith*, vinte anos da vida de uma americana vulgar, e seguir a sua decomposição tão irremediável quanto lenta, no dia-a-dia, tendo como única defesa a fortaleza de um diário íntimo imaginário.

Escolheu a Europa

Na sua conversa, Patrícia Highsmith mantém intactos o sentido da narração, o prazer de manobra com a linguagem, excluindo desta as palavras parasitas, os balbuciamentos, as repetições e injectando-lhe um humor furtivo, para explicar, por exemplo, como, americana nascida no Texas (em 1921), escolheu a Europa e um certo nomadismo — Grécia, Itália, Inglaterra, França, Suíça — depois de 25 anos passados em Nova Iorque (entre os 6 e os 31 anos), e de um desvio pela Pensilvânia:

«Prefiro Londres e Paris a Nova Iorque, embora não goste particularmente de cidades. Sobretudo, prefiro os europeus. Mas também tenho amigos em Nova Iorque, direi que quatro. E de-

Continua na pág 4

Clip

■ «Bye bye Wexford»

Os leitores de romances policiais conhecem bem Ruth Rendell e o seu personagem mais frequente, o inspector Wexford, homem entre duas idades, amador de livros e, por vezes, de mulheres. A série dos «Wexford» foi um êxito em Inglaterra (quinze títulos) e nos países que a traduziram (dezasseis ao todo).

Mas não há bem que se não acabe: Miss Rendell, como aconteceu a tantos dos seus pares, fartou-se da sua criatura preferida, que se lhe tornou demasiado incómoda. Admiradora de Patricia Highsmith, lançou-se num género mais ambicioso, o romance psicológico. Acabaram-se as historiazinhas da família «quem matou quem». Os seus leitores não perderam com a troca, pelo contrário. *Vera vai morrer*, em que uma mulher será enforcada devido ao assassínio da sua própria irmã (ainda não traduzido em Portugal). Faith, sobrinha de Vera, vai tentar compreender o que se passou, entrando nos segredos de uma família cheia de rivalidades e silêncios. Miss Rendell multiplica os paraventos e os labirintos: o amante da mãe é afinal amante do irmão, o filho de uma das irmãs é talvez, afinal, o filho de outra. Suspense em estado puro e imbróglio em que a autora não deixa ninguém perder-se.

Miss Rendell leu Freud «e muitos outros», como ela gosta de dizer. E sabe servir-se deles, para além de se revelar uma óptima retratista: a sua evocação da Inglaterra da Segunda Grande Guerra é notável. Recorda-nos que Jane Austen escrevia os seus romances enquanto as V1 e as V2 punham Londres a ferro e fogo. Já não falta quem a prefira a Patricia Highsmith, e comece a designá-la por rainha do crime.

■ Séculos XIV e XV

É já no dia 23 que a *Presença* lança o *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*, de A.H. de Oliveira Marques, volume integrado na colecção Nova História de Portugal, dirigida por Joel Serrão e pelo autor.

■ Prosa de Pessoa em «pocket»

A *Europa-América* editou primeiro, há cerca de um ano, a obra poética de Fernando Pessoa; agora lança a sua *Obra em Prosa*, em dez volumes, formato bolso, com introdução, organização e notas de António Quadros.

Estes dez volumes tornam mais acessível os *Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas, Textos de Intervenção Social e Cultural — A Ficção dos Heterónimos, O Livro do Desassossego de Bernardo Soares* (dois volumes), ficção e teatro, textos filosóficos e esotéricos e páginas de pensamento político, além dos ensaios sobre Literatura e Estética.

■ «A minha máquina de escrever é uma Olympia mecânica com 31 anos... Tenho de a apaparicar, de lhe limpar os caracteres. Também tenho uma Olympia eléctrica, mas não me convém»

■ «Mr. Ripley, escrevi-o numa cozinha, mas actualmente obedeço a uma espécie de rituais: prefiro ter um escritório com uma janela para a qual não fique voltada»

■ «Tanto quanto posso, escrevo à máquina ao longo das noites... tenho por regra não ler ficção enquanto trabalho e, de um modo geral, não leio muitos romances recentes»

Salazar, a solidão e a morte

■ Sobre «Um político confessa-se», de Franco Nogueira

Nove de Fevereiro de 1966. Oliveira Salazar telefona a Franco Nogueira, a propósito de nada, e diz-lhe: «Neste país, apenas o chefe do Governo está isento de censura. Todos os demais, incluindo os ministros, lhe estão subordinados».

A advertência parece ter decorrido da circunstância de o jornal ultra-conservador «Diário da Manhã» ter publicado na véspera um violentíssimo comentário contra o embaixador dos Estados Unidos, em Lisboa. Não é que o facto desagradasse intimamente a Salazar. Ele próprio odiava os EUA por convencimento pessoal de que os norte-americanos não apoiavam a política externa portuguesa em relação a África por mero oportunismo, e, sobretudo, em nome de inconfessáveis interesses neocolonialistas. O que ele não consentia, era que ninguém fosse eximído à censura - para o bem ou para o mal. Salazar não passava gratuitamente cartas de alforria, nem mesmo àqueles que lhe deviam cega vassalagem. O ditador - como todos os ditadores - era céptico e desconfiado. Duvidava de tudo ou de quase tudo, de todos ou de quase de todos.

O último livro de Franco Nogueira, «Um político confessa-se», lançado agora à estampa pela editora «Civilização», fornece elementos interessantes da vida de um homem que, além de haver alimentado um profundo desprezo pela inteligência dos seus próprios colaboradores, era extremamente indulgente com aqueles que porventura se afastassem do universo dos seus conflitos e obsessões. Mantinha porém algumas simpatias pessoais -, mas muito poucas e por muito poucos. Um dia, corria o ano de 65, Franco Nogueira ouviu de Salazar várias apreciações acerca de quem, no seu entendimento, se encontrava melhor colocado para o suceder no cargo de chefe de Governo: Costa Leite, Pedro Teotónio Pereira, Paulo Cunha, Marcello Caetano e Antunes Varela. Feita a avaliação, por uma ou outra razão não escapou nenhum. Para Salazar ninguém servia, embora não raras vezes chamasse a atenção do seu grande confidente para a necessidade de o regime «treinar outro», antes que a morte o surpreendesse.

De Marcello Caetano, disse: «É um belo espírito, tem grandes faculdades de trabalho, é muito culto e sabedor; mas não é flexível, não suporta a contradição mesmo em privado, não aguenta uma ideia oposta, e perde facilmente o moral, apossando-se de pânico e tendo então a tendência para seguir a corrente geral».

Naturalmente que o «diário» do antigo ministro dos Negócios Estrangeiros peca pelo defeito de ter sido escrito por juíz em causa própria. Por isso não há nele duas visões da mesma história; há apenas uma versão, que é a versão retroactiva do Estado Novo.

Franco Nogueira

Em nenhuma passagem deste volume - extraordinariamente bem escrito, de resto - encontramos um elemento, um só elemento, que coloque o seu autor fora do domínio da responsabilidade e cumplicidade históricas. Aliás, nos seus escritos, Franco Nogueira socorre-se frequentemente de uma frieza aterradorapara criticar os adversários; chega a ser brutal nas apreciações que faz em relação aqueles que nem sempre estiveram do lado de Salazar, mesmo que estivessem do lado do regime - minimiza tudo e todos. As greves e manifestações, operárias e estudantis - que aí houve -, o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros chama-lhes, invariavelmente, «correrias». Aos opositores ou mesmo aos situacionistas moderados, o autor atribui-lhes menoridade intelectual. Só se salvam no «diário» de Franco Nogueira os que, portugueses ou estrangeiros, se manifestavam solidários com o regime -, com ele em geral, ou com a sua política externa em particular.

Salazar não tinha só em Franco Nogueira um grande confidente; tinha o homem certo no lugar certo. Ou talvez uma coisa fosse a consequência da outra.

Como todos os ditadores, o fundador do Estado Novo foi também um homem extremamente irredutível nas suas posições. Uma das histórias mais significativas e, porventura, das mais reveladoras da personalidade do velho patriarca, contada pelo autor de «Um político confessa-se», diz respeito à vinda do Papa Paulo VI ao Santuário de Fátima. Ela foi aliás muito mal apreciada por Salazar que nunca perdoou ao Pontífice a circunstância de ter, anos antes, visitado Bombaim, a convite das autoridades de Nova Deli. O chefe do Governo português considerava a deslocação do Papa ao subcontinente indiano uma afronta terrível a Portugal, que perdera no início da década uma pequena parcela do grande Império: Goa, Damão e Diu.

Um dia, à conversa com Franco Nogueira, o ditador chegou mesmo a sugerir que se recusasse o visto de entrada em Portugal a Paulo VI...

Mil novecentos e sessenta e sete. Oliveira Salazar aproxima-se do fim. Está doente. Já estava doente! Desde há muito tempo que o perturba o medo da morte. Nas suas conversas com Franco Nogueira, ele faz frequentes referências a essa ineludível certeza. Receia o curso da história. Receia pelos sucessores.

Mas eis que uma providencial queda de uma cadeira põe fim ao longo percurso do velho ditador.

São de Franco Nogueira estas palavras com que, também ele, põe fim ao seu «diário»: «Findou uma época com lampejos de grandeza, um estilo de governo onde havia sentido de medida e elegância de forma, uma concepção de vida assente em certezas, uma visão de Portugal haurida na história, também erros e sombras sem dúvida; mas foi toda uma política onde a firmeza e a coragem desempenhavem papel de monta. Uma viragem, em suma. Vamos ter novos tempos, novas vontades».

José Manuel Saraiva

Um político confessa-se (Diário 1960-1968), Franco Nogueira, ed. Civilização

A Vaga de Calor, síntese de uma obra

PARECE-ME difícil (se não mesmo inútil) o esforço de tentar inserir **A Vaga de Calor** no predomínio dos temas abordados por um escritor que continuamente se inquieta e interroga quanto aos percursos até agora traçados pela sua obra novelística. E de pouco ou nada valerá, também, a tentativa de discretear acerca duma estilística que porventura coubesse na difinição simplificadora e na estratégia de redução que de vez em quando rasuram e penalizam o trabalho sofrido e quase sempre inglório da escrita literária.

Se me dispenso de discutiro óbvio (e de assim correr o risco de ser talvez pouco português), não me demito todavia de assinalar que Urbano Tavares Rodrigues carreia para o interior de «A Vaga de Calor» a economia dos meios narrativos e a síntese feliz de toda uma obra que há muito gindou o seu nome à altura dos nossos mais estimados escritores.

Não a título de balanço nem de nota de rodapé, mas na convicção de que esse facto tem sido relativamente pouco ponderado, ocorre-me lembrar que este é o 7.º romance do autor de 21 volumes de novelas e contos. Mas dito assim, sem um raciocínio complementar, de pouco valeria ter expresso a ideia de que **A Vaga de Calor** talvez comece por ser uma nova opção de escrita que porventura pudesse colocar o seu autor no limiar dum novo e infinito caminho. O caso é que as narrativas longas e o fluir miúdo e paciente dos grandes temas de fundo não parecem seduzir os recursos nem o tempo de criação do novelista. Não me compete a mim justificar essa verificação. E também, verdade seja dita, em nada me aflige constatar que entre nós e persista na ideia (assaz peregrina) de que a prova da competência do escritor tenha de passar por caminhos deversos do conto e da novela.

Parece, sim, indesmentível que a escrita de Urbano se caracteriza tanto pela rapidez convulsa e pelo cinzel hábil do seu processo de abordagem do real, como pela noção de energia e pela função poética que tornam visuais, incisivos e por vezes superiormente polifónicos os seus textos narrativos. Mas essa arte essencial, que recusa o acessório e os bordados artesanais, aplica-se afinal à descodificação sistemática do quotidiano português e acabou por selar com a actualidade das últimas três décadas um compromisso de permanência, vigilância, denúncia e também de esperança. A escrita de Urbano está, efectivamente, onde mais é precisa: no combate como no afecto; no real como na experiência do sonho; no mundo translúcido das paixões sociais e políticas como na transferencia das nossas muitas paixões. Numa palavra: o alimento material da obra literária de Urbano Tavares Rodrigues não dispensa a crónica, nem a raiz, nem o osso humilde, nem a urgência veemente e necessária de quem funde a escrita com a vida e nesse encontro sistemático gasta afinal a sua própria contingência.

Para mim, «A Vaga de Calor» desloca sobre si o eixo e o centro motor e primordial da principal produção narrativa do autor. Ao percorrer as suas páginas, tem-se quase a ingénua e pouca avisada ideia de que neste livro há algo que recomeça ou de que ele eventualmente abra na nossa frente a porta do mesmo ciclo citadino de **A Noite Roxa, Uma Pedrada no Charco, Imitação da Felicidade** ou mesmo de algumas citações oníricas ou semiantásticas de **Casa de Correcção.** Mas se o referente mais próximo que me ocorre citar no paralelo atrás estabelecido é ainda a novela «Escombros» (de **Noite Roxa**), nem por isso se esgota aí o capital de risco deste livro. Em último análise, **A Vaga de Calor** colhe tanto daí o foco inicial da sua acção citadina, como afinal prolonga e recria alguns dos universos descobertos em **A Fuga Imóvel** e mesmo até algumas das obsessões que me parecem patentes no seu livro anterior, que se chama **Oceano Oblíquo.** É por isso que me aferro de novo à convicção de que este romance procede tanto do exame e da síntese de toda essa obra, como afinal a projecta para um fenómeno de geração dum novo imaginário. O recente experiencialismo das correntes etnofantásticas acaba po: explicar a metáfora desta cidade a arder e a cuja vicissitude faltará tão-só a audácia de levar até níveis de alegoria os dados lançados nesta espécie de parábola sobre a ova asfixia quotidiana.

Urbano Tavares Rodrigues

Com efeito, não deixam de comparecer a estes dias de excepção os símbolos, os sinais bíblicos e os mistérios que talvez expliquem a ameaça apocalíptica da cidade rodeada pelo calor e onde os habitantes se sentem progressivamente sitiados e aí se dsnudam e aí regressam quase à maldição do animal primitivo. Decorre, paralelamente a este quadro geral e exterior, a concentração do foco narrativo sobre essa espécie de gavetão da vida que é o prédio onde habita a maioria das personagens. O carrossel deslizante visita o vazio súbito e insuportável da vida desses habitantes e surpreende, na sua nudez desesperada, a falta de sentido de tudo a para tudo; a atitude bloqueada e bloqueante; os estratagemas da ruptura e da solidão que dói e quase se suicida.

Persiste a possibilidade de agrafar a este romance a multiplicidade das sugestões míticas. Por mim, vou apenas pelo caminho que me é mais familiar e me pareceu porventura mais óbvio e também mais racionalizado. É que o recurso a esta tensão, levada até ao extremo e no decurso dos seus 7 dias, parece colher algum exemplo bíblico, tanto na parábola do fogo como nos eventos catastrófics das pragas, dos povos acossados e dos seus animais humanos espavoridos. O significativo pormenor de ter sido esbatida a existência dum oitavo dia, na sinonímia da bonança e da acalmia do fogo, dá algum suporte a este desmontar da tenda dramática e reenvia o leitor para a sensação do fim do sonho e do pesadelo. A excepção é que Deus dorme sempre ou apenas está morto... Assiste-nos, aliás, a progressiva sensação do jogo com a morte: uma por uma, as personagens parecem ter incorrido no espírito da renúncia à vida, sendo nela seres parados, de olhar vazio para o infinito - e quase jacentes.

Por último, parece-me notavelmente trabalhada a estrutura central da obra: o contraponto do grande espaço aberto e caótico de toda a cidade em asfixia coloca no outro extremo o **hais-clos** do prédio em que vivem as personagens até aí desconhecidas de Eudoro. Lá fora, persiste o ar enngordurado onde já nem os pássaros voam ou sequer existem; persistem a congestão do movimento citadino, a lenta metamorfose da cidade em deserto e deste em mar sem água e obsessivamente atravessado pela ameaça do fogo. Dentro, quase exangues, no prédio onde moram, afinal agonizam e esperam a salvação todos aqueles que foram objectos da ameaça.

Há porém outras leituras para esta obra. Partindo do mundo que gira na cabeça crepuscular de Eudoro, a realidade entra em sintonia com um quotidiano disfórico, sem prazer nem renovação. A vida é, visívelmente, um horizonte curvo, com o seu firmamento baixo e cheio de nuvens. No limiar dos seus 60 anos de idade, Eudoro naufraga, irremediavelmente perdido do antigo vigor, e sente que sobre si impende a única e imperdoável condição de vivo no navio naufragado da solidão. Por outro lado, no ponto em que a acção deste livro ultrapassa a simples metáfora, emergem os dados do real: o conflito das gerações, a agudização da «vida perigosa», os amores incestuosos de Daniel e Daniela, o tropeção no vazio do Actor e sobretudo aquela obscena e oblíqua impunidade do Administrador Carmesim, para quem o calor não é, nunca há-de ser uma ameaça. Inscrever a acção deste livro na reciprocidade e no imaginário dum qualquer «Verão quente» que porventura aqui nos tenha sucedido? Não me parece. A sua vertente política cifra-se na possibilidade de cada um de nós lhe dar o seu deíctico preferido, e decerto também os seus destinatários de ocasião. Por mim, fiquei-me mais pela fruição deste equilíbrio entre o nosso real e o universo de sonho do seu criador. Prefiro, assim, regressar ao primeiro dos seus 7 dias. Talvez pudesse mesmo tentar imitar o inimitável, ou até plagiar-lhe um parágrafo. No fim de contas, não me importaria mesmo nada de ter sido o autor deste e de muitos outros livros do Urbano...

João de Melo

«Menos Que Zero», Bret Easton Ellis, Teorema

UM romance face ao qual não podemos ficar indiferentes é «Menos Que Zero» de Bret Easton Ellis, digo impregnada do vazio que me provocou a sua leitura. O pensamento recolhido em frases como: «Lindsay e eu vamos às casas de banho, no primeiro andar, e metemos alguma coca, numa das privadas. Por cima do lavatório, no espelho, alguém escreveu em grandes letras negras «As Trevas Dominam». Ou: «Depois de sairmos da casa de banho, Lindsay e eu sentamo-nos no bar do piso superior e ele diz-me que não acontece nada em sítio nenhum da cidade. Eu faço que sim com a cabeça, (...).»

Como uma infinidade de disparadas rectas são os seus jovens personagens, entes a viverem reencontro de amigos e familiares durante o mês de férias que passam em Los Angeles. Um reencontro sufocante pela ausência de perspectivas que experimentam. Não passam de rapazes e raparigas ditados pelo desprazer em que resultam os seus convívios animados pelo álcool, cocaína, sexo grupal. Muita aridez mal disfarçada pela sua pose de jovens abertos ao absoluto do instante. Para eles só o presente existe numa atmosfera isenta de afecto, ou de afectividade não correspondida porque, e como diz o narrador, «as pessoas têm medo de se envolverem».

Clay, o jovem narrador dete «Menos Que Zero», apresenta-nos esboços de personagens com quem priva — o intelecto triturado, a sensibilidade ferida. Donde o confessar-nos a indiferença com que, no seio da família, é recebida a sua solidão. Passo a citar: «A chuva continua a cair. E naquela noite, depois de receber três daqueles telefonemas bizarros, atiro um copo contra a parede, partindo-o. Ninguém aparece para saber a causa dos vidros partidos. Depois deito-me, sem conseguir adormecer, tomo vinte miligramas de valium para cortar o efeito da coca, mas nem isso me faz dormir.» Donde o afirmar-nos, uma vez já regressado à Faculdade, que: «As imagens, como mais tarde percebi, eram subjectivas e nenhum dos meus conhecidos as interpretou da mesma maneira. Para mim, eram imagens de pessoas levadas à loucura por viverem na cidade. Imagens de pais que estavam tão famintos e vazios que devoravam os próprios filhos. Imagens de pessoas, de adolescentes como eu, que levantavam os olhos do asfalto e ficavam encadeados pel sol. Imagens tão violentas e rancorosas que me pareceram o único ponto de referência, durante muito tempo. Depois de eu partir.»

Bret Easton Ellis

O caminhar por entre sombras que sangram de tensão nas densas atmosferas do tráfico de droga, da prostituição, da constante fuga ao real através do recurso aos alucinogénios, se apresenta «Menos Que Zero». E eu fico-me incomodada face a estes espectros que, apáticos ou contrariados, se novem na clara escrita de Bret Easton Ellis. A remoer na força corrosiva de um verbo que se assume um instantâneo fotográfico de jovens cujas idades oscilam entre os dezoito e vinte e um anos.

Impressionantes são estes personagens-sombras onde um Julian, e a contragosto, se prostitui e é injectado pelo seu «dealer» e «patrão». Um livro a ler, os sentidos dispostos à compreensão do que se lhes depara. A sensibilidade convertida a tanta intransponível aridez. Dorida intelecção do que nos é oferecido de um modo escorreito. Tão escorreito que parece sem suportes. Perdido no espaço infinitamente egoísta que formamos...

Ana Paula Portugal

O Beijo, Eduardo Braum, Europa América

NUMA cidade construída por gigantes deformados paira como único estímulo existencial dos seus habitantes o ódio entre dois gigantes. Respectivamente: Júlio e Noé.

Miseráveis sobreviventes de espaços onde a sua sordidez não era aceite, edificaram estes gigantes as suas próprias leis. Leis, obviamente, adequadas aos seus cérebros transtornados e marcados pelo espectro da rejeição.

Adaptados à progressiva deterioração de um estar ditado pela decadência, tinham como quase exclusivo objectivo o poder. A definitiva afirmação de um chefe. E entre si disputavam ora Júlio, ora Noé. Os quais experimentavam a constante tensão de um guerrear surdo que de vez em quando resvalava para descomunais lutas corporais. Esta guerra insaciável não conseguia, no entanto, determinar qual o vencedr. Ambos saíam muito desfalcados destes encontros ditados pelo ódio. Pelo desejo de definitivamente se mostrar a supremacia de um sobre o outro.

Apenas o ódio guiava os gigantes, sempre atentos aos moimentos de Júlio e de Noé. Ao gesto que de um deles faria o vencedor. Donde resultava que o seu existir não passasse de um longo bocejo entre álcool e jogo nas tabernas onde se reuniam.

Parcos eram os seus contactos com os mundos donde haviam sido expulsos e sempre que tais se efectuavam erá para em uníssono contra eles se debaterem. Conheciam apenas nesse momento a união os gigantes...

Solitários seres são Júlio e Noé no desenvolvimento de recíproco ódio. Mórbidos até ao possível nos seus cérebros enfezados por conspurcadas razões. Donde o caírem num desvairamento onde a solidão, inevitavelmente, os consome. Destruirá!

Cabe a Júlio, neste «O Beijo», a derrocada psicológica. O voluntário caminhar para a autodestruição. Passo a citar: «Mas, como sempre, Júlio não deu explicações, levou a bebida para a mesa (...), o gigante depôs o barril sobre o tampo, (...), ergueu o vasilhame até á boca e tomou o sabor das goladas iniciais (...).»

No álcool procurou Júlio a paz. O termo do cansativo e não resolúvel ódio. A morte. Deixando com o seu acto o vazio em Noé e nos habitantes da cidade ao tirar-lhes o único sentido para o seu existir. Isto é: a contemplação da luta entre Júlio e Noé A escolha de um deles como o gigante mais poderoso. Por isso, o desespero de Noé ao espiar-lhe os últimos segundos de vida. A árida poesia do seu agir. Passo a citar: «Noé aproximou-se do morto, e as lágrimas, surpreendentemente, correram no seu rosto, pois aquelamorte acabava por sepultá-lo, em vez de Júlio, na solidão mais negra e atroz (...).» Ou: «Depois, os seus lábios poisaram de leveza nos do inimigo, e um arrefecimento polar colou-se à boca do cadáver, de gélidos que eram os beiços do vivo sobre os escaldantes beiços do morto».

Um romance pertença do fantástico é «O Beijo» devido ao seu conteúdo. Donde a sua forma não ser clara, em bora o seu exoterismo se apresente como um incentivo. Como se cada palavra se erguesse símbolo de imprescíndivel decifração.

Seja qual for a leitura que se faça de «O Beijo», é inegável a mensagem MORAL do seu discurso. Nele os valores são discutidos e o homem emerge à luz da ÉTICA (sempre!), da RELIGIÃO, da ESTÉTICA, sem descurar, também o plano político.

Um romance, em suma, a ler muito atentamente é este «O Beijo» de Eduardo Brum.

Ana Paula Portugal

Quanto rende
a publicidade feita
em suportes
especializados?
Faça a experiência

Na terça-feira

LER ESCREVER

Ficções

Train, Train (*)

A indolência que, durante tantos anos, o acompanhara como um traço distintivo de comportamento e carácter, parecia agora a Miguel um luxo estranho de alguém que fora outra pessoa. Não era, porém, uma constatação que fizesse tranquilamente como quem pesa, com todo o vagar para esses intervalos, aquilo que o tempo fez de si. Até porque a indefinível sensação de espanto distanciado com que se comparava com o que fora não o abandonava ao considerar aquilo em que se tinha transformado. Um estranho viajava em si e era, aí, observado por outro estranho. Nenhum deles lhe era familiar. Tinha sido indolente ao ponto de recusar prazeres fáceis pela dificuldade em efectuar os simples gestos que os tornariam possíveis ou merecidos ou de abandonar locais onde se sentia bem, não porque quisesse preservar o bem-estar em estado quase puro, como se dizia para se desculpar, mas mais porque mesmo o prazer só existe se for trabalhado e o risco que isso implica parecia-lhe sempre um pedido excessivo feito à sua disponibilidade para hesitar. Nada disso era já póssível. Alguém que, positivamente, já não tinha tempo ou paciência para hesitações e que, por outro lado, se sujeitava a um risco moral se arrastasse passivamente a existência, expulsara para as margens do espírito de Miguel aspectos mais benévolos e tranquilos da sua personalidade. Agora corria. A velocidad dava a tudo o que lhe caía sob a observação o ar desfocado e irrelevante das coisas apenas entrevistas pelo canto dos olhos enquanto se avança em frente muito depressa. Sobrava somente oportunidade para o espanto de tudo estar a acontecer daquele modo e àquele ritmo.

Só quando, finalmente, conseguiu alcançar os meios de sair do país e se instalou no vagão de mercadorias onde se sentiu em alguma segurança pelas disposições tomadas, é que, caindo para o lado para dormir, se apercebeu, com a consciência perturbada pelo sono, o cansaço e a presença do perigo, que o frenesim da acção lhe fora imposto e destruira, como um violento e rápido incêncio, as paisagens animadas por um vento ocasional que lhe tinham povoado a adolescência. Acedera ao estado de adulto e o cansaço do sangrento modo como o fizera criara-lhe as primeiras rugas.

Incrédulo pelo que se passava consigo, aliviado e agradecido ao destino por o ter colocado numa situação em que era obrigado a sujeitar-se à espera, deixou-se embalar pela monotonia entremeada de surpresas do movimento do comboio e, por uma pequena janela com barras de ferro, viu, quase um por um, desfilar os pinheiros dos vales da Beira Alta que abandonava rumo a Leste e à fonteira. A sensação de que só tinha mais uma grande prova a enfrentar — a de um eventual controlo do vagão em Vilar Formoso — criava uma espécie de acumulação silenciosa de alegria e alívio profundamente calmante porque, ao contrário de tudo o que lhe sucedera ultimamente, era uma situação com muito poucas alternativas entre as quais, como um farol na noite, se destacava a eventualidade do fim do perigo imediato. Miguel esperava quase pacientemente por Fuentes de Oñoro para começar a rir.

Peter Nero Wolf

(*) Alusão, no título, a «Mistery Train», na versão de Elvis Presley

Pormenores

SOMBRAS: existências massivas, em série; a única possibilidade é o vapor da quantidade, os mundos imediatos, milhões de transistores no máximo. E nada é subtil aqui ou nas proximidades, note-se, nem o grau da luminosidade abstracta e azul que produz as sombras parece importante, nem donde venha a luz importa ou o que seja: está ali para as mãos verem. **Mãos:** estas, ávidas, querem o rubro, hologramas; ou sottovoce in camera, daquele jarro com água fresca a cobra raiada de amarelo e oblíqua que corre pela mesa quando numa electrização irresistível o braço é atraído para a luz.

(Encolhe-se então para a mão a melhor posiçãoentre o candeeiro e a mesa, para que a sua sombra seja o trabalho da conformação do gesto metalúrgico pela luz na água: em garra, uma união contra a luz nas coisas, fome ou desejo, uma espécie de sindicato, o uivo da besta açaimada). De negrura do ar encharcado ressoa feito metal na cabeça o algodão das sombras; há um balanço de barco em ar parado e uma cadeira pode vogar se houver vento.

Quando aqui, i. e., com qualquer luz flui imóvel o que só existe e sombras há que a dar de si resistem, abre o argumento.

É num mistério que alguém trabalha sempre. Sento-me e encolho os ombros que sim e escrevo coração eu não te acompanho mais. **Fumos:** os da velha fábrica ainda activa por sobre a linha dos telhados depois da auto-estrada do sul, a meio entre a janela e o (daqui invisível) oceano atlântico. **Som:** o do trânsito natural.

Carlos Leite

Rainha negra de um xadrez pessoal

Continuaçao da pag. 1

pois, Veneza sempre é outra coisa do que Dallas, não?»

O Texas, onde ainda esteve no Outono passado, em família, continua no entanto a oferecer-lhe os grandes espaços que a apaixonam, enquanto na Suíça «se passam as passinhas para comrar um dedal de terra, sobretudo quando se é estrangeiro».

«Mas não tenho vontade nenhuma de voltar para lá. Acho que o Texas me aborrecia um pouco», diz, tranquilamente, no sopé da sua montanha. «É uma questão de valores. Não conseguimos imaginar europeus que elegessem Reagan para Presidente. Aqui, toda a gente se interessa pela vida política e económica. Raciocina-se. Elegem-se homens de Estado. Ora Reagan é o triunfo da televisão.» A televisão: Patrícia Highsmith recusa-se a aparecer nela, não a vê — nem aparelho tem em casa — e não consente a seu respeito senão num comentário lapidar: «É o Universo do lugar-comum.»

Enquanto a maioria dos seus contemporâneos, europeus como americanos, chafurdam no estereotipo, ela preferiu a escolha difícil de viver como eremita, para trabalhar.

«Não é fácil estar atento ou receptivo ao nosso próprio inconsciente quando vivemos no meio de uma assembleia de pessoas, ou mesmo na companhia de uma pessoa só», escreve ela na *Arte do Suspense*. «Por vezes acontece que as pessoas que nos atraem mais, ou até que amamos, agem com tanta eficácia como isolantes de borracha contra a faísca da imaginação.»

Assim, Patrícia Highsmith permanece sozinha, com os seus cadernos «para anotar ideias, emoções» e com a sua máquina de escrever, uma Olympia mecânica com trinta e um anos. «Gosto muito dela. Tenho de a apaparicar, de lhe limpar os caracteres. Também comprei uma Olympia de luxo... é o nome ridículo de uma máquina eléctrica que não me convém.»

«*Mr. Ripley*, escrevi-o numa cozinha — precisa ela — mas actualmente obedeço a uma espécie de rituais: prefiro ter um escritório com uma janela para a qual não esteja voltada.»

Efectivamente, a sua mesa de trabalho está virada para uma parede cega, e é uma espéie de estirador que está diante da janela. «Eventualmente, conserto ali um ou outro objecto. Tanto quanto posso, escrevo à máquina ao longo das noites.»

«Tenho por regra não ler ficção quando trabalho. Limitome a ensaios e às minhas gramáticas italiana e alemã, para tentar progredir nas línguas que aqui se falam. De modo geral, não leio muitos romances recentes.»

Entre os americanos, a sua admiração vai para Saul Bellow, «um excelente escritor contemporâneo vivo», mas já um clássico.

No entanto, Patrícia Highsmith começou agora a ler uma narrativa de Margaret Atwoods, com quem partilha o medo do poder crescente das seitas e de seus pregadores (este temor, que já encontrámos na sua obra, estará presente de novo no seu próximo livro, onde surge um Papa bizarramente em conflito com as concepções morais e sexuais predominantes).

Ela escolheu uma vida tão distante quanto possível das agitações jornalísticas, mas é uma devoradora de Imprensa. Selecciona, recorta múltiplas informações, conservando pormenores que alimentam a sua imaginação, como acontece com o que lhe contam as vizinhas (por exemplo essa mulher evocada no prefácio à recente edição francesa da *Arte do Suspense*). Ela falava à escritora de uma amiga deprimida porque um dos seus *hamsters* tinha deixado de comer desde há dois dias: «Pergunto a mim própria se a minha imaginação vai levar mais longe esta história sobre um *hamster* doente...» Do mesmo modo, a romancista confessa o seu gosto por indivíduos «por vezes os mais inesperados, aborrecidos, antipáticos, medíocres, que, por uma razão inexplicável» a estimulam.

A *Arte do Suspense* só sai em França (e não está traduzida noutras línguas europeias) 21 anos depois da sua edição original nos EUA.

«Diziam-me — conta ela — que os europeus não gostavam de manuais do tipo 'a poesia em vinte receitas', etc.» Mas a *Arte do Suspense* não é, de modo algum, um manual. O livro não ensina como tornarmo-nos Patrícia Highsmith em quinze lições.

Crio a partir do aborrecimento

Com este livro, apenas poderemos tentar entender, em onze capítulos, as técnicas da escritora, que o é «a tempo inteiro» desde os 28 anos, desde a publicação do seu primeiro romance, *O desconhecido do Norte-Expresso*. Então ela decidiu «cessar todo e qualquer trabalho alimentar, quaisquer que fossem as dificuldades a enfrentar».

Graças a *Arte do Suspense*, vamos, com Patrícia Highsmith, ao nascimento das coisas: «Crio a partir do aborrecimento — escreve ela — servindo-me da realidade e do reflexo dos hábitos e dos objectos à minha volta. Por consequência, não detesto esse aborrecimento que me assalta uma vez por outra, e até tento fazê-lo nascer.»

Descobrimos, misturados, a sua alegria sempre renovada por escrever «para dar prazer a mim própria», a sua modéstia perante a recusa de alguns dos seus manuscritos, o seu pendor «artesão» que a conduziu a cortar, sem discutir, alguns textos, a sua aversão pelas pessoas barulhentas, e as suas ideias sobre a violência e a justiça.

Mais do que uma colecção de conselhos a eventuais autores jovens, este ensaio é um testemunho que torna a escritora, senão mais íntima, pelo menos mais real (quando nos arriscávamos a não conhecer dela senão a engrenagem mortífera dos seus terríveis romances). A *Arte do Suspense* revela o escritor rigoroso e singular que ela é, filha confessa de Dostoievski e de Henri James (também ele tinha escolhido a Europa), filha ignorada de Flaubert e da sua paixão pela «palavra exacta».

Uma forma de autobiografia

Em Patrícia Highsmith, essa exposição do modo como cria é uma forma de autobiografia, mais do que, certamente, ela alguma vez revelará sobre si própria. A narrativa da vida, mesmo sob forma oral, a confidência não são o seu género. «Não tenho o gosto da autobiografia, não me interessa, aborrecer-me-ia radicalmente», conclui ela. E sentimos que o debate está encerrado, que seria inconveniente ir mais além por este caminho.

Sem nenhuma recusa expressa, sem agressividade, sem zanga aparente, Patrícia Highsmith sabe desarmar qualquer intrusão.

Simplesmente, limita-se a não jogar o jogo da sociedade mediática, em que cada um faz de conta que acha normal ver um desconhecido desembarcar-lhe em casa e pôr-se a fazer-lhe mil perguntas.

Não nos apetece alterar a singular alquimia do seu domínio reservado, e acabamos por achar bem partir, depois de uma derradeira olhadela a um dos seus esboços — «deixei de desenhar», diz ela, e outra ao seu retrato «pintado por uma amiga», onde aparece como uma espantosa jovem loura entre vermelhos, marcada sempre pela mesma, selvagem, distinção.

Evidentemente: quando, já no limiar da porta, Patrícia Higsmith nos propõe que visitemos «os dois andares de caves do século XVIII», não conseguimos evitar um arrepio — literário, é claro.

Nessas caves abobadadas não está guardada senão a bicicleta da vizinha.

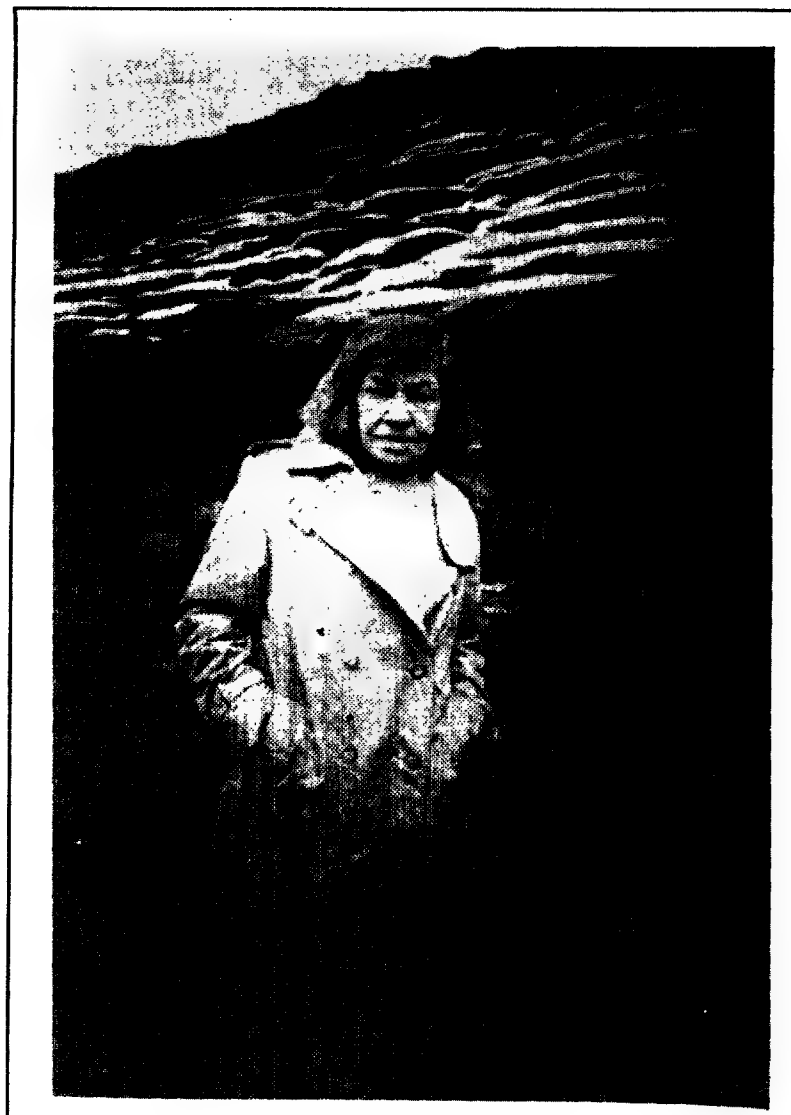
Decidimo-nos a voltar «para a cidade». Ficamos com vontade de ali voltar, mas que não ousaremos ultrapassar fraudulentamente essa fronteira de respeito que Patrícia Highsmith, sem dizer palavra, estabeleceu, como rainha negra imponente, inquietante e tocante. Ela aferrolha o seu enigma, e está muito bem assim. Quanto aos seus «mistérios», estão, por felicidade, em venda livre.

Josyanne Savigneau

■ «Não conseguimos imaginar europeus que elegessem Reagan para Presidente. Aqui... raciocina-se, elegem-se homens de Estado. Reagan é o triunfo da Televisão»

■ «Não é fácil estar atento ou receptivo ao nosso próprio inconsciente quando vivemos no meio de uma assembleia de pessoas, ou mesmo na companhia de uma só pessoa»

■ «Por vezes acontece que as pessoas que mais nos atraem, ou até que amamos, agem com eficácia como isolantes de borracha contra a faísca da imaginação»



Entrevista realizada por ocasião do lançamento, em França, da primeira edição de **L'Art du Suspense, Mode d'Emploi**, de Patrícia Highsmith, na Calmann-Lévy, para o jornal «Le Monde». Exclusivo «DL».

RUI ZINK
HOTEL LUSITANO
Um olhar satírico sobre o país que somos
Dois jovens americanos vêm a Portugal e vêem, numa perspectiva muito própria, uma Lisboa que, provavelmente, muitos de nós não conhecemos. Pelo menos da mesma maneira.
Uma estreia na ficção de Rui Zink que, com esta obra, nos apresenta uma visão diferente de Portugal e da sua primeira cidade, das suas gentes (algumas), dos comportamentos, da maneira de ser.
Dito de outra maneira: «Imagine-se Portugal visitado por marcianos. Que pensariam eles de nós, disto, que já no século passado Eça definia como não sendo um país, mas um 'sítio, aliás, muito mal frequentado'?»
UM NOVO LIVRO DE AUTOR PORTUGUES
À VENDA NO SEU LIVREIRO HABITUAL
EUROPA-AMÉRICA...
...a memoria no futuro

Georges Bataille, místico da imanência

Os «Quatro Elementos Editores» acabam de publicar «O Aleluia», de Georges Bataille, na sua colecção «Fim de Citação». António Guerreiro prefacia a tradição com um pequeno estudo que é simultaneamente uma apresentação de Bataille. Aqui o deixamos:

O bem supremo e o mal supremo são idênticos.

Nietzsche

Deus não é o limite do homem, mas o limite do homem é divino. Dito de outro modo, o homem é divino na experiência dos seus limites.

G. Bataille

DE uma criatura simiesca como Georges Bataille é de esperar um riso soberano (esse mesmo riso que ele diz constituir a prática do gozo perante a morte) sempre que alguém tenta «instalar-se» na sua obra, convertendo-a num saber que homogeneiza os resíduos inassimiláveis e apaga a desmessura de uma experiência — interior, literária — que não tematiza sob a forma de teoria, nem sob a forma pura de literatura. Nem completamente téticos, nem completamente poéticos, os textos de Bataille (e, muito particular, *O aleluia*) participam de uma natureza plural, afirmando o poder da metáfora e da ficção contra a homogeneidade do sentido — do *logos*. Para os riscos que uma tal escrita comporta, advertiu-nos Derrida: «continuar a ler o texto de Bataille, a interrogá-lo, a julgá-lo no *interior* do «discurso significativo» é talvez ouvir nele qualquer coisa, é seguramente não o ler».

Os textos de Bataille excedem a construção conceptual, como a vida (a sua grande questão, de facto) ultrapassa a razão. A preocupação metodológica que atravessa todo o seu trabalho é precisamente a de construir um conhecimento do que é, por natureza, inacessível ao saber. Para responder a esta exigência, Bataille substitui a procura do saber pela experiência da perda e do limite. No extremo de tudo o que nós vivemos, espera-nos o *impossível* — esse excesso com que a escrita terá de se defrontar.

Por detrás da *Suma Ateológica* (de que *O aleluia* faz parte, conjuntamente com *Sobre Nietzsche, O culpado* e *A experiência interior*) há um obscuro Tomás que proclamou um dia a identidade de Deus: «Deus é um porco».

Impossível não reconhecer n'*O aleluia* uma outra versão — menos vectorizada narrativamente — dessa novela que dá pelo nome de Madame Edwarda. E se nos quisermos situar exclusivamente ao nível das ideias que lhe estão subjacentes, é todo o pensamento de Bataille que aqui emerge. Fixarmo-nos nos princípios teóricos que este texto ficciona não significa incorrer naqueles riscos de redução à dimensão «lógica» que denunciávamos deliberadamente aquém do texto. Porque este, enquanto espaço onde a representação da ideia afronta dialogicamente a significação da palavra literária, começa no justo lugar em que toda a redução ao «discurso significativo» acaba.

Para Bataille o princípio de insuficiência, de imcompletude, é a base de todo o ser: de um organismo a outro, de um ser a outro, há uma ruptura irredutível que faz erguer um abismo. Fechado na sua unicidade individual, o homem não tem poder para suprimir esse abismo, mas tão-só, por um movimento que excede sempre os limites, sentir a vertigem desse abismo. O homem é um ser insuficiente que tem por horizonte o excessivo dessa insuficiência. Como diz Blanchot, «a insuficiência não se conclui a partir de um modelo de suficiência. Ela não procura aquilo que lhe poria fim, mas antes o excesso de uma falha que se aprofunda à medida que se completa».

Depauperado pela inscrição de uma falta — uma falha — o homem sente que só, ele não é. E daí nasce a necessidade de «comunicação», a absoluta exigência de procurar o ser fora de si, noutro ser — num acto supremo em que ele se põe em jogo, arriscando a sua própria aniquilação. Assim, a existência de cada ser faz apelo a outro ou mesmo a uma pluralidade de seres.

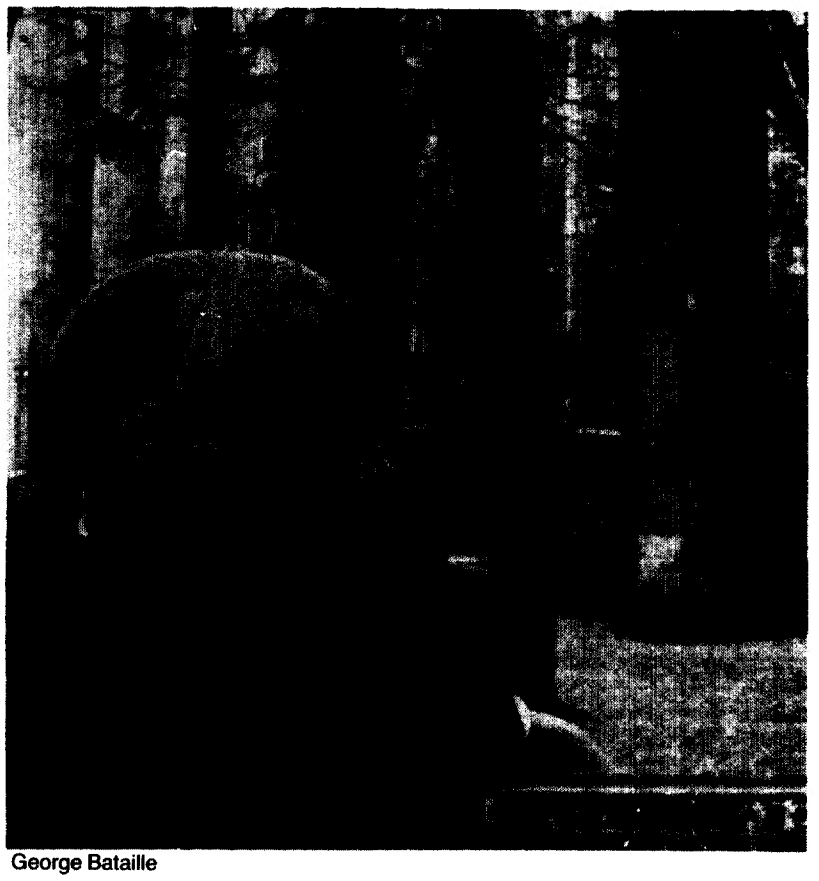
Porém, aquilo que assegura a comunicação é a fissura, a falha escondida dos dois seres que «comunicam». Entre eles não haveria «comunicação» se não se perdessem recirocamente na «ferida» — a falha que constitui. Dois seres humanos atraídos um pelo outro significa que não vêem um no outro o seu ser, mas a sua falta de ser, a fissura que nesse gesto se agiganta e a necessidade de nela se pederem: «não há desejo maior que o do ferido por outra ferida», diz Bataille em «O culpado». Por isso, o princípio fundamental da «comunicação» exige que os seres sejam postos em jogo, colocados no limite da morte e da sua própria negatividade.

O erotismo e a violência sexual são modalidades de acesso à «comunicação» e, por isso mesmo, contrariam a descontinuidade original dos seres. A passagem do descontínuo ao contínuo recobre o jogo fundamental do interdito e da transgressão: «a essência do erotismo é dada pela associação inxtricável do prazer e do interdito. Humanamente, nunca o interdito aparece sem a revelação do prazer, nem o prazer aparece jamais sem o sentimento do interdito», diz Bataille em O erotismo.

O objecto do interdito tem, para Bataille, um valor social definido por aquilo que é rejeitado ou excluído da homogeneidade social, por pôr em jogo o seu funcionamento simbólico, as suas representações ideológicas.

A transgressão, tal como Bataille a pensa, suspende provisoriamente o interdito, mas nunca o suprime definitivamente. E neste ponto deparamos com a contradição irredutível do erotismo e de toda a forma de transgressão: o erotismo é o que deve ser escondido denegativamente para surgircomo encenação dessa contradição absoluta.

No domínio da sensualidade, o que atrai num ser humano não é imediatamente o ser — é a sua fissura, a sua «ferida»: aquilo que, na integridade do corpo, constitui um ponto de ruptura. Esse ponto é revelado pelos orifícios, entre os quais o do sexo, onde o corpo se abre à imundície, ao excremento, e consequentemente à economia não produtiva da perda sem contrapartida que nos introduz na lógica do gasto gratuito, aquilo a que Bataille chama a «dépense». Trata-se, assim, de distinguir entre gastar segundo uma lógica da produtividade, legitimada pelo ciclo da produção, com vista a uma mais-valia, e gastar por gastar, sem qualquer contrapartida que reverta num processo de produção. A noção de «dépense», em Bataille, foi directamente inspirada pelo princípio do «potlach» que Marcel Mauss introduziu a propósito das actividades rituais e sagradas nas sociedades primitivas.



George Bataille

Em Bataille, o *sagrado* é exactamente tudo aquilo onde se revela a continuidade do ser: o erotismo, a morte, o sacrifício, a poesia, a experiência interior (ou mística) são formas rituais com valor equivalente porque todas elas se fixam na morte de um ser descontínuo. E a noção de «dépense» recobre-as a todas igualmente.

Podemos, portanto; distribuir as actividades humanas em função dos paradigmas do sagrado e do profano: são *profanas* as actividades que tendem ao estabelecimento de uma homogeneidade do mundo, excluindo todo o elemento heterogéneo, são *sagradas* as actividades que transgridem os interditos estabelecidos, introduzindo um gasto improdutivo. A passagem da descontinuidade à continuidade, assegurada por um *sacrifício*, constitui a passagem do profano ao sagrado.

A ciência do heterogéneo — a que Bataille chamou *heterologia* — consiste precisamente no conhecimento do absolutamente Outro, do que se revela no extremo da experiência limite. Mas é o próprio Bataille que reconhece imediatamente o estatuto impossível desta ciência: o heterogéneo é aquilo que está definitivamente colocado fora da esfera do conhecimento científico. Com efeito, a ciência procede segundo uma lógica que a obriga a estabelecer identidades, a reconduzir o outro ao mesmo. Como seria então possível fundar uma ciência do que é irredutível à identidade? Do Outro — da continuidade do ser, do sagado — só podemos ter a *experiência*, porque ele não é cognoscível.

Ao contrário do que se passa na ciência, é na *experiência interior* que se revela o sem-fundo da negatividade e da diferença absoluta, é através dela que o ser se expõe ao infinito da alteridade. A experiência interior — o êxtase — anula a funcionalidade do homem e da própria linguagem articulada, porque impõe um soberano silêncio, um *continuum* que transgride o limite da diferença discursiva.

O sentido último do erotismo é, decididamente, a morte. É por isso, aliás, que os termos que Bataille emprega a propósito do erotismo são retomados a propósito da morte. É que o erotismo e a violência sexual encontram, no limite do seu movimento, algo que excede sempre os limites e coloca o homem em situação de perda. Esta perda começa na nudez. O desnudamento é decisivo porque faz triunfar a fealdade formal dos órgãos sexuais, a força luminosa da obscenidade, sobre a beleza voluptuosa do rosto.

O homem reconhece-se ligado precisamente àquilo que lhe provoca mais horror. Só o erotismo nos dá acesso à carne — esse excesso que está para além da nossa representação do corpo, e que é a sua inscrição inapreensível. Por isso, a carne é o inimigo nato de todos aqueles que estão marcados pelo interdito cristão.

A vaga de voluptuosidade que o erotismo implica não cessa de glorificar o ser, de fazer a sua nudez ainda mais nua, de tornar o impudor ainda mais vergonhoso. Só o desnudamento e o sentimento de obscenidade, que a visão dos órgãos sexuais introduz, podem abrir o corpo à continuidade, à desapossessão de si mesmo. O carácter excessivo do obsceno traz consigo a marca da passagem do homem ao animal. Embora Bataille reconheça que o erotismo começa onde o animal acaba, a animalidade é sempre o seu fundamento. O erotismo, sendo especificamente humano, permite ao homem, não de regressar à animalidade, mas de a reintroduzir sem deixar de ser homem.

Quando a rapariguinha de que se fala em O aleluia (uma Madame Edwarda anónima), possuída pelo delírio de estar nua, exibe o seu sexo como a parte mais sagrada do seu ser, dá-se a passagem do ignóbil ao sublime. Por esse gesto, ela rompe com o mundo e é reconduzida a uma singularidade inapreensível. Como Madame Edwarda, ela poderia dizer nesse momento: «eu sou Deus». O aleluia — a saudação Deus — significa que nessa experiência específica dos limites do sujeito em que Deus é negado, ele é todavia posto em jogo naquilo que essa negação implica. Daí esta proposição de Bataille, em O culpado: «Deus não é o limite do homem, mas o limite do homem é divino. Dito de outro modo, o homem é divino na experiência dos seus limites».

O que a obscenidade revela é que a sexualidade humana nunca é «natural». Como notou Guy Scarpetta (a propósito de Bataille, precisamente) «a obscenidade opõe-se à pretendida naturalidade da sexualidade humana: ou melhor, opõe-se tanto ao puritanismo (para quem o sexo, porque natural, é «mal»: reconduzindo o homem à animalidade), quanto ao sexualismo permissivo (para quem o sexo, porque natural, é «bem»: uma animalidade feliz, optimista, progressista). A obscenidade, por seu lado, supõe simultaneamente o sentido do pecado (contra o sexualismo) e a sua transgressão (contra o puritanismo)».

«Um novo místico» foi como Sartre qualificou Bataille num artigo sobre *A experiência interior*, publicado em 1943 nos *Cahiers du Sud*, e tristemente célebre pelo que há aí de desentendimento das verdadeiras questões pensadas por Bataille. Bataille é de facto um místico (é precispo dizê-lo sem a insidiosa má-fé que Sartre punha nessa qualificação). A experiência extática, tal como ele a pensa, é a conquista de uma soberania, isto é, o acesso a um cume em que o homem se furta definitivamente à sua funcionalidade e se defronta com o impossível, até ao ponto em que Deus se converte na possibilidade mais extrema do homem. A mística de que aqui se trata é a aniquilação extática do teológico, mas também do teleológico. Como observou Derrida, a ateleologia de Bataille é também uma a-teologia e uma anescatologia. Mística que não anula a facticidade da existência para desembocar numa plenitude absolutamente transcendente, mas uma mística da imanência que afirma a própria condição da imanência como impossibilidade radical de plenitude. Trata-se de uma mística da afirmação trágica, tal como a encontramos em Nietzsche. A nova mística de Bataille não fala em nome do «Très-Haut», mas de um «baixo materialismo» que não implica uma ontologia, proclamando somente que a matéria é a coisa em si que, por isso, não pode ser submetida seja ao que for.

A «comunicação» dos seres é assegurada pelo mal e, em *Sobre Nietzsche*, Bataille afirma: «a aspiração extrema, incondicional do homem foi expressa por Nietzsche pela primeira vez independentemente de um fim moral e do serviço de um Deus». Seria todavia errado supormos que não há em Bataille uma procura ética, a exigência de uma moral. Só que a moral que atravessa obsessivamente o pensamento de Battaille não é fundada sobre uma transcendência, não procura a sua legitimidade em Deus ou algo que o substitua. Ao contrário de uma moral cuja essência é o de estar submetida a um princípio de utilidade, e que se afirma a si mesma como um valor, a moral proposta por Batille é a exigência da prioridade do homem que eu sou, sem a opor ao bem dos outros. Trata-se de uma moral imanente que só é válida na medida em que nos põe em jogo, sem responder a exigências exteriores e que, no seu extremo, afirma uma identidade inextricável entre o bem e o mal, tal como Nietzsche já a tinha proclamado: «o bem supremo e o mal supremo são idênticos».

António Guerreiro

A versão de Otelo Saraiva de Carvalho

■ O LerEscrever publica, em primeira mão, parte da introdução que o principal réu do processo da FUP/FP escreveu para o seu livro «Acusação e Defesa em Monsanto»

O LerEscrever noticiou na semana passada a saída de «Acusação e Defesa em Monsanto», de Otelo Saraiva de Carvalho. Hoje, divulga a parte final da introdução que o autor escreveu para o seu livro, que deverá encontrar-se em livraria antes do final de Março.
A parte do texto que seleccionámos para publicação inicia-se com a análise da situação política do País a partir da formação do primeiro governo constitucional, depois das eleições legislativas de 25 de Abril de 1976, e abarca a constituição da OUT, da FUP e a acção das FP-25, além do «projecto» que Otelo, principal réu no actual julgamento de Monsanto, quis levar por diante.
Aqui fica a sua versão dos factos, tal como os leitores a encontrarão no livro prestes a sair dos prelos.

APESAR de todas as suas cedências, o 1.º governo constitucional, formado a partir das eleições parlamentares de 25 de Abril de 76, não vai tão longe quanto a direita pretende e vê-se apertado entre dois fogos, em o PC e a CGTP, por outro lado, a promoverem manifestações e greves consideradas desestabilizadoras.

No final desse ano de 77, a crise agudiza-se. Um grupo de oficiais generais apresenta-se a Eanes, em Belém, colocando-se à sua disposição para apoio de medidas lentas a tomar com vista à imposição de um regime forte. É a perspectiva de uma nova ditadura militar, que Eanes recusa. Numa intervenção dramática no Parlamento, em 8 de Dezembro, o primeiro-ministro Mário Soares critica os partidos ali representados e afirma estarem criadas todas as condições para o regresso do fascismo ao nosso país, o que não impede a queda do governo do PS, a formação mais à direita do leque parlamentar, que governará o País durante a primeira metade de 78.

Todos estes acontecimentos me preocupam grandemente. Sinto necessidade de agir. Contino a reunir-me regularmente com os elementos independentes do gabinete pessoal, que havia constituído para a campanha eleitoral, que me desaconselham de tomar qualquer iniciativa. E analisando a situação política, em dirigentes das formações partidárias da esquerda revolucionária que tinham apoiado a minha candidatura, verifico que o sentimento de retracção é generalizado e que se encaram com desconfiança e dúvida quaisquer propostas de actuação conjunta e unitária, apesar do receio e da desorientação das massas populares, face às experiências anteriormente fracassadas.

O aparelho do PRP

Mas os dirigentes do PRP concordam com as minhas análises e apoiam a minha perspectiva de criar uma organização de trabalhadores capaz de resistir a um golpe fascista se ele vier a desencadear-se. Colocam à minha disposição o aparelho partidário com vista a promover amplas reuniões de pessoas que em 76 tenham apoiado a minha candidatura e em mim votado em todo o País. E assim, durante boa parte desse ano de 77, estarei presente em dezenas de reuniões à porta fechada, devido ao facto de não poder actuar publicamente e constituindo, por isso, actividade privada, durante as quais transmito aos meus apoiantes anónimos a minha mensagem de alerta e a necessidade de organizar a resistência para o que der e vier. Falo na possibilidade de cnstituir uma espécie de Exército Populr Revolucionário, secreto, capaz de pegar em armas contra o fascismo se tal for necessário. E como é necessário também contarmos com o apoio dos trabalhadores que cumprem nos quartéis o seu tempo de serviço militar. Mas considerando ser indispensável que esta mensagem continue a ser transmitida e que a organização participe abertamente na actividade política e nas lutas de massas, proponho a criação de uma organização política de massas (OPM) que para tal fim se legaize como associação ou partido político.

Perante a boa receptividade dos milhares de apoiantes com quem contacto, consubstancio assim uma organização complexa, que designo por Projecto Global, formada por três componentes, uma, aberta, que se irá constituir e legalizar como associação política, a OPM, e duas fechadas, uma formada por civis, que designo por Estrutura Civil Armada (ELA) e outra por militares a que chamo«Quartéis», ambas destinadas, no seu conjunto, a implementar o «Exército Popular Revolucionário». E logo nesse ano de 77 escolho, dentre voluntários, os companheiros que se irão encarregar de organizar a «Estrutura Civil Armada», enquanto outros, por mim credenciados, viajam ao exterior para conversações com dirigentes de organizações políticas de países amigos do chamado Terceiro Mundo com vista à obtenção de apoios financeiros para o Projecto Global em lançamento.

Barradas e Figueira

Em 14 de Janeiro do ano seguinte presido a uma últimareunião com cerca de 150 delegados de todo o País no anfiteatro de Química da Faculdade de Ciências de Lisboa, na Rua da Escola Politécnica, onde é nomeada por voluntariado a Comissão Organizadora do Congresso de formação da componente aberta OPM e distribuídas funções provisórias. A ela assistem possivelmente, tal como já o teriam feito em outra reunião anterior de promoção e esclarecimento, José Manuel Rosa Barradas e José Alexandre Figueira, que em 28 de Fevereiro de 83 virão a ser presos no jardim do Carregal, em Vila Nova de Gaia, em consequência de um tiroteio travado com agentes da PSP e acusados de pertencerem às FP-25 e que em Março do ano seguinte, aliciados finalmente para colaborar com a Polícia Judiciária e por esta instados, farão referência às reuniões que mencionei e a que terão assistido mas situando-as, por sugestão dos interpelantes, em «finais de 79 princípios de 80», de modo a enquadrá-las numa perspectiva de preparação do lançamento das FP-25 que ocorreria em Abril de 80, recordando-se

também de que eu, talvez na necessidade de criação de um «Exército Popular Revolucionário», que a mesma Polícia resolve acolher como sendo uma designação enfesmática para as FP-25.

Aprovada a sigla OUT

Em 7, 8 e 9 de Abril de 1978 assisto como convidado ao Congresso de Formações da OPM, que aprova a sigla OUT — Organização Unitária de Trabalhadores — para a nova associação política. E dois meses e meio depos, em 20 de Junho, uma vasta acção policial desencadeada por motivo do baleamento mortal de um agente da PJ no Porto leva à prisão alguns dos principais dirigentes e militantes do PRP, o que constitui motivo de forte perturbação na OUT, que cria uma Comissão de Solidariedade com os Presos Antifascistas (CSPA) para apoio dos companheiros detidos.

Em Outubro desse ano, um ex-dirigente do PRP, partido que se diluíra com a sua quase total integração na OUT, apresenta-me uma proposta escrita no sentido de definir concretamente as missões e a direcção estratégica do «Projecto Global» e das suas componentes, com a inclusão de uma quarta, constituída por mim próprio e um «estado-maior» por mim escolhido, como aglutinador e referencial de toda a organização e possível pólo de unidade de esquerda revolucionária no seu todo. Aceito a proposta, que faço chegar às mãos de Carlos Antunes, preso em Caxias, para estudo e aprovação, o que não é conseguido por falta de condições.

A partir da sua formação a OUT, sede de produção ideológica e de actividade política aberta do Projecto Global, desenvolve a sua acção como associação política dentro das suas capacidades e limitações. Reforça os seus apoios no exterior. Organiza, em Fevereiro de 79, um grande encontro internacionalista de organizações de esquerda revolucionária. Por sugestão de uma das mais fortes organizações solidárias, cujo governo pretende incrementar a actividade comercial com o nosso país, funda no mesmo ano uma estrutura comercial de importação e exportação. E implementado e concretizando o «programa de luta imediata» aprovado em Abril de 78 no seu Congresso de Formação, apoia o lançamento em 1980 da JAR (1) e da CNASPEL (2) e participa activamente na constituição de uma frente eleitoral partidária, a FUP — Força de Unidade Popular —, que é publicitada pela sua direcção provisória, por mim presidida, em conferência de Imprensa realzada em 30 de Janeiro de 1980, e legalizada como partido político em 27 de Julho do mesmo ano com nota a participar nas eleições parlamentares de Outubro e a poiar a minha segunda candidatura presidencial em Dezembro.

Divergências insanáveis

Porém, divergências insanáveis que se vão cavando entre as formações partidárias que integram a FUP, tal como fora apresentada em Janeiro e o aparecimento público das FP-25 em Abril de 80 e, sobretudo, as acções armadas logo levadas a efeito por esta nova organização clandestina, sobre as quais são conflituais as posições adoptadas pelos diferentes partidos da FUP, conduzem a curto prazo à ruptura e à desagregação da nova frente eleitoral em formação, de tal modo que quando ela se legaliza como partido para efeitos eleitorais apenas a integram, além de independentes oriundos da FSP (1) e outros, a OUT e o PRP. Finalmente, com a extinção deste último, anunciada por seus ex-dirigentes vão presos e em consequência de cisão irreversível verificada no interior daquele partido em Dezembro de 1979 e com o abandono da maior parte dos independentes após a eleição presidencial de 7 de Dezembro de 80, a FUP fica praticamente reduzida, a nível dos seus dirigentes, àqueles que já eram dirigentesda OUT, verificando-se também uma duplicidade de grande número dos seus militantes, repartidos por ambas as organizações, situação que será objecto de longa discussão e só será clarificada no 1.º Congresso d FUP realizado no Vimeiro em 1983, desde quando passa este partido a assumir o lugar de componente aberta (OPM) do Projecto Global.

Desde a década de 70 qu o «terrorismo» está na ordem do dia, na Europa, na América Latina, no Médio Oriente. Os poderes instituídos, ditatoriais ou democráicos, falando aos medos da população, medos antigos mas hoje alimentados pela urbanização e visando tanto a pequena delinquência como a degradação da vida colectiva, usam e abusam da «luta contra o terrorismo» como pretexto para reforçarem enormemente os efectivos e meios dos seus aparelhos de repressão e aumentarem esta sobre os trabalhadores. Fazendo constante apelo à «ordem e à segurança» (das palavras mais utilizadas em qualquer campanha eleitoral...) dos cidadãos, os partidos e os dirigentes que se reivindiquem de uma luta sem tréguas contra o «terrorismo» conseguem obter bons dividendos políticos sobretudo junto das classes média e alta, temerosas.

As acções armadas das FP

Mesmo apesar de as acções armadas características das FP-25 terem pouco em comum com as graves acções de violência armada levadas a efeito em países estrangeiros onde o fenómeno se verifique, não há grande partido ou seu dirigente que enjeite o argumento que se lhe oferece, até se servindo dele, estando na oposição, para atacar o governo que não toma medidas eficazes para eliminar a «ameaça terrorista» para dela se aproveitar reprimindo os trabalhadores ou, do governo fazendo parte, inculpando outros partidos de favorecer, criar condições ou até, sorrateiramente, apoiar ou estar por detrás da 1organização terrorista». O próprio Mário Soares, como primeiro-ministro, algumas vezes deixou implícito, em intervenções públicas, uma delas no Parlamento, sem lhe fazer referência específica, serem as FP-25 uma emanação do PC.

Estavam criadas as condições e dado o sinal de partida para um jogo de deve e haver em que, até agora, não se vislumbra a recolha de dividendos por ali além para qualquer dos contendores um grupo numeroso de cidadãos, incriminados como réus num processo absurdo, constitui o peão das riscas no xadrez (sem ironia!) dos diferentes interesses em confronto, mas paradoxalmente convergentes, recolhendo a totalidade dos prejuízos.

Em 1 de Janeiro de 84, a dr.ª Cândida Almeida, que é militante do PC, é colocada pelo dr. Marques Vidal, então figura preponderante da PGR (1) como delegada do Procurador da República junto dos TIC (2) de Lisboa e especialmente encarregada de orientar superiormente a investigação sobre as FP-25, a cargo da DCCB (3). Constitui a sua equipa de trabalho. E sabe-se que há bons quadros — inspectores, subinspectores, agentes — naquela Direcção Central que são também militantes do PC.

Em Março, após mais de um ano de prisão preventiva, os arguidos Barradas e Figueira, indicados como elementos das FP-25, cedem ao aliciamento e resolvem-se a colaborar com a DCCB a troco de benefícios futuros.

A incriminação OUT/FUP

Orientando a inquirição dos dois colaboradores no sentido de uma possível incriminação da OUT e da FUP, organizações de que ambos têm um conhecimento superficial, por nelas terem tido vaga militância, os investigadores recorrem a ficheiros em parte desactualizados de partidos «esquerdistas», com especial incidência no PRP, para recolha de identidades de potenciais suspeitos, e procuram obter de Barradas e Figueira todos os elementos que lhes permitam identificar-me com as FP-25. Utilizam um fácil processo de chantagem sobre um pobre toxicómano que fora sócio de dois irmãos, antigos militantes do PRP, numa pequena indústria de curtumes, e a quem estes haviam demitido e apresentado queixa na Polícia por roubo de peles na empresa. Pelo menos a promessa de ser arquivado o processo em que é arguido e a resolução a seucontento do problema de uma viatura que fora adquirida em seu nome, são suficientemente aliciantes para que o farrapo se desunhe em prestar à DCCB as mais ridículas, contraditórias e mirabolantes declarações, envolvendo só à sua conta cerca de doze pessoas (incluindo-me no rol) que só por essa razão e por terem sido militantes do PRP, da OUT ou da FUP serão detidas na acção policial de 19 de Junho. Com as declarações (!) do biltre, que será arredado como primeira testemunha (!)

Continua na pág. 7

...Não considero os partidos indispensáveis à Democracia

Continuação da pág. 6

de acusação a depor no Tribunal de Monsanto, assinadas em 7 de Junho, a delegada do Procurador, Cândida Almeira, considera completado o quadro tosco da minha indicação como promotor, fundador e dirigente da FP-25! Só lhe falta encontrar um juiz de Instrução Criminal que, perante os argumentos que lhe sejam colocados, se mostre disponível para dar cobertura ao imbróglio e consistência à trama, legalizando a acção policial com a ratificação de uns e a emissão de outros mandados de captura, busca e apreensão e com a assunção da responsabilidade de instrução do processo-crime.

Em véspera de partida para a sua viagem oficial ao Japão e Coreia do Sul, o primeiro-ministro preside a uma reunião do «gabinete de crise» justificada pela série de atentados cometidos pelas FP-25 em fins de Maio/princípios de Junho. É apresentada pelo director-geral da Polícia Judiciária a lista de dezenas de suspeitos a deter, de que não consta o meu nome, encimada por um militante da FUP, Joaquim Dias Lourenço, que no partido desempenha tarefas de menor relevo. Mário Soares supõe tratar-se de um dos mais importantes membros dirigentes do PC, director do «Avante», publicamente conhecido por igual sobrenome e apelido, sem que algum dos presentes, talvez por desconhecimento ou então partilhando da mesma conjectura, o alerte para o engano. E é com natural excitação e um certo sabor a riunfo que a acção policial é sancionada.

Madrugada de 19/6/1984

Às seis e trinta do dia 19 de Junho de 84 são passadas buscas, feitas apreensões de documentos, dinheiro, livros e outros objectos e presas dezenas de pessoas incluindo grande número de membros do conselho nacional da FUP. A minha casa é vasculhada e levaram-me a máquina de escrever, alguns documentos avulsos e os meus cadernos com apontamentos de reuniões várias de órgãos colegiais do «Projecto Global». No dia seguinte, já com Mário Soares ausente do País, Rui Machete, ministro da Justiça, informa Ramalho Eanes, em Belém, ao meio-dia, sobre a iminência da minha prisão.

Nada me custa acreditar que o primeiro-ministro tenha ficado profundamente consternado quando recebeu em Tóquio o telex anunciando-lhe a retenção. Não só porque, a verificar-se a minha culpabilidade, ficara gorada a sua expectativa de incriminação do PC como criador e mentor das FP-25, como também porque, apear das irrecusáveis divergências políticas e ideológicas, que entre nós se verificam, existe entre ambos uma empatia e uma consideração mútua que são conhecidas. O que me leva a pensar ter sido excelentemente aproveitada a ocasião que se oferece de reunião (pedida por quem?) do «gabinete de crise» na véspera da partida do primeiro-ministro para o estrangeiro e nela aresentada a lista de pessoas a deter não contendo o meu nome. Tivesse sido ele incluído e o caso tomaria um rumo diferente, pois Mário Soares não permitia que a acção se desencadeasse sem me chamar ao seu gabinete para explicações.

O PC salda velhas contas

A direcção do PC é quem mais beneficia concretamente com os resultados da operação policial, embora contabilizando os seus dividendos discretamente, em «fundo privativo»: 1º — prova que o partido, afinal, nada tem a ver com as FP-25, contrariamente às insinuações publicamente afirmadas, por alguns adversários políticos e demonstra a sua cabal aceitação das regras do jogo democrático-burguês, atestando o seu bom comportamento; 2º — Salda comigo contas velhas se da operação resultar uma pena pesada de prisão (o delegado do Procurador da República proporia 20 anos, pena máxima, no final da alegação!), pela qual a turma da acusação irá bater-se com denodo, ou, no mínimo, um longo período de prisão preventiva; 3º — vê serem fortemente abaladas as possibilidades de intervenção política, sobretudo a nível de participação nos actos eleitorais que se avizinham, de um pequeno parteiro de esquerda revolucionário que apesar da sua reduzida dimensão pode desviar alguns votos do caminho certo do «voto útil da esquerda».

As penosas recordações ainda muito vivas dos «desvairados tempos do PREC» quano o COPCON figurava o momento dragão revolucionário para a direita e a extrem-direita, ofereceu as estes sectores e aos partidos que os representam uma confortante compensação. Não tenho dúvida de que a previsão da minha prisão por tempo longo deu a gente dessa área uma óbvia satisfação. E na tal recolha de dividendos pessoais como dirigentes políticos liderando o combate ao terrorismo em Portugal, foi quase ridícula a compita que se observou entre Rui Machete, ministro da Justiça, e Mota Pinto, desempenhando inteiramente as funções primo-ministeriais na ausência ao titular, afirmando-se cada um deles como o primeiro responsável pela oportunidade e firmeza na acção desencadeada.

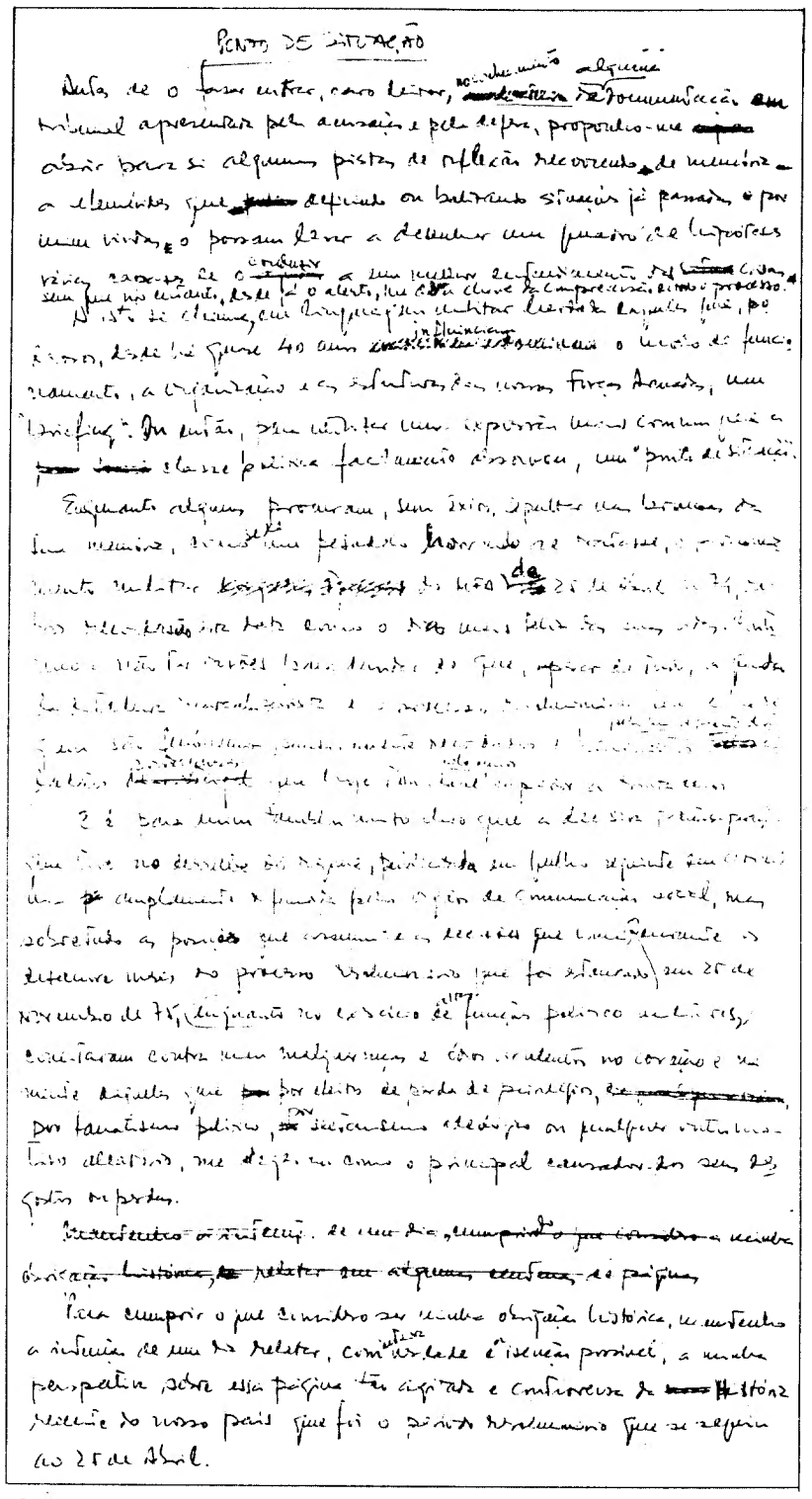
Soares sem alternativa

Regressado ao País e confrontado com a situação que o colhera de surpresa, Mário Soares não tem alternativa, pois qualquer atitude que tome, nem que seja solicitar a apresentação dos «indícios fortes» que teriam justificado a minha prisão, pode ser pretexto utilizado pelos partidos adversários para acusar o primeir-ministro de intromissão na área do poder judicial com vista a tentar beneficiar Otelo e o terrorismo. Aguardam, em vão, qualquer passo em falso de Mário Soares que, hábil e prudente, não o dará. Numa reunião de Comissão Política do MDP/CDE alguns quadros bem intencionados perguntam à mesma se o partido não vai tomar posição pública de solidariedade para comigo e recebem negativa: «ele que peça apoio ao seu amigo Mário Soares, com quem esteve a jantar em Nafarros uma semana antes de ser preso». A verdade é que eu nem sequer sei onde fica Nafarros e nunca estive em qualquer residência de Mário Soares, pois a nossa relação, sendo cordial não é tão íntima como isso.

Era minha intenção fazer um breve ponto de situação antes de lhe abrir a porta, caro leitor, para a temática da acusação de que fui alvo e como dela me defendi, por mim próprio ou por intermédio do meu patrono, no Tribunal de Monsanto. Mas desfiar recordações é como comer cerejas, vêm umas atrás das outras. E esta introdução à matéria já vai, afinal, em algumas dezenas de páginas.

Como pode verificar, através da sua leitura, não foi um propósito dar-lhe resposta para o porquê da minha detenção e da dos principais dirigentes da FUP e do longo tempo de prisão preventia por nós sofrido mas apenas fornecer-lhe dados e abrir pistas para sua própria reflexão e construção da hipótese que considero mais provável.

Adicione-lhes alguns traços que do meu carácter desenho em auto retrato — o gosto pela aventura sem ser aventureirista, o prazer do risco sem ser temerário, a dificuldade em rejeitar um desafio, a ecessidade de constantemente me pôr à prova perante mim próprio, de assumir responsabilidades e de bem executar as tarefas de que for incumbido de forma a que não me seja regateado o elogio e o aplauso — que justificam a situação em que o Destino me colocou para desempenhar o papel que foi o meu no 25 de Abril de 1974.



O início do original manuscrito de Otelo Saraiva de Carvalho

O impossível leva mais tempo

Mas também a falta de prudência, a ausência de uma necessária dose de calculismo, a rejeição do oportunismo, um por vezes desajustado espírito de conciliação e uma efectiva ingenuidade, a que neste bosquejo não dou o significado de tolice ou parvoice (a minha autocrítica não podia ser tão impiedosa como isso...), e defi-no-a através de três vectores fundamentais: — o total crédito de confiança que por princípio dou a todas as pessoas com quem travo conhecimento até me ser provado que o não merecem; — o ter sempre considerado que a coerência, em política, é uma qualidade e prática a usar a todo o custo, quando afinal me vi obrigado a concluir que é defeito (e nesta visão distorcida da realidade, a culpa cabe principalmente à minha formação militar); a ideia peregrina de que a Verdade é revolucionária e deve ser utilizada com inteireza, o que, tive que reconhecê-lo, em política é também defeito grave, sendo qualidade o uso da verdade só perante ela tem para nós utilidade, na perspectiva do pragmatismo fflosófico apontado por William James.

E já que nomeio um filósofo, recordo o sociólogo Max Weber que no seu estudo sobre a utopia afirmou estar rigorosa e cientificamente provado que o omem não teria nunca alcançado o que existe e foi possível, se não tivesse lutado sempre por conseguir atingir o impossível. Quando eu era cadete da Academia Militar guardei na memória a frase de uma personagem célebre que me impressionou: «o que for possível faz-se já, pois o que é impossível leva mais tempo».

Parecia impossível e fez-se o 25 de Abril e Manuel Alegre profetizou-o (com utopia?) num dos seus poemas de Argel. Parecia impossível e não se fez (e, caramba, podia ter-se feito!) uma revolução que, instituindo a democracia directa e o Estado de Poder Popular, levasse os trabalhadores ao Poder para, criando um modelo cívico em todo o mundo e não copiando apenas os figurinos já conhecidos e estafados da velha Europa, construírem um socialismo autêntico, de base, segundo o ideal comunista da sociedade sem classes.

Adicione aos factores que atrás mencionei; caro leitor, esta minha apetência por trilhar a senda difícil da utopia (a luta inútil por causas impossíveis, como dizem alguns) e aí tem as razões (ou pelo menos parte delas) que levam os cronistas a considerar-me «figura controversa» do processo revolucionário vivido em Portugal em 74-75, amada por aqueles em que mantive desperto o sonho e viva a esperança numa sociedade de fraternidade, igualdade e bem-estar, odiada pelos que em mim identificaram a perda dos seus privilégios, a desordem, o caos da sociedade pantanosa e aparetemente estável em que antes viviam, o perigo da inversão das prerrogativas sociais a que se haviam habituado.

O meu espírito libertário, independente, inconformado, violador de regras, tornam-me impopular entre os partidos políticos que, contrariamente à norma geralmente enraizada e aceite, não considero indispensáveis e fundamentais para o funcionamento da Democracia (entendida no seu sentido etimológico de Poder do Povo), pelo que uns me classificam como antidemocrata, outros anticomunista, a extrema-direita me classifica como «comuna» e o PC faz constar entre os seus militantes ser um perigoso agente da CIA.

Uma placa de cobre

A minha família, os meus amigos, aqueles que mais de perto me conhecem, sabem que nunca, em momento algum, foi o meu equilíbrio perturbado pelos apodos que me gredaram, pelos insultos que me lançaram, pela distorção dos traços com que os meus adversários e inimigos desenharam o meu retrato, pela deturpação hedionda das minhas frases por mais bem intencionadas que elas fossem.

A minha absoluta tranquilidade de consciência, resultante da forma rectilínea como procurei trilhar o percurso pejado de obstáculos que ao longo destas páginas vos resumi, na recusa permanente de privilégios pessoais, de promoções e honrarias, no combate persistente pela concreta melhoria das condições de vida, pela recuperação da dignidade e pela manutenção da liberdade do Povo do meu país, naturalmente sacrificando interesses de uma minoria anteriormente privilegiada.

De tal forma que os meus adversários políticos se vêem obrigados a recorrer à mentira e à deturpação da realidade histórica para contra mim virarem o sentimento das suas bases militantes.

Sei que o papel fundamental que há treze anos desempenhei e inscrevi, com o 25 de Abril, na nossa História Contemporânea, a popularidade que granjeei e a controvérsia que sobre mim se gerou, o ideário, subversivo para o regime instituído após Novembro, de que me tornei arauto e expoente, me transformaram em figura incómoda e a isolar necessariamente, por questões de segurança. E por isso compreendo as razões por que, no momento em que termino este «ponto de situação», cumpro o milésimo dia de mais uma detenção preventiva. Mas com a imensa tranquilidade de quem sabe poder fitar de frente seja quem for neste país sem ter que baixar os olhos.

Tenho em minha casa, oferecida por alguém logo após o 25 de Abril, uma pequena placa de cobre onde está gravada, em inglês, a oração de Francisco de Assis com que abri esta introdução.

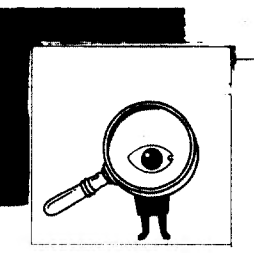
Foi o que, em 19 de Junho de 84 e depois, uma vez mais procurarei cumprir.

Março 87

Otelo Saraiva de Carvalho

*** Subtítulos da responsabilidade do** Ler Escrever

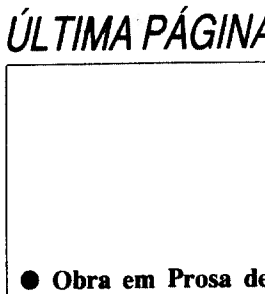
Acabados de Chegar



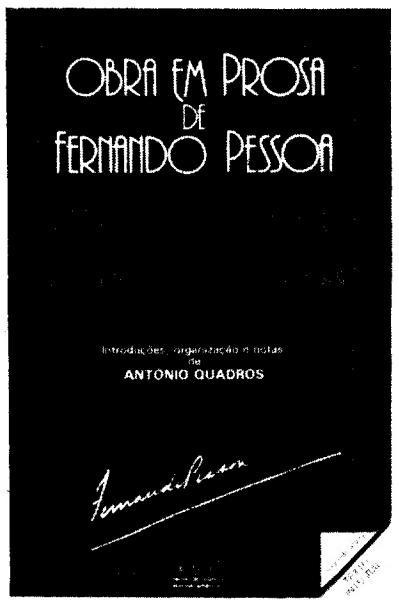
● Obra em Prosa de Fernando Pessoa, introduções, organização e notas de António Quadros. Publicações Europa-América. Col. Livros de Bolso

Em 1986, as Publicações Europa-América edtavam a Obra Poética de Fernando Pessoa, em sete volumes, também organizada por António Quadros. A apresentação de Pessoa continua agora com a sua Obra em Prosa, cujo conhecimento António Quadros considera indispensável para o entendimento da poesia de Pessoa.O organizador dos volumes agora publicados chama a atenção, por exemplo, para o mdo como nos seus textos teóricos Pessoa abordou a heteronímia, que aparece aí como «uma tentativa singular, única na história da cultura europeia, de interiorizar e assumir uma gama trans-individual do humano, do ser ao mesmo tempo eu e o outro, eu e os outros...».

Os textos de Fernando Pessoa foram reunidos em 10 volumes:



I: — Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas. Neste livro encontram-se os textos de introdução do poeta escritos entre 1906 e 1914; uma larga antologia de cartas, avultando as dirigidas à mãe e à namorada Ofélia Queiroz, bem como a Teixeira de Pascoaes, a Jaime Cortesão, a Mário de Sá-Carneiro, entre outros; e ainda as notas biográficas que Pessoa escreveu e as notícias necrológicas da sua morte.



II — Textos de Intervenção Social e Cultural. A Ficção dos Heterónimos. Este volume, é, por assim dizer, o «testemunho da participação crítica ou teórica do poeta, antes de mais nada nos movimentos culturais a que deu a sua adesão ou que lançou ou ajudou a lançar: o da Renascença Portuguesa, em 1912; o do Orpheu, do Modernismo e do Sensacionismo (...) sensivelmente de 1915 a 1919; o da revista «Athena», em 1924; e o da luta por uma nova emergência da portugalidade». Quanto à «Ficção dos Heterónimos» damos a palavra a Pessoa, que afirmava: «quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo. Sou variamente outro do que um eu que não sei que existe (se é esses outros)... Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas...»

III e IV — Livro do Desassossego, por Bernardo Soares. Publicado pela primeira vez na íntegra, em 1982, «O Livro do Desassossego» constituiu um dos projectos favoritos de Pessoa, que nele trabalhou ao longo de quase toda a sua vida.

V — Ficção e Teatro. Inclui «O Banqueiro Anarquista», Novelas Policiárias; «O Marinheiro» e outros.

VI — À Procura da Verdade Oculta 6 Textos filosóficos e esotéricos.

Volume que António Quadros divide em três partes, correspondentes, segundo ele, a tantos outros estádios dominantes em Pessoa: o estádio filosófico, o estádio neopagão e o estádio gnóstico. No entanto, como alerta o organizador da obra, não se deve «interpretar estes estados como fases em sentido absoluto, dentro de uma cronologia da expressão do seu pensamento, porque eles coincidem por vezes». Isso mesmo o disse Pessoa, ao afirmar num das suas cartas: «não evoluo, Viajo».

VII — Portugal, Sebastianismo e Quinto Império. Dos seus conterrâneos disse um dia Pessoa que ão «um grande povo de heróis adiadis». Neste volume, o leitor pode encontrar uma análise sobre o português e a pátria portuguesa, ou sobre o atlantismo e o problema ibérico, entre outros temas.

VIII-Páginas de Pensamento Político-1.1910-1919. A Monarquia e a República, a «Grande Guerra», o sidonismo e a «teoria do sufrágio político» são aqui analisados por Pessoa que se definiu como um nacionalista que se guia pelo lema «Tudo pela Humanidade; nada contra a Nação» e que propunha combater, em toda a parte, a Ignorância, o Fanatismo e a Tirania.

IX-Páginas de Pensamento Político-2.1925-1935. O Estado Novo em O Interregno-Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal», que mais tarde daria lugar a outro Interregno onde o poeta daria o dito por não dito...

X-Páginas sobre Literatura e Estética. Neste volume estão reunidos os principais textos de Pessoa dedicados à estética, à teoria e à história da literatura.

A Abertura do Mundo. Estudos de História dos Descobrimentos Europeus, Vol.I, Organização de Francisco Contente Domingues e Luís Filipe Barreto Ed. Presença, col. Métodos.

Livro que representa uma homenagem à obra de Luís de Albuquerque, «A Abertura ao Mundo» é um conjunto de artigos organizados segundo dois grandes grupos temáticos: Figuras e Problemas da História da Cultura, Ciência e Técnica.

■ Jorge de Sena — Vergílio Ferreira/Correspondência, organização e notas de Mécia de Sena, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Biblioteca de Autores Portugueses.

São ao todo 33 cartas: 18 de Vergílio Ferreira e 15 de Jorge de Sena. Sobre elas diz o próprio Vergílio Ferreira, na introdução ao livro agora publicado: «a nossa troca epistolar foi quase acidental, não relevando portanto de um convívio muito assíduo (...) A nossa amizade foi assim, poderei dizê-lo, fundamentalmente 'intelectual'».

O eu nos outros

Lenta toalha sobre a mesa

TUDO está a passar-se a uma grande velocidade: uma pessoa abre as mão e já não conta os dedos. Sabe que são cinco em cada mão, logo são dez nas duas mãos. Assim sendo, não mais se atenta no polegarzinho de tantas histórias da infância perdida... Nem tu sabes, ò cara, a velocidade que vai por este mundo! Já não se lançam lentamente, num gesto alado, as toalhas sobre as mesas. Tudo são botões de máquinas que tudo fazem — e há uma ignorância desgarradora sobre o que sempre foi um simples botão de rosa. Tudo corre e se some fora do natural fluir das coisas. Repara só, ó cara: um rio não corre, um rio sobrevoa-se...Também uma grande velocidade se apossou de todos os sentimentos: odeia-se num tiro, sem longa tradição familiar, e ama-se num fim-de-semana, sem o lento e apurado fio dos anos. Há uma velocidade feita que se sobrepõe à velocidade que feita nunca foi — e porque assim são as coisas nos tempos que ora correm, tudo se precipitando num vão amanhã subtraído afinal ao dia que é o de hoje, não há quem não busque as farmácias e se apodere de comprimidos da mais vairada química. Aí se procura a calma, o sono, a harmonia — e (não raras vezes) a perdida tranquilidade da consciência. Acredita, ó tu que ainda lês aos sábados e não te enervas com o domingo lento, que este é o tempo de quem abdicou para sempre do amor. Estamos a viver um monstruoso «rally», uma tremenda corrida de carros de todas as fórmulas, um jacto que num instante se perde nos ares... Perguntar-me-ás: «mas qual é o objectivo dessa velocidade...?» Com essa tua pergunta me tomo de alegria, pois fico sabendo que, se a fazes, não te somes veloz no minuto em que te contemplo. Olho-te — e tu estás simplesmente como se deve estar. Tudo, mas tudo, te emoldura: o ambiente da tua casa, as ruas que cruzas comigo, o ar da tua atenção. Não que tu estejas presa, mas porque sabes prender os outros com a tua presença, Porque sabes, ó cara, acompanhar o meu passo — e, sem confissões mútuas, sabemos que há um ritmo que feito nunca foi. Um eterno ritmo que é das coisas, das pessoas, das paisagens. Oxalá esse ritmo paute sempre as nossas vidas, mesmo que um dia não mais sejamos um do outro, e nos leve a ter na memória, sem qualquer surpresa, o lento lançar de uma toalha sobre a mesa...

Pedro Alvim

O DIREITO DE MORRER
SUICÍDIO E EUTANÁSIA
Um tema controverso
Um livro para um público adulto
Por
Álvaro Lopes-Cardoso

Tem o Homem o direito ao suicídio? Tem o Homem o direito à eutanásia? Tem o Homem o direito a morrer com dignidade, quando e como quiser?

Qual a posição dos médicos quanto à manutenção da vida de um doente terminal, para o qual não restam esperanças? Quem determina esse ponto? Que questões éticas e morais se levantam?

Ao editar este livro, Europa-América tem consciência da controvérsia que o tema irá gerar. Mas não é lúcida nem objectiva a posição de enterrar a cabeça na areia para não se enfrentar qualquer problema.

O objectivo da edição desta obra, da autoria de um conceituado juiz português, é o de trazer elementos de informação e de reflexão a um público adulto, com ideias já firmes sobre o Homem, a sociedade e a vida.

Um livro que, sendo do interesse geral, deverá ser de leitura obrigatória para todos os médicos e advogados, porque trata de um tema que a todos interessa e a todos afecta!

UM NOVO LIVRO DE AUTOR PORTUGUES

À VENDA
NOS BONS LIVREIROS

EUROPA-AMÉRICA...
...a memoria no futuro